

**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO**  
**FACULDADE DE SAÚDE PÚBLICA**

**(Auto)cuidado, cura e sustentabilidade entre bruxas e  
bruxos contemporâneos em São Paulo**

**Naira Juliani Teixeira**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-  
Graduação em Saúde Global e Sustentabilidade  
para obtenção do título de Doutora em Ciências.**

**Linha de pesquisa: Sustentabilidade e modos de  
vida**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria da Penha  
Vasconcellos**

**São Paulo  
2021**

# **(Auto)cuidado, cura e sustentabilidade entre bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo**

**Naira Juliani Teixeira**

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Saúde Global e Sustentabilidade para obtenção do título de Doutora em Ciências.**

**Linha de pesquisa: Sustentabilidade e modos de vida**

**Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Maria da Penha Vasconcellos**

**Versão corrigida  
São Paulo  
2021**

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

#### Catálogo da Publicação

Ficha elaborada pelo Sistema de Geração Automática a partir de dados fornecidos pelo(a) autor(a)  
Bibliotecária da FSP/USP: Maria do Carmo Alvarez - CRB-8/4359

Teixeira, Naira Juliani  
(Auto)cuidado, cura e sustentabilidade entre bruxas e  
bruxos contemporâneos em São Paulo / Naira Juliani  
Teixeira; orientadora Maria da Penha Vasconcellos. -- São  
Paulo, 2021.  
128 p.

Tese (Doutorado) -- Faculdade de Saúde Pública da  
Universidade de São Paulo, 2021.

1. Sustentabilidade. 2. Autocuidado. 3. Cura. 4. Wicca.  
5. Neopaganismo. I. Vasconcellos, Maria da Penha, orient.  
II. Título.

TEIXEIRA, Naira Juliani. **(Auto)cuidado, cura e sustentabilidade entre bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo.** 2021. Tese (Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa concedida.

Aos bruxos e bruxas que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos Professores José Guilherme Magnani e Silas Guerriero, por terem integrado minha banca de qualificação, pelas sugestões e comentários feitos e pela bibliografia recomendada.

À Professora Maria da Penha Vasconcellos, por ter me aceitado como sua orientanda.

TEIXEIRA, Naira Juliani. **(Auto)cuidado, cura e sustentabilidade entre bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo**. 2021. Tese – Faculdade de Saúde Pública da USP, São Paulo, 2021.

## **Resumo**

A etnografia como um método foi fundamental para a escolha do tema, desenvolvimento e objetivo da tese. Considerando a combinação do trabalho de campo, realizado junto aos bruxos em São Paulo, especialmente os que frequentaram o Santuário da Grande Mãe, templo de wicca situado no bairro da Vila Mariana, com a bibliografia interdisciplinar utilizada, pode ser caracterizada como transdisciplinar a pesquisa. O norte desta é a relação das bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo com a sustentabilidade. Ligado a esta podem estar o (auto)cuidado e a cura, questões significativamente presentes nos discursos, encontros e rituais públicos. O objetivo e contribuição da pesquisa é mostrar que existem, além daquelas socialmente reconhecidas como tal, diferentes formas de expressão da ideia de sustentabilidade, tendo como base os discursos e práticas rituais de pessoas cuja religiosidade e espiritualidade estão, em tese, intrinsecamente ligadas à natureza e que à sua maneira se apropriam de e se identificam com a figura da bruxa, ainda presente e até em evidência na sociedade. A bruxaria contemporânea e seus praticantes, ambos conceituados aqui, estão inseridos numa cultura de (auto)cuidado e cura, a qual é encarada mais seriamente por quem assume o papel de sacerdote/sacerdotisa. O cuidado e a cura se referem a aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais nos âmbitos individual, coletivo e planetário, interligados numa perspectiva holística. A noção de sustentabilidade tem a ver com o tipo de relação que o ser humano estabelece com a natureza para que a vida humana e outras da Terra sejam preservadas. Para ser saudável, essa relação deve ser conduzida com cuidado e responsabilidade. Entre os bruxos são comuns referências a povos tradicionais e antigos que em tese tinham uma relação respeitosa com a natureza, seus ciclos e a mulher, vistos como sagrados. Ao entrarem em contato com mitos desses povos em rituais, parecem acreditar que estão resgatando ensinamentos para lidarem consigo, com os outros e a natureza de forma mais integrada e equilibrada. Alguns discursos assinalaram que praticar bruxaria é insuficiente se não houver ativismo, principalmente na esfera ambiental. Certos praticantes enxergam a sustentabilidade como uma área específica na qual alguns deles estudam, trabalham e/ou como uma ideia incorporada em seus cotidianos, discursos e encontros através de determinadas práticas socialmente reconhecidas como sustentáveis. Se aproximar de integrantes de um caminho religioso e/ou espiritual conectado à natureza possibilitou ampliar o olhar sobre a sustentabilidade, trazendo nesta pesquisa diferentes formas de expressão da referida noção.

**Palavras-chave:** Sustentabilidade; Autocuidado; Cura; Wicca; Neopaganismo.

TEIXEIRA, Naira Juliani. **(Self-)care, healing and sustainability among contemporary female and male witches in São Paulo.** 2021. Thesis – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021. Portuguese.

## **Abstract**

Ethnography as a method was fundamental to the choice of the thesis topic, development and objective. Considering the combination of fieldwork, carried out with witches in São Paulo, especially those who attended the “Santuário da Grande Mãe”, a Wicca temple located in the neighborhood of Vila Mariana, with the interdisciplinary bibliography used, the research can be characterized as transdisciplinary. The north of the research is the relation between contemporary female and male witches in São Paulo and sustainability. Linked to this might be (self-)care and healing, significantly present issues in the speeches, meetings and public rituals. The research objective and contribution is to show that there are, beyond those socially recognized as such, different forms of expression of the sustainability idea, based on speeches and ritual practices of people whose religiosity and spirituality are, in theory, intrinsically linked to nature, and that in their way they appropriate and identify themselves with the witch figure, still present and even in evidence in society. Contemporary witchcraft and its practitioners, both conceptualized here, are inserted in a (self-)care and healing culture, which is taken more seriously by those who assume the role of priest/priestess. Care and healing refer to physical, mental, emotional and spiritual aspects at the individual, collective and planetary levels, interconnected in a holistic perspective. The sustainability notion has to do with the type of relationship that human beings establish with nature so that human and other life on Earth are preserved. To be healthy, this relationship must be conducted with caution and responsibility. Among witches, references to traditional and ancient peoples who in theory had a respectful relationship with nature, its cycles and women, seen as sacred, are common. When they come into contact with the myths of these peoples in rituals, they seem to believe that they are rescuing teachings to deal with themselves, others and nature in a more integrated and balanced way. Some speeches pointed out that practicing witchcraft is insufficient if there is no activism, especially in the environmental sphere. Certain practitioners see sustainability as a specific area in which some of them study, work and/or as an idea incorporated in their daily lives, speeches and meetings through certain practices socially recognized as sustainable. Getting closer to members of a religious and/or spiritual path connected to nature made it possible to broaden the view on sustainability, bringing in this research different ways of expressing the referred notion.

**Keywords:** Sustainability; Self-care; Healing; Wicca; Neopaganism.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO, METODOLOGIA E OBJETIVO</b>	8
<b>2 CONCEITUANDO O CAMPO DE REFLEXÃO</b>	15
2.1 NEOPAGANISMO, WICCA E BRUXARIA CONTEMPORÂNEA	16
2.2 (AUTO)CUIDADO E CURA	32
2.3 SUSTENTABILIDADE	44
<b>3 BRUXAS E BRUXOS CONTEMPORÂNEOS EM SÃO PAULO</b>	54
3.1 SANTUÁRIO DA GRANDE MÃE E OUTROS LOCAIS DE ENCONTRO	66
3.2 (AUTO)CUIDADO, CURA E SUSTENTABILIDADE NOS DISCURSOS E PRÁTICAS RITUAIS	83
<b>4 CONCLUSÃO</b>	112
<b>REFERÊNCIAS</b>	119
<b>ANEXO – Manifesto da Fellowship of Isis</b>	124
<b>CURRÍCULO LATTES</b>	127

## 1 INTRODUÇÃO, METODOLOGIA E OBJETIVO

Durante o segundo semestre de 2016, terminando de cumprir os créditos do mestrado, comecei a repensar questões metodológicas para o doutorado e, partindo do meu desejo de fazer uma pesquisa próxima das pessoas e de suas práticas, cursei a disciplina “Seminários de Pesquisa Social”, deste Programa, com a Professora Maria da Penha Vasconcellos – minha atual orientadora. Nessa matéria, tive meu primeiro contato com a etnografia como um método no campo da pesquisa social. Em novembro de 2016, cursei Etnografias Urbanas no Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (CEBRAP). Durante o curso, comecei a desenvolver a ideia para o tema de pesquisa do doutorado, após o meu primeiro trabalho de campo.

No último dia do curso acima mencionado, tivemos que escolher um local para fazer o trabalho final e escrever o diário de campo. Optei por algumas lojas esotéricas que eu conhecia e eram relativamente próximas ao CEBRAP, na Vila Mariana, bairro da zona centro-sul da cidade de São Paulo. A partir de algumas reflexões surgidas em campo – por conta da minha própria formação na área ambiental e interesse em assuntos ditos “místicos” e “espirituais” –, de observações, comentários e sugestões feitos no meu diário de campo pelos pesquisadores que organizaram o curso, concluí que valeria a pena explorar mais a fundo a possível relação entre espiritualidade e natureza, especialmente envolvendo o chamado “sagrado feminino”.

Em partes, o tema de interesse global tornou-se foco desta pesquisa devido à vontade desta pesquisadora de buscar diferentes formas e perspectivas de se abordar a sustentabilidade – palavra que integra o nome do Programa de Doutorado do qual faço parte e que tem sido muito utilizada em diversos meios, além do acadêmico. A sustentabilidade (ou o

desenvolvimento sustentável, termos considerados sinônimos ou não) pode ser tratada de modo teórico e/ou prático, distante ou próximo das pessoas e de suas visões de mundo.

Também é comum que a sustentabilidade seja tratada como um conceito o qual possui três pilares/dimensões: econômico (a), social e ambiental. Aqui<sup>1</sup>, ela será abordada como uma noção/ideia – e, nesse sentido, Veiga (2010, 2015) é uma referência –, mais próxima das pessoas e de suas visões de mundo e de um modo que busca integrar as “dimensões” econômica, social, ambiental, política, espiritual e outras possivelmente existentes. Além de Veiga (2010, 2015), Boff (2015) é outro autor que recorri para desenvolver o tema.

Com relação à escolha das pessoas e grupos a serem pesquisados, optei por aqueles que se consideram mais conectados à natureza por razões espirituais e/ou religiosas. No entanto, cumpre esclarecer que diferentes religiões, espiritualidades e seus praticantes ao redor do mundo têm incorporado e lidado às suas maneiras com a sustentabilidade e outras questões do nosso tempo social. Isto posto, ao recortar o tema, a partir de um primeiro levantamento bibliográfico, deparei-me com o neopaganismo – termo que abarca diversas religiões e espiritualidades ditas “centradas” na Terra, na natureza e nos seus ciclos.

Dentre as religiões e espiritualidades neopagãs, a religião de origem inglesa chamada wicca se destaca, em razão do número de adeptos, de não raro servir/ter servido como porta de entrada ao universo neopagão e da disseminação de suas práticas e doutrina em diferentes países, inclusive no Brasil. Em geral, são cultuados na wicca os aspectos masculino e feminino da divindade e “a mulher é considerada fonte primordial da criação, uma vez que tudo emana dela, inclusive a divindade masculina, que é seu filho e consorte” (CORDOVIL, 2015, p.432-433). Para inúmeros (as) wiccanos ou wiccanianos (as), wicca e bruxaria podem ser consideradas expressões sinônimas. Assim, os (as) praticantes da religião em questão também se autodenominam bruxas e bruxos.

---

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Está longe de ser desprezível o fato de a figura da bruxa estar presente (e até mesmo em evidência) ainda hoje na sociedade. Assumindo diferentes funções, ela está no imaginário popular, literatura, filmes, seriados, desenhos animados, festas, religião, e tem sido apropriada para servir a uma finalidade transgressora, no sentido de uma rebeldia (expressa na vestimenta, estética, comportamento, modo de vida, rituais etc.), muitas vezes representando um movimento contra o machismo, homofobia, racismo, preconceito religioso, degradação ambiental etc.

No Brasil, encontramos nos últimos anos pesquisas sobre neopaganismo/paganismo contemporâneo e wicca, especialmente nas áreas de antropologia e ciências da religião. Entre os pesquisadores e pesquisadoras, é importante mencionar Cordovil (2015, 2016, 2017), Terzetti Filho (2012, 2016), Duarte (2008, 2013) e Castro (2016, 2017). Este cita pelo menos trinta e sete trabalhos acadêmicos (artigos, teses e dissertações) brasileiros sobre neopaganismo publicados até o momento de elaboração da sua dissertação, sendo a maioria deles a respeito de wicca e alguns abordam a questão da sacralização da natureza, da relação ser humano-natureza, da ecologia e sua relação com ética e religião (CASTRO, 2017, p.27-32).

De acordo com Castro (2017, p.27), os estudos sobre as expressões religiosas do neopaganismo se situam num *campo interdisciplinar* formado, além de pesquisadores das áreas de antropologia e ciências da religião, por autores da sociologia, história e geografia cultural. Na América do Norte e Europa, o tema integra os chamados *Pagan Studies* (CASTRO, 2017, p.27). Cabe mencionar Greenwood (2000) como autora estrangeira na área de pesquisa referente a paganismo contemporâneo e bruxaria, sem ignorar a importância do trabalho de Russell e Alexander (2019) e Adler (2006) – escritora, jornalista e bruxa que publicou, no *Halloween* de 1979, a primeira edição do seu livro *Drawing down the moon*, atraindo a atenção do público para a bruxaria neopagã (RUSSELL; ALEXANDER, 2019,

p.224). O historiador britânico Ronald Hutton, a professora de antropologia e religião Sabina Magliocco e o historiador americano Chas S. Clifton são citados com bastante frequência nos trabalhos relacionados a bruxaria e paganismo contemporâneo. No mais, deve ser destacado o artigo da Roberts (2011) centrado no tema da *cura como ativismo sociopolítico* numa tradição de bruxaria de origem californiana chamada *reclaiming*.

Desde o início, o Facebook tem sido a principal plataforma escolhida por mim para descobrir grupos, pessoas e eventos associados à wicca/bruxaria, além de ser o principal meio de interação/comunicação no âmbito da comunidade de bruxos e de divulgação de seus eventos, encontros e rituais públicos, de acordo com eles mesmos. Quando curtimos uma página, adicionamos alguém ou entramos em um grupo, a própria rede social, além das pessoas que sabem do nosso tema de pesquisa, sugere páginas, pessoas ou grupos relacionados. De modo mais amplo, pode-se dizer que neste século a internet é um dos principais meios de comunicação para se estabelecer um primeiro contato com a bruxaria contemporânea (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.227).

No Facebook, descobri o Encontro Regional de Bruxos (ERB), idealizado pelo autor Claudiney Prieto<sup>2</sup> – citado como o principal nome da wicca no Brasil – que aconteciam mensalmente em diversas cidades brasileiras (Araras/SP, Apucarana/PR, Aracajú/SE, Belém/PA, Belo Horizonte/MG, Curitiba/PR, Franca/SP, Mogi das Cruzes/SP, Porto Alegre/RS, Rio Branco/AC, Rio de Janeiro/RJ, São Bernardo do Campo/SP, São Paulo/SP e Sorocaba/SP, conforme consta no site<sup>3</sup>). Assim, o ERB de São Paulo foi a porta de entrada e de saída do meu trabalho de campo, o qual começou junto com o próprio doutorado, em agosto de 2017, e terminou em dezembro de 2019.

No segundo semestre de 2017, os ERBs de São Paulo aconteciam geralmente no Parque Trianon, na Avenida Paulista. Com a inauguração do Santuário da Grande Mãe –

---

<sup>2</sup> Informação disponível na página principal do site do ERB: <<https://encontre regionaldebruxos.com.br/>>. Acesso em 10 abr. 2019.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://encontre regionaldebruxos.com.br/cidades/>>. Acesso em 10 abr. 2019.

templo de wicca situado no bairro Vila Mariana, próximo ao metrô Ana Rosa – no final de janeiro de 2018, os encontros passaram a ocorrer no referido espaço. Este não é o único templo wiccaniano da cidade: já havia outro no mesmo bairro, o Templo de Wicca Eleusiana, dentro do espaço holístico “FACES DA LUA”.

Diferentemente do Santuário da Grande Mãe, onde eram realizados todas as sextas, sábados e domingos rituais gratuitos e abertos ao público, sem necessidade de inscrição prévia para participação, para visitar o templo de tradição eleusiana era preciso se inscrever previamente em algum ritual ou evento específico e efetuar o pagamento no dia. A semelhança entre ambos é que foram idealizados e são mantidos principalmente por homens que possuem uma certa visibilidade na bruxaria brasileira: Claudiney Prieto (Santuário da Grande Mãe)<sup>4</sup> e Edu Scarfon (Templo de Wicca Eleusiana).

No início do doutorado, ainda na fase exploratória, participei de um outro encontro de wiccanianos e pagãos, o do grupo/comunidade “Wicca Sampa”, no Parque da Juventude, na Zona Norte de São Paulo. O encontro havia sido divulgado no Facebook<sup>5</sup>, da mesma forma que o ERB. Em razão da maior visibilidade dos bruxos e bruxas que organizaram os encontros, rituais e atividades no Santuário da Grande Mãe, da regularidade destes e do número de participantes, optei por realizar a maior parte do meu trabalho de campo (etnográfico) nesse local, sem excluir outros eventos importantes que os referidos adeptos participaram e/ou organizaram. Para a coleta de dados, utilizei principalmente a observação participante, o registro desta em diários de campo, além do conteúdo disponibilizado em

---

<sup>4</sup> Em 14/08/18, perguntei por mensagem interna/privada no Facebook ao F. L., um dos principais sacerdotes wiccanianos que organizavam e conduziam os ERB-SP e as atividades do Santuário, qual era a relação do Claudiney Prieto com o Santuário da Grande Mãe, considerando que no site do templo não estava explícita a relação, embora eu soubesse que tinha, principalmente por acompanhar página do Facebook do autor wiccaniano. O F. L. respondeu: “ele é o idealizador do espaço, né”; “ele quem criou o Santuário e ele quem administra”.

<sup>5</sup> Disponível em: <[https://www.facebook.com/events/1165308810279668/?active\\_tab=about](https://www.facebook.com/events/1165308810279668/?active_tab=about)>. Acesso em: 17 abr. 2019.

livros escritos pelas próprias bruxas e bruxos, sites, páginas e eventos em redes sociais (especialmente o Facebook)<sup>6</sup>.

A bibliografia utilizada na pesquisa é interdisciplinar, considerando o próprio campo de estudo sobre as expressões religiosas do paganismo contemporâneo (CASTRO, 2017, p.27) e o fato de as questões de sustentabilidade e outras que a sociedade tem enfrentado serem complexas, multidimensionais e não estarem restritas aos limites de uma única disciplina (WICKSON; CAREW; RUSSELL, 2006, p.1048). Esta pesquisa, no entanto, também pode ser classificada como transdisciplinar, por se tratar de uma geração de conhecimento colaborativo entre pesquisadora<sup>7</sup> e outros atores envolvidos (WICKSON; CAREW; RUSSELL, 2006, p.1051), no caso, as bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo. Por razões éticas, os nomes das pessoas com as quais conversei ou que discursaram durante meu trabalho de campo não são mencionados, apenas a(s) inicial/iniciais (nome/nome e sobrenome).

No projeto de pesquisa, a pergunta norteadora foi basicamente a seguinte: considerando que em seus pressupostos a wicca possui uma ligação intrínseca com a natureza, qual a relação que os (as) wiccanianos (as) estabelecem com a sustentabilidade? E o objetivo foi analisar como a sustentabilidade está sendo incorporada nos discursos e práticas dos (as) wiccanianos (as) em São Paulo. Posteriormente, considerando em especial as observações feitas em campo, além da bibliografia interdisciplinar relacionada ao tema, o problema e o objetivo passaram por uma fase de revisão, ampliação e, ao mesmo tempo, de recorte.

Concluí que ligados ao tema da sustentabilidade podem estar o do cuidado – no caso do autocuidado/cuidado de si, Foucault (2019) é uma importante referência para iniciar o

---

<sup>6</sup> É importante esclarecer que a utilização da etnografia como método se deu em respeito ao Código de Ética da Associação Brasileira de Antropologia (ABA), o qual está disponível em: <<http://www.portal.abant.org.br/codigo-de-etica/>>. Acesso em: 20 mar. 2020.

<sup>7</sup> Nos encontros, atividades e rituais públicos nos quais houve espaço para apresentação dos participantes, deixei claro que estava presente como pesquisadora e que meu doutorado era sobre a relação entre wicca/bruxaria e sustentabilidade. Da mesma forma, mencionei o fato durante conversas com bruxas, bruxos e simpatizantes.

desenvolvimento do t3pico –, e o da cura – aqui, Capra (2006) e Roberts (2011) s3o citados –, quest3oes significativamente presentes nos encontros, rituais p3ublicos<sup>8</sup> e discursos das bruxas e bruxos contempor4neos. Para abordar o tema da sustentabilidade, percebi que, em in3umeros casos, seria mais frut3ifero partir da rela33o das bruxas e bruxos contempor4neos (wiccanianas, wiccanianos, bruxas e bruxos de outras tradi33oes de bruxaria e os que a praticam individualmente) em S3o Paulo – mais especificamente, embora n3o exclusivamente, os que frequentaram o Santu4rio da Grande M3e – com o cuidado e a cura de si, do coletivo e do (ou, no caso do cuidado, com rela33o ao) planeta Terra, sem ignorar a incorpora33o considerada mais direta e expl3cita da no33o de sustentabilidade.

Ou seja, entendo que tamb3em integram a discuss3o sobre sustentabilidade a cura e o (auto)cuidado aos quais os (as) praticantes de bruxaria contempor4nea se referem em seus discursos e pr3aticas rituais. O objetivo e a contribui33o da pesquisa 3e mostrar que h3, al3m daquelas socialmente reconhecidas como tal, diferentes formas de express3o da ideia de sustentabilidade, tendo como base os discursos e pr3aticas rituais de pessoas cuja religiosidade e espiritualidade est3o, em tese, intrinsecamente ligadas 3a natureza e que a seu modo se apropriam de e se identificam com uma figura ainda t3o presente no imagin4rio popular, na m3dia e sociedade: a bruxa.

No cap3tulo seguinte, abordo os sentidos e o contexto dos principais termos relacionados 3a pesquisa, al3m de conceituar bruxaria contempor4nea e construir uma no33o de sustentabilidade. O trabalho de campo aparece com mais detalhes no terceiro cap3tulo, onde tamb3em trago a minha defini33o de quem seriam as bruxas e os bruxos contempor4neos e, ao final, procuro cumprir o objetivo da tese.

---

<sup>8</sup> Com exce33o do “jantar m3gico de samhain” (mencionado no cap3tulo 3), os encontros, rituais e atividades que participei eram todos abertos ao p3ublico, divulgados nas redes sociais, verbalmente ou em panfletos nos pr3oprios encontros e/ou em sites. Evidentemente, as bruxas e bruxos t3em os seus encontros e rituais privados, abertos somente a quem pertencente ao(s) grupo(s).

## 2 CONCEITUANDO O CAMPO DE REFLEXÃO

O objetivo deste capítulo é abordar, *dentro dos recortes da pesquisa*, os sentidos dos principais termos que a envolvem – neopaganismo, bruxaria contemporânea e wicca; (auto)cuidado e cura; e sustentabilidade –, além do contexto onde estão inseridos e de algumas ideias que possam influenciar o meio da bruxaria contemporânea, pela importância que têm no imaginário, na formação de crenças pessoais e coletivas e nas práticas das bruxas e bruxos de hoje. É importante esclarecer que a finalidade aqui não é defender ou contestar a veracidade e plausibilidade dessas ideias.

A partir do trabalho de campo, foi possível filtrar melhor a revisão bibliográfica, de modo que esta sirva de suporte para a análise daquele, especialmente no sentido de construir uma base para viabilizar o desenvolvimento dos principais tópicos da pesquisa. No capítulo anterior, foram mencionadas algumas das principais referências bibliográficas para se pensar os referidos termos e seus contextos: Cordovil (2015, 2016, 2017), Terzetti Filho (2012, 2016), Castro (2016, 2017), Duarte (2008, 2013), Adler (2006), Greenwood (2000), Russell e Alexander (2019); Foucault (2019); Capra (2006) e Roberts (2011); Veiga (2010, 2015) e Boff (2015). Também integram as referências citadas neste capítulo e no seguinte autores e autoras bruxas (os): Prieto (2002, 2009, 2017), Valiente (2016), NightMare (2007), Starhawk (2003), Gardner (2003), Murphy-Hiscock (2018) e outros.

## 2.1 NEOPAGANISMO, WICCA E BRUXARIA CONTEMPORÂNEA

Os termos “pagão”, “paganismo”, “neopagão”, “neopaganismo”, “paganismo contemporâneo”, “bruxa” (o), “bruxaria” e “wicca”, por exemplo, estão abertos a debates tanto no meio acadêmico quanto no religioso. Diverge-se até mesmo quanto ao uso de letra maiúscula ou minúscula da primeira letra das referidas palavras. Aqui, como se pode perceber, tais letras são todas minúsculas, sem que haja um juízo de valor nessa escolha. Além disso, *neopaganismo* e *paganismo contemporâneo* são considerados sinônimos, portanto, usados indistintamente.

É importante esclarecer que “o termo ‘paganismo’ nunca foi utilizado pelas sociedades pré-cristãs para designar sua prática religiosa”: sua definição clássica veio do império romano, com a palavra em latim “paganus” – “[...] ‘aquele que vive no campo’, ‘camponês’, ‘rústico’, ‘lavrador’, ou seja, o sujeito que vive no *pagus*, o distrito, inferior às *civitas*, ou cidades, com um estilo de vida centrado na terra, no calendário agrícola” (CASTRO, 2017, p.13). Fica evidente o sentido pejorativo atribuído a “pagão” e “paganismo” desde sua origem. Apesar disso, na atualidade, muitos dos sujeitos que buscam resgatar essas práticas religiosas anteriores ao cristianismo tomam os termos para si (CASTRO, 2017, p.13), como fica evidente, por exemplo, nos eventos de *celebração do dia do orgulho pagão*, dos quais participei em São Paulo, em 21/10/17 e 26/10/19.

Tais eventos estão vinculados ao *Pagan Pride Project*, uma organização sem fins lucrativos cuja missão é promover orgulho na identidade (neo)pagã através da *educação* (inspirada no *elemento ar*, visa disponibilizar informação correta sobre o que os pagãos fazem e não fazem, para que possam praticar abertamente seus caminhos espirituais), *comunidade* (inspirada no *elemento terra*, refere-se à reunião de pessoas que aderem à fé pagã, à expansão

da conexão entre elas em uma determinada cidade ou área rural, para que elas se apoiem e mostrem que não estão isoladas e são uma congregação crescente de pessoas as quais praticam uma fé válida), *caridade* (inspirada no *elemento água*, baseia-se no fato de os pagãos acreditarem que o que eles fazem retorna a eles, por isso é importante oferecerem compaixão aonde suas comunidades necessitam) e *ativismo* (inspirado no *elemento fogo*, está associado à coragem que os pagãos devem ter para agir de acordo com suas convicções e fazer o que é preciso), conforme consta no seu site<sup>9</sup>.

Ninguém sabe ao certo quem usou primeiro a expressão “orgulho pagão”: a origem do nome remete ao movimento do orgulho gay, mas seu alcance vai além de qualquer organização, e há rumores de eventos locais que utilizaram o termo no início da década de 1990; no entanto, os primeiros eventos do dia do orgulho pagão organizados pelo *Pagan Pride Project* ocorreram em setembro de 1998 – 17 nos Estados Unidos e um no Canadá, de acordo com o site<sup>10</sup>. Na página de divulgação no Facebook do evento de celebração dia do orgulho pagão de 2017 em São Paulo<sup>11</sup>, consta que ele se dedica ao diálogo inter-religioso e ao fim do preconceito e discriminação e “[...] busca desmistificar as religiões pagãs, neopagãs e tradições ligadas à terra, ancestralidade e étnicas”, convidando abertamente todos os religiosos e não religiosos a celebrarem a diversidade e aprenderem um pouco mais a respeito das diferenças e da coexistência.

Os termos religião, religiosidade e espiritualidade são empregados com frequência na tese. Com a intenção de trazer um esclarecimento sobre o assunto, não propriamente definições, Magnani (1999, 2000) caracteriza a religião como um “[...] sistema institucionalizado de crenças e rituais a cargo de um corpo de especialistas”; a religiosidade “[...] como um estilo peculiar e coletivo de expressar o sentimento religioso” – e dentro de uma religião podem coexistir diferentes religiosidades –; e a espiritualidade como “[...] forma

<sup>9</sup> Disponível em: <<http://www.paganpride.org/what/who>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

<sup>10</sup> Disponível em: <<http://www.paganpride.org/what/history>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

<sup>11</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/315685458842639/>>. Acesso em: 8 abr. 2020.

mais individualizada de expressar a vivência do sagrado em seu sentido mais amplo”. “‘Espiritualidades’ e ‘religiões’ podem ser basicamente caracterizadas como os polos individuais e institucionais dentro do domínio geral da ‘religião’”: “toda pessoa que dá um toque individual a símbolos religiosos existentes [...] já está envolvida na prática de criar a sua própria espiritualidade” (HANEGRAFF, 2017, p.6).

Cordovil (2016, 2017, grifo nosso) define o neopaganismo como um “[...] *movimento de resgate das espiritualidades pagãs*, que existiam na Europa antes da penetração e hegemonia do cristianismo” e um “[...] *conjunto de religiões baseadas no culto da natureza e na recriação de práticas ritualísticas de povos antigos ou pré-cristãos*”, e inclui a wicca como uma de suas vertentes. Para Castro (2017, p.12), neopaganismo também é um *conjunto de expressões religiosas* difundido inicialmente na Europa e nos Estados Unidos, sobretudo a partir da década de 1960, quando as ideologias e cosmovisões dessas religiões se mostraram alinhadas ao fenômeno da revolução cultural de então (contracultura). Ainda que tenha se manifestado de modo mais visível nos Estados Unidos, os reflexos da contracultura se deram em praticamente todo o Ocidente (MAGNANI, 2000, p.11).

“[...] o movimento da contracultura que, a partir dos anos cinquenta, nos Estados Unidos, ensaiava alternativas ao *status quo* – nos campos da política, da estética, da religião, dos costumes”, também é um dos pontos de referência que as interpretações nativas e acadêmicas costumam invocar para situar o fenômeno da Nova Era (MAGNANI, 1999, p.12). Na visão de Castro (2017, p.26), o contexto que a religiosidade Nova Era trouxe foi fundamental para o desenvolvimento de religiões como as que fazem parte do neopaganismo, por exemplo. “A partir desse período, houve uma profusão de grupos neopagãos empenhados em *resgatar ‘saberes ancestrais’*, isto é, filosofias religiosas de povos pré-cristãos, *mas em clara sintonia com certas praxes modernas, como a proposta do movimento ecológico*” (CASTRO, 2017, p.12, grifo nosso).

Voltando no tempo, mais especificamente nos séculos XVIII e XIX, “não é exagero afirmar que o neopaganismo deve ao Romantismo sua própria existência”: este reavivou a magia e cultivou um interesse vívido por religiões antigas (TERZETTI FILHO, 2012, p.42). Na mesma linha, Duarte (2013, p.13) não considera “[...] descabido classificar o neopaganismo original como um movimento, antes de tudo, literário”, no qual escritores movidos por ideais nacionalistas buscaram valorizar os costumes e o folclore de sua terra natal ou de uma antiguidade clássica romantizada. O autor também afirma que vários poetas românticos “[...] fizeram parte de outra importante influência para a formação do neopaganismo como forma religiosa: as diversas sociedades herméticas, especialmente as de cunho ocultista, que se multiplicaram na Europa da segunda metade do século XIX” (DUARTE, 2013, p.14).

De acordo com Duarte (2013, p.15), apesar da contribuição das sociedades herméticas para o estabelecimento do neopaganismo como forma religiosa, principalmente em sua ritualística, a ligação entre as ideias neopagãs e a fundação de religiões desse cunho se dá com a publicação de obras de folcloristas e antropólogos que preconizavam a sobrevivência de religiões antigas: *The Golden Bough/O ramo de ouro*, de James Frazer (1890); *Aradia, or the Gospel of the Witches/Aradia: o evangelho das bruxas*, de Charles Godfrey Leland (1899); e *The Witch-Cult in Western Europe/O culto das bruxas na Europa Ocidental*, da Margaret Murray (1921), merecem destaque. Em campo, o livro do Leland foi inclusive referência no ritual de abertura da comemoração do “dia mundial da deusa” – projeto de iniciativa do Claudiney Prieto, surgido em 2014 para unir ao redor do mundo as pessoas que cultuam o sagrado feminino, concedendo à deusa/ “grande mãe” um dia de visibilidade no qual possam ser compartilhados seus mitos, histórias e diversidade de culto<sup>12</sup> – em São Paulo, em 03/09/2017, no Parque Ibirapuera.

---

<sup>12</sup> Conteúdo disponível em: <<http://www.worldgoddessday.com/brasil/>>. Acesso em 4 set. 2017.

Nas obras dos poetas românticos, passou a ser comum a presença de uma deusa pagã, uma “Grande Mãe” associada à natureza e à lua, com diversas faces, frequentemente chamada de “Mãe Terra” ou “Mãe Natureza” – e essa ideia recebeu ao longo do século XIX a contribuição da literatura, de antropólogos e arqueólogos para se firmar (DUARTE, 2008, p.38-39). Em meados do século XX, a obra que consolidou a figura da “Grande Mãe” foi *The White Goddess/A deusa branca*, do poeta britânico Robert Graves (DUARTE, 2008, p.39). “De acordo com Graves, a religião original e universal da Deusa foi destituída e suprimida por uma cultura patriarcal emergente, que era de natureza violenta, guerreira e hostil à Natureza”; para o poeta, “os últimos quatro mil anos da história da humanidade, portanto, representaram um declínio espiritual constante desde a Idade do Ouro original e pré-patriarcal” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.195).

Supostamente, a mulher havia sido considerada poderosa pelas culturas paleolíticas, por ser capaz de menstruar, gestar e parir uma nova vida: os testemunhos dessa Era de Ouro poderiam ser encontrados nas estatuetas de Vênus e no culto a deusas da fertilidade de povos agrícolas (CORDOVIL, 2015, p.431). Apesar de a existência desse matriarcado ser controversa entre pesquisadores da antropologia, arqueologia e história, é largamente difundido o imaginário em torno da sacralidade da mulher (CORDOVIL, 2015, p.432) no meio da espiritualidade feminina, neopaganismo e bruxaria contemporânea.

Com frequência, o paganismo contemporâneo é considerado, tanto por pessoas de dentro quanto de fora, uma espiritualidade baseada na Terra (“*earth-based spirituality*”), isto é, suas crenças e práticas são inspiradas pelos ciclos da natureza – como o ciclo anual do sol e o mensal da lua, ambos refletidos no nascimento, crescimento, morte e renascimento –, e seus praticantes normalmente são sensíveis a ou engajados em questões ambientais (ROBERTS, 2011, p.240). *Os neopagãos compartilham o objetivo de viver em harmonia com a natureza e*

*tendem a ver como principal fonte de alienação o “avanço” da humanidade e sua separação da natureza – e o ritual seria a ferramenta para acabar com essa alienação (ADLER, 2006).*

Além disso, os neopagãos são fortemente atraídos por símbolos e mitos antigos, pelas religiões politeístas dos egípcios, sumérios, celtas e gregos, e estão reivindicando essas fontes, transformando-as em algo novo, acrescentando a elas as visões de Robert Graves, do autor de *O Senhor dos Anéis* J. R. R. Tolkien e outros escritores de fantasia e ficção científica, assim como alguns dos ensinamentos e práticas dos povos aborígenes remanescentes (ADLER, 2006). Eles também compartilham a crença na comunicação/conexão com um “outro mundo” – um reino de espíritos, divindades e outros seres – realizada em um estado alterado de consciência, o qual geralmente se atinge através de rituais (GREENWOOD, 2000).

Nas palavras de Adler (2006), antes (cerca de três décadas atrás) a wicca era uma porta de entrada para a comunidade (neo)pagã, mas hoje é o oposto: esta costuma ser a porta, e as pessoas partem da comunidade mais ampla – através de leitura, internet, festivais – para outras menores. De qualquer modo, ainda hoje, a wicca tem um destaque no paganismo contemporâneo. Segundo Castro (2017), é a mais conhecida entre as religiões neopagãs, a que tem na sociedade – europeia, norte-americana e até mesmo brasileira – maior alcance e visibilidade. Na celebração do dia do orgulho pagão em 2019 em São Paulo, por exemplo, houve um painel específico sobre wicca, com cinco rodas de conversa, das 12h às 20h30; as dez rodas restantes eram a respeito de diferentes temas e religiões, não havendo outro painel específico<sup>13</sup>.

A wicca está inserida no contexto anteriormente mencionado. A religião em questão surgiu entre as décadas de 1940 e 1950, na Inglaterra, com Gerald B. Gardner (CASTRO, 2017, p.15) – inglês que viajou muito, passou uma parte considerável de sua vida adulta no Extremo Oriente, foi funcionário da administração civil britânica e elaborou uma importante

---

<sup>13</sup> Conforme se pode verificar na programação disponível no Facebook: <<https://www.facebook.com/events/464694967627345/permalink/530858944344280/>>. Acesso em: 1 maio 2020.

versão da bruxaria retirando elementos de fontes literárias e de suas experiências pessoais (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.197).

Na Inglaterra, “as leis contra a bruxaria foram revogadas em 1951, principalmente devido aos esforços políticos das sociedades espiritualistas”, permitindo que Gerald Gardner publicasse sob seu próprio nome dois livros que em geral são considerados fundamentais no âmbito da bruxaria moderna religiosa: *Witchcraft Today/A bruxaria hoje* (1954) e *The Meaning of Witchcraft/O significado da bruxaria* (1959) (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.199). “A difusão e a evolução da ‘Wicca Gardneriana’ aconteceram rapidamente”, graças ao carisma de Gardner e à ajuda de seus adeptos na divulgação da religião na Europa e nos Estados Unidos (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.200).

Segundo Duarte (2013, p.34), a primeira impressão que se tem a partir das obras de Gardner é que na wicca os aspectos masculino e feminino da divindade eram igualmente valorizados, mas uma leitura mais atenta revela uma certa prevalência da deusa sobre o deus. “Na verdade, não é motivo de surpresa essa prevalência do feminino na Wicca, uma vez que ela estava implícita em vários elementos comuns ao movimento neopagão original” (DUARTE, 2013, p.35). Em um de seus principais livros, Gardner (2003, p.34) falou a respeito da “era matriarcal” e do “mito da Grande Mãe”. *Associada ao suposto período pré-histórico matrifocal da Europa, quando a “religião da deusa” imperava, a wicca passou a integrar um movimento de conscientização feminina, posteriormente chamado por alguns de “o retorno da deusa”, envolvendo também questões ambientais e de reconexão com a natureza* (DUARTE, 2013, p.37).

No Encontro Regional de Bruxos de São Paulo (ERB-SP) sobre sagrado feminino, conduzido por dois wiccanianos (L. F. e A.) e no qual eu era a única mulher participante, A. disse: “na wicca, o sagrado feminino é o resgate do corpo feminino e da sua sexualidade”, considerando que a mulher é a imagem e semelhança da deusa, a qual é a figura mais

importante, pois todos viemos de uma mulher (diário de campo, 08/12/2019)<sup>14</sup>. A. citou os movimentos espirituais das décadas de 50, 60 e 70, que reconfiguraram o papel da mulher na sociedade, e os movimentos feministas como precursores nisso; além de a questão de “o despertar da deusa” não estar ligado só à wicca, de o sagrado feminino se estender a outras religiões (diário de campo, 08/12/2019). No encontro, houve discordâncias nas visões a respeito do feminino (características ditas “femininas” *versus* “masculinas”), sagrado feminino e formas de acessá-lo.

A wicca chega aos Estados Unidos no início dos anos 60 com o casal de iniciados gardnerianos Raymond e Rosemary Buckland (TERZETTI FILHO, 2016, p.66). A difusão da religião no país “[...] a partir da década de 60 parecia prenunciar sua difusão global” (TERZETTI FILHO, 2016, p.13). Nessa fase inicial, a religião ainda estava restrita aos iniciados de Gerald Gardner, mas, imersa no contexto da contracultura, foi logo abraçada por muitas feministas – dentre elas, cabe destacar a Starhawk, bruxa cujo livro *The Spiral Dance/A dança cósmica das feiticeiras* se tornou um *best-seller* no meio neopagão e da espiritualidade feminina, e a Zsuzsanna Budapest, wiccaniana que fundou a tradição diânica exclusiva para mulheres – como uma oportunidade de vivenciar suas ideologias numa perspectiva espiritual (TERZETTI FILHO, 2016, p.13, 83 e 86). Assim, a associação da wicca como “religião da deusa” se completou com o viés político ao longo dos anos 70: através de feministas que aderiram à religião e de wiccanianas influenciadas pelo feminismo (DUARTE, 2013, p.37). E, nas palavras de Terzetti Filho (2016, p.19),

Um enfoque mais feminista e político alinhado com práticas experimentais baseadas no neoxamanismo possibilitaram uma reinterpretação da Wicca, surgindo desse contexto diferentes tradições e vertentes, sendo as mais influentes aquelas que enfatizavam o aspecto ambiental e espiritual feminista da religião.

Nos anos 60, o discurso xamânico na América do Norte avançou decisivamente em uma nova direção quando o movimento da Nova Era descobriu o xamanismo e fez dele a

---

<sup>14</sup> O encontro aconteceu no Santuário da Grande Mãe, contou com seis participantes e durou cerca de uma hora e meia.

principal ferramenta de referência para sua visão de mundo (STUCKRAD, 2002, p.774). Inspirado por Mircea Eliade, Carl Jung e Joseph Campbell, o xamã se tornou uma indicação de um novo entendimento da relação da humanidade com a natureza, da habilidade de um indivíduo de acessar níveis espirituais da realidade e de conduzir uma vida respeitosa com relação à “teia sagrada da vida” (STUCKRAD, 2002, p.774). Substituindo a postura ocidental mecanicista e positivista no tocante à realidade e à natureza por uma holística ou vitalista, o xamanismo era considerado disponível para todos, mesmo aqueles em contextos urbanos distantes da natureza (STUCKRAD, 2002, p.774).

Do ponto de vista religioso e sociológico, o xamanismo moderno ocidental tem muito em comum com grupos neopagãos: inúmeras características das tradições americanas nativas, religiões célticas e do norte da Europa, cantos wiccanianos e rituais de magia natural formam o background espiritual da prática ritual neoxamânica (STUCKRAD, 2002, p.775). O autor wiccaniano Claudiney Prieto (2009, p.249), por exemplo, classifica o paganismo como um sistema religioso de bases xamanísticas, e a wiccaniana L. L., que conduziu o Encontro Regional de Bruxos de São Paulo (ERB-SP) sobre animais de poder, mencionou no início do encontro o xamanismo como uma das “fontes” que a wicca foi “beber” (diário de campo, 03/06/2018)<sup>15</sup>.

Na década de 1970, o casal Buckland se separou, Raymond começou a escrever livros sobre wicca e criou uma nova tradição (a seax-wicca ou wicca saxã) e concepção de iniciação – a auto iniciação –, considerando o contexto contracultural no qual “[...] qualquer organização ou religião que expressasse dogmas e hierarquias dificilmente conseguiria se manter frente aos anseios da juventude da época” (TERZETTI FILHO, 2016, p.67-68). Para Raymond, a wicca deveria estar disponível para qualquer pessoa que quisesse praticá-la, independentemente de ser aceita ou não por um *coven* (DUARTE, 2013, p.41), grupo

---

<sup>15</sup> O encontro aconteceu no Santuário da Grande Mãe, no bairro da Vila Mariana, zona centro-sul de São Paulo. Havia cerca de 14 participantes.

autônomo de bruxos (as) que se encontra regularmente para praticar magia<sup>16</sup> (NIGHTMARE, 2007, p.254), definida por Prieto (2009, p.128) como a arte de modificar intencionalmente a realidade e como um instrumento de conexão com o sagrado. Na wicca, geralmente se faz magia através dos feitiços, os quais visariam conectar os bruxos aos deuses, atraindo saúde, sucesso e harmonia (PRIETO, 2009, p.133).

Em outubro de 1998, aconteceu no Brasil o primeiro evento de bruxaria aberto ao público, conforme constava no site da comemoração dos 20 anos de bruxaria no país<sup>17</sup>. Ele foi idealizado pelo bruxo Wagner Périco e apoiado por Claudiney Prieto, Denise de Santi, Michaela Enguel, Marcelo Cuchulainn, Patricia Elizium e outras lideranças pagãs importantes da época<sup>18</sup>. De acordo com o Wagner, a bruxaria era praticada antes no Brasil, mas ele sentiu a necessidade de aproximar grupos e pessoas para trocar informações e vivências, conhecer diversas vertentes, tradições e pensamentos diferentes, organizando assim o encontro no antigo hotel Danúbio, próximo à Avenida Paulista, em São Paulo<sup>19</sup>. Ele mesmo começou nesse caminho como auto iniciado na wicca, num período em que havia poucos livros e bruxos no país e muitos pensavam que a bruxaria deveria ficar escondida (diário de campo, 18/11/2018)<sup>20</sup>.

“[...] a Wicca que se desenvolveu no Brasil foi influenciada pelas tradições norte-americanas através de obras introdutórias de autores traduzidos” (TERZETTI FILHO, 2016,

---

<sup>16</sup> “Tradicionalmente, um coven tem 13 membros que se encontram na lua cheia. Hoje em dia, um coven pode ter qualquer tamanho, e seus membros podem ser mulheres e homens. Em algumas tradições, há um conjunto aceito de exigências para membros e lideranças para o ingresso no coven. [...]. A maioria dos covens se encontra reservadamente e não abre suas portas a visitantes. Ocasionalmente, no entanto, um coven pode declarar um ritual aberto e convidar pessoas de fora apenas para aquele ritual. A filiação a um coven é obtida por meio do contato pessoal. Muitas vezes, os coveners se tornam muito próximos e consideram uns aos outros membros de sua própria família” (NIGHTMARE, 2007, p.254).

<sup>17</sup> Disponível em: <<http://www.bruxaria.com.br/20anos>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

<sup>18</sup> Idem.

<sup>19</sup> Informação extraída de um vídeo postado pelo Claudiney Prieto em sua página do Facebook cerca de duas semanas antes do evento de comemoração dos 20 anos de bruxaria no Brasil. Disponível em: <<https://www.facebook.com/claudineyprieto2/videos/1902376763214165/?eid=ARCjXRe9AWdhlAMjOV2snMd6Xx7Lk2yq7aQPIpwxEtcMp8NWCdHGxnaK2BkYu3N1vtTuFTYYyOxP1yJa>>. Acesso em: 4 jun. 2020.

<sup>20</sup> Diário referente ao trabalho de campo realizado no evento de comemoração dos 20 anos de bruxaria no Brasil, que aconteceu na Associação Beneficente Provincianos Osaka Naniwa-Kai, no bairro da Vila Mariana, zona centro-sul da cidade de São Paulo.

p.12). Terzetti Filho (2016, p.118-148) divide a história da wicca no Brasil em três fases: a inicial (décadas de 1950 a 1980), na qual há referências à religião na imprensa; a anárquica (final da década de 1980 e a de 1990), em que não há lideranças, associações ou grupos aglutinadores e a internet assume um papel importante no tocante à circulação de informações; e a de institucionalização (final dos anos 90 até os dias atuais), na qual existem delimitações mais claras das tradições de wicca, iniciativas de agrupamento e busca por representatividade.

“Atualmente existem diversas vertentes de Wicca, chamadas de tradições, que possuem um *corpus* doutrinário próprio, transmitido aos adeptos da religião por via iniciática” (CORDOVIL, 2015, p.433). O autor wiccaniano brasileiro Claudiney Prieto (2009, 2017) acredita que wicca é qualquer tradição ou prática pessoal e solitária cuja cosmogonia reconheça como princípios criadores da vida a deusa mãe e o deus cornífero – filho e consorte da deusa, representado com chifres na cabeça e invocado antigamente para proporcionar caças fartas e proteção –; observe a “lei tríplice” e a “rede wiccaniana”/o “dogma da arte”; centre sua espiritualidade na Terra; reconheça os quatro elementos (água, ar, fogo e terra) e cujo calendário litúrgico se baseie na mudança dos ciclos sazonais (celebrada nos 8 *sabbats*/sabás solares<sup>21</sup>) e das fases da lua (celebrada nos 12 ou 13 *esbats*/esbás lunares – “[...] cerimônias realizadas toda primeira noite de lua cheia de cada mês em homenagem à Deusa”).

De acordo com Prieto (2009, p.16), há dois códigos morais a serem observados na wicca: a “lei tríplice” – “tudo o que fazemos para o bem ou para o mal volta a nós triplicado e nesta encarnação” – e o “dogma da arte” ou a “rede wiccaniana”: “faça o que desejar, sem a ninguém prejudicar”. Para o autor, a crença na reencarnação, vista como uma forma de

---

<sup>21</sup> Nas palavras de Prieto (2017, p.70-71), os nomes dos *sabbats* variam de uma tradição para outra, mas os mais comuns são: *Samhain*, celebrado no 1º dia de maio no hemisfério sul e em 31 de outubro no hemisfério norte; *Yule*, celebrado por volta de 21 de junho no hemisfério sul e 21 de dezembro no norte; *Imbolc*, 1º de agosto no sul e 2 de fevereiro no norte; *Ostara*, por volta de 22 de setembro no hemisfério sul e por volta de 21 de março no norte; *Beltane*, 31 de outubro no sul e 1º de maio no norte; *Litha*, por volta de 21 de dezembro no hemisfério sul e por volta de 21 de junho no norte; *Lammas*, 2 de fevereiro no sul e 1º de agosto no norte, e *Mabon*, celebrado por volta de 21 de março no hemisfério sul e por volta de 22 de setembro no norte.

evolução e como o desejo de retornar para o mesmo local e tempo dos entes queridos, é outro ponto em comum no qual todas as tradições de wicca se apoiam (PRIETO, 2017, p.23 e 25). Com relação ao calendário religioso já mencionado, os oito *sabbats* juntos formam a “*roda do ano*” da wicca, uma das principais chaves para o entendimento da religião, “[...] vista como um ciclo ininterrupto de vida, morte e renascimento” que reflete as mudanças interiores e exteriores provocadas pela passagem das estações do ano e a ligação dos praticantes com o mundo natural/divino (PRIETO, 2017, p.69).

É difícil estimar o número de praticantes da wicca, devido à característica de não-centralização da religião (DUARTE, 2013, p.3). Só nos Estados Unidos, o número de wiccanianos autodeclarados passou de 8.000, em 1990, para 134.000, em 2001 (KOSMIN; MAYER; KEYSAR, 2001). Conforme Duarte (2013, p.3), mais de sete anos atrás os números variavam entre 10 mil e 50 mil no Brasil, considerando os dados disponíveis em sites na internet voltados ao assunto e os usuários de redes sociais. Pode-se até mesmo afirmar que a wicca tem estado em evidência nos últimos anos, como exposto no seguinte trecho de uma matéria do site *Universo Online* (UOL):

O misticismo vem ganhando cada vez mais espaço entre os millennials (pessoas com idade entre 17 e 37 anos) e, com ele, uma série de neo-feiticeiras têm surgido nas redes sociais. Elas jogam luz sobre a Wicca, a religião da Deusa, de origem celta, que exalta o resgate do sagrado feminino e tem como diretrizes o respeito à diversidade, à igualdade, à cidadania e ao meio ambiente (CARASCO, 2018).

“Hoje a bruxaria está mais visível e acessível na internet do que jamais foi” e, “de fato, sem ter acesso à rede, é quase impossível saber a real dimensão de quão vigoroso e expansivo se tornou o moderno movimento da bruxaria” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.226). Este foi criado com a ajuda da conexão estabelecida desde o começo entre bruxos (as) e internet, reunindo participantes e propiciando um meio de interação/comunicação entre eles/elas (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.226). Posteriormente, os bruxos e bruxas *experts* em internet transformaram a tecnologia numa “ferramenta ativa de alcance cultural”, utilizando-a também para se comunicar com o público em geral (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.226-

227). Com reflexos ainda na atualidade, outra importante difusão do conhecimento acerca da bruxaria moderna aconteceu em meados dos anos 90, “quando uma súbita proliferação de temáticas relacionadas à bruxaria nos meios de comunicação acabou implantando uma imagem e um conceito da bruxaria moderna diretamente na cultura popular (especialmente na cultura adolescente)” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.227).

Muitos wiccanianos, especialmente os que trabalharam/organizaram atividades e rituais no Santuário da Grande Mãe, defendem que wicca é um nome alternativo dado à bruxaria moderna e vice-versa, isto é, são expressões sinônimas. É o caso, por exemplo, do próprio Prieto (2002, 2009, 2017). A bruxa NightMare (2007, p.26) – pertencente à tradição de bruxaria norte-americana feminista denominada *reclaiming*, a qual surgiu nos anos 80 na região de São Francisco (Califórnia) – por sua vez, afirma que a wicca é um subgrupo da bruxaria e que muitos consideram aquela mais pura do que esta, por ser “[...] firmemente baseada na herança cultural britânica”. Na celebração do dia do orgulho pagão em 2017, o bruxo S. G., que tinha 18 anos na época, disse que a bruxaria era “mais livre” – várias visões e pessoas se misturavam –, e a wicca tinha “mais dogmas” (diário de campo, 21/10/2017).

Para Russell e Alexander (2019, p.179), “a religião da bruxaria moderna não está historicamente ligada ao fenômeno medieval de mesmo nome, mas sim às especulações sobre bruxaria que começaram a emergir depois que o próprio fenômeno tinha desaparecido”. Inserida no mesmo contexto do paganismo contemporâneo, a bruxaria neopagã se apoia, de modo geral, em afirmações, terminologias e conceitos elaborados entre o final do Iluminismo e o início do século XXI (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.179). A crença de que a bruxaria medieval era uma forma de sobrevivência do paganismo pré-cristão ajudou a modelar o desenvolvimento e expansão da bruxaria religiosa moderna e do próprio movimento neopagão (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.180).

Conforme Russell e Alexander (2019, p.92), a ideia popular segundo a qual a caça às bruxas foi um fenômeno medieval é fruto de um preconceito que vincula tudo de ruim ao clericalismo da Idade Média, chamada de “Idade das Trevas”. “Pelo contrário, a caça às bruxas foi produto da Renascença e da Reforma”: “muitos intelectuais da Renascença e dos líderes da Reforma estavam entre os mais vigorosos defensores da crença em bruxaria diabólica” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.92). O auge da perseguição ocorreu entre meados do século XVI e meados do século XVII e foi mais severa nas áreas onde crescentes conflitos entre protestantes e católicos se vinculavam a fortes antagonismos sociais; onde calamidades como fome, intempéries climáticas e peste agravavam as tensões sociais; e onde as bases para a repressão judicial da bruxaria foram criadas por uma longa tradição de julgamentos por heresia (RUSSELL; ALEXANDER, p.105).

O título do segundo capítulo do livro *A bruxaria hoje*, de Gerald Gardner, - “Houve bruxas em todas as eras” – é significativo no sentido de refletir a crença de certas bruxas e bruxos contemporâneos e simpatizantes de que a bruxaria sempre existiu na história da humanidade. Para Gardner (2003, p.33), em todos os países e épocas, desde a Idade da Pedra, houve mulheres e homens aos quais as pessoas recorriam quando precisavam de curas; boas colheitas, caça e pesca e outras questões. No entanto, Doreen Valiente (2016, p.53) – uma das fundadoras da wicca – ponderou que ninguém em sã consciência alegaria que os rituais das bruxas de hoje são idênticos, sem qualquer alteração, aos rituais dos seus antepassados mais remotos.

Rituais são cerimônias compostas de gestos simbólicos repetitivos (ritos) carregados de intencionalidades; são práticas e comemorações dos mitos; podem ou não ser religiosos e estão presentes em todas as culturas (GUILOUSKI; COSTA, 2012). *Os de cura objetivam a cura de enfermidades mentais, espirituais e físicas*; e “a dinâmica da vida e do Universo em permanente movimento cíclico é também um fantástico exemplo de ritual” (GUILOUSKI;

COSTA, 2012). Nesse sentido, “[...] devemos associar as cerimônias de passagens humanas às que se relacionam com as passagens cósmicas, a saber, de um mês ao outro (cerimônias da lua cheia, por exemplo), de uma estação a outra (solstícios, equinócios), de um ano ao outro (Dia do Ano Novo, etc.)” (GENNEP, 1978, p.27).

Na linguagem corrente do século XIX, *mito* significava tudo o que era oposto à “realidade”: essa visão tem origem no cristianismo primitivo, para o qual tudo aquilo que não tinha justificção em nenhum dos dois Testamentos era falso, uma “fábula” (ELIADE, 2000, p.15). Ainda hoje permanecem resquícios dessa concepção negativa do mito: não é raro encontrarmos pessoas buscando “desmitificar” um determinado assunto. Na década de 1950, Mircea Eliade (2000, p.15) esclarece que as pesquisas dos etnólogos nos forçaram a refletir a respeito dessa *herança semântica sobrevivente da polêmica cristã contra o paganismo*: finalmente tem início o conhecimento e a compreensão do valor do mito, tal como elaborado pelas sociedades ditas “primitivas” e “arcaicas” – definidas por Beniste (2006, p.27) como “[...] grupos humanos entre os quais o mito é a própria fundamentação da vida social e da cultura” e cujos membros estão devidamente integrados na natureza.

Através da literatura e do trabalho de campo, cheguei à conclusão de que a bruxaria contemporânea pode ultrapassar os limites do neopaganismo, esbarrando até mesmo em outras religiões e espiritualidades completamente diferentes, como o cristianismo, embora muitos wiccanianos e wiccanianas rejeitem esse sincretismo, por considerá-lo incompatível. Segundo o Terzetti Filho (2016, p.17), a bruxaria tradicional, por exemplo, diferentemente da wicca, “[...] é descrita por seus adeptos como uma Bruxaria autêntica sincrética com elementos até mesmo do cristianismo”. A Doreen Valiente (2016, p.85 e 97) inclusive afirmou que as bruxas tradicionais costumam ser reservadas, mantêm um estilo de vida convencional – se moram numa vila do interior, é provável que sejam frequentadoras da igreja local – e consideram Jesus um grande mestre e curador (“*healer*”).

Em campo, no “jantar mágico de *samhain*”<sup>22</sup>, a experiente wiccaniana C. I., em uma conversa comigo e com mais duas wiccanianas (B. P. e C. C.) sobre bruxaria e wicca, se posicionou no sentido de considerar possível a mistura do cristianismo com a bruxaria, mas não com a wicca, mencionando o absurdo da “wicca cristã”<sup>23</sup> (diário de campo, 27/04/2019). O reconhecimento da possibilidade de sincretismo entre bruxaria e cristianismo entre os wiccanianos e wiccanianas que interagi em campo é excepcional, tanto que a B.P e a C. C. demonstraram, principalmente através de suas expressões faciais, um certo desconforto com a opinião da C. I. O Claudiney Prieto (2009, p.245-255) dedica dez páginas da parte final (“Compêndio de reflexões”) de um dos seus livros para o tópico “Wicca cristã não existe” e afirma que “pessoas que praticam a chamada ‘Wicca Cristã’, ou aqueles que querem encontrar desculpas para incluírem elementos cristãos no Paganismo são Cristãos mal resolvidos”.

Nesta tese, a bruxaria contemporânea é considerada um caminho religioso e/ou espiritual, geralmente inserido no âmbito do neopaganismo, mas que também pode extrapolar seus limites ou estar fora deles, mesclando-se a diferentes religiões e espiritualidades; ligado à natureza e aos seus ciclos, celebrados através de rituais; cujos (as) praticantes se autodenominam bruxos (as); e no qual a cura – por meio de rituais e da natureza – ocupa um lugar privilegiado. Antes da cura e/ou junto dela entra o (auto)cuidado, e ambos podem se

---

<sup>22</sup> Evento privado que fiquei sabendo através do wiccaniano W. L. no Santuário da Grande Mãe, após perguntá-lo no Encontro Regional de Bruxos de São Paulo (ERB-SP) sobre bruxaria no dia a dia (07/04/2019) se eu poderia participar do encontro de *samhain* quando ele comentou que os amigos das tradições gardneriana e nemorensis se reuniriam para o ano novo deles. O W. L. pediu para eu lhe mandar uma mensagem no Facebook lembrando-o do jantar para que ele pudesse entrar em contato com a pessoa responsável pela organização e checar se eu poderia participar. Fiz isso no dia seguinte e a C. I. entrou em contato comigo pelo Whatsapp para me convidar. O evento aconteceu no espaço “Gaia – Centro de Saúde Integral”, próximo ao metrô Ana Rosa e ao Santuário, na Vila Mariana.

<sup>23</sup> É importante mencionar que a polêmica da “wicca cristã” é um tópico que apareceu com frequência enquanto eu estava fazendo trabalho de campo junto aos wiccanianos e wiccanianas. Não presenciei in loco alguém se manifestando a favor desse sincretismo: os adeptos da religião wicca normalmente o rechaçam, considerando wicca e cristianismo essencialmente incompatíveis. Na visão deles, quem o defende geralmente é leigo (a) e usa a internet para tal, expressando suas ideias em algum grupo sobre wicca no Facebook e espaços virtuais do gênero.

relacionar à sustentabilidade, a qual também tem seu próprio lugar de destaque dentro da bruxaria contemporânea.

## 2.2 (AUTO)CUIDADO E CURA

O pensamento de Foucault (2019) sobre o “cuidado de si” é, em certa medida, utilizado aqui para ajudar a pensar inicialmente os sentidos do termo “autocuidado” e abordar a cultura do (auto)cuidado na qual a bruxaria contemporânea e seus praticantes estão inseridos. Segundo o filósofo francês,

Ora, é esse tema do cuidado de si, consagrado por Sócrates, que a filosofia ulterior retomou, e que ela acabou situando no cerne dessa “arte da existência” que ela pretende ser. É esse tema que, extravasando de seu quadro de origem e se desligando de suas significações filosóficas primeiras, adquiriu progressivamente as dimensões e as formas de uma verdadeira “cultura de si”. Por essa expressão é preciso entender que o princípio do cuidado de si adquiriu um alcance bastante geral: o preceito segundo o qual convém ocupar-se consigo mesmo é, em todo caso, um imperativo que circula entre numerosas doutrinas diferentes; ele também tomou a forma de uma atitude, de uma maneira de se comportar, impregnou formas de viver; desenvolveu-se em procedimentos, em práticas e em receitas que eram refletidas, desenvolvidas, aperfeiçoadas e ensinadas; ele constituiu, assim, uma prática social, dando lugar a relações interindividuais, a trocas e comunicações e até mesmo a instituições; ele proporcionou, enfim, um certo modo de conhecimento e a elaboração de um saber (FOUCAULT, 2019, p.58).

Ocupar-se de si inclui cuidados com o corpo, regimes de saúde, atividades físicas sem excesso, satisfação das necessidades; meditações, leituras, tomar notas de livros ou conversações para se reler mais tarde, rememorando as verdades; conversas com confidentes, amigos e guias, nas quais “[...] se expõe o estado da própria alma, são solicitados conselhos, ou eles são fornecidos a quem deles necessita” – “em torno dos cuidados consigo toda uma atividade de palavra e de escrita se desenvolveu, na qual se ligam o trabalho de si para consigo e a comunicação com outrem” (FOUCAULT, 2019, p.66-67). Essa questão da

comunicação e do aconselhamento está muito presente entre as bruxas e bruxos que assumem, no âmbito de suas tradições, o papel de sacerdotisas e sacerdotes, as/os quais também encaram de modo mais intenso e com um senso maior de responsabilidade a cultura do (auto)cuidado, como ficará mais claro no capítulo seguinte.

“De acordo com uma tradição que remonta a muito longe na cultura grega, o cuidado de si está em correlação estreita com o pensamento e a prática médica” e “essa correlação antiga ampliou-se cada vez mais” (FOUCAULT, 2019, p.70). Filosofia e medicina dispõem “[...] de um jogo nocional comum cujo elemento central é o conceito de *páthos*; ele se aplica à paixão como à doença física, à perturbação do corpo como ao movimento involuntário da alma” (FOUCAULT, 2019, p.70). Nas práticas de si, o ponto em que se presta atenção é aquele no qual os males do corpo e da alma podem se comunicar entre si, intercambiando-se: “lá, onde os maus hábitos da alma podem levar a misérias físicas enquanto que os excessos do corpo manifestam e sustentam as falhas da alma” (FOUCAULT, 2019, p.73). Para Foucault (2019, p.74), o mais importante dessa aproximação entre medicina e moral é “o convite feito para que se reconheça como doente ou ameaçado pela doença”: “a prática de si implica que o sujeito se constitua face a si próprio, [...] como indivíduo que sofre de certos males e que deve deles cuidar, seja por si mesmo, seja por alguém que para isso tem competência”.

A “alma racional” tem o papel de fixar para o corpo um regime determinado pela natureza deste, bem como por suas tensões, estado e circunstâncias em que se encontra; só podendo fixá-lo corretamente após ter eliminado erros, reduzido imaginações, dominado desejos que fazem com que ela desconheça a “lei do corpo”, feita por ele próprio (FOUCAULT, 2019, p.165). Nesse regime, não se trata de travar uma luta da alma contra o corpo e vice-versa, mas da alma se corrigir para poder conduzir o corpo segundo a lei deste (FOUCAULT, 2019, p.166). E tanto o trabalho dessa chamada “alma” – que parece envolver

aspectos comportamentais, mentais e emocionais – quanto o do corpo estão presentes no meio da bruxaria contemporânea.

“Nos tempos antigos, a mente racional humana era vista como apenas um dos aspectos da alma imaterial, ou espírito”; “a distinção básica que se fazia não era entre corpo e mente, mas entre corpo e alma, ou corpo e espírito” (CAPRA, 2005, p.52-53). Nas línguas antigas, a ideia comum às palavras “alma” e “espírito” é a de que elas são o sopro da vida: “alma” em sânscrito (*atman*), grego (*psyche*) e latim (*anima*) significam “sopro”, e o mesmo vale para as palavras que significam “espírito” em latim (*spiritus*), grego (*pneuma*) e hebraico (*ruah*) (CAPRA, 2005, p.53). O sentido comum desses termos – o de sopro vital – esteve presente em muitas tradições religiosas e filosóficas no Ocidente e Oriente (CAPRA, 2005, p.80-81). Pelo fato de a respiração ser um aspecto essencial do metabolismo de todas as formas de vida, exceto as mais simples, “o sopro da vida parece ser uma metáfora perfeita para a rede de processos metabólicos que define todos os sistemas vivos”: “o espírito [...] é o que temos em comum com todos os seres vivos”, “é o que nos alimenta e nos mantém vivos” (CAPRA, 2005, p.81).

Na passagem a seguir, Foucault (2019, p.129-131) relaciona existência racional, prática de saúde e percepção (“de certa forma médica”) do mundo/espço/meio/circunstâncias e tempo em que se vive:

Uma existência racional não pode desenrolar-se sem uma “prática de saúde” [...] que constitui, de certa forma, a armadura permanente da vida cotidiana, permitindo a cada instante saber o que e como fazer. Ela implica uma percepção, de certa forma médica, do mundo ou, pelo menos, do espaço e das circunstâncias em que se vive. Os elementos do meio são percebidos como portadores de efeitos positivos ou negativos para a saúde; entre o indivíduo e o que o envolve, supõe-se toda uma trama de interferências que fazem que tal disposição, tal acontecimento, tal mudança nas coisas, irão induzir efeitos mórbidos no corpo; e que, inversamente, tal constituição frágil do corpo será favorecida ou desfavorecida por tal circunstância.

[...]

Os diferentes momentos do tempo – dias, estações e idades – são também, na mesma perspectiva, portadores de valores médicos variados. Um regime cuidadoso deve poder determinar com precisão as relações entre o calendário e os cuidados a serem tomados consigo.

[...]

Essa preocupação com o meio, lugares e momentos exige uma perpétua atenção a si, ao estado em que se está e aos gestos que se faz.

Na visão da autora wiccaniana Arin Murphy-Hiscock (2018, p.7 e 8), autocuidado basicamente tem a ver com auto-respeito; é parte dos nossos esforços para sermos as melhores pessoas que podemos ser; tem a magia como parceira ideal – considerando que um dos principais focos da magia é a cura (de si, da Terra, da humanidade e da natureza) –; é qualquer atividade que fazemos intencionalmente para cuidar da nossa saúde física, emocional e mental. Através do “autocuidado mágico”, recorre-se às energias de objetos naturais, tais como pedras/cristais e ervas, e dos elementos (água, ar, fogo e terra) para se cuidar espiritualmente (MURPHY-HISCOCK, 2018, p.7). A magia ajuda com o auto empoderamento e a exercer controle sobre a própria vida, e sua prática busca estabelecer ou equilibrar a conexão entre um indivíduo e o meio ambiente – e tudo isso guarda relação com os objetivos do autocuidado (MURPHY-HISCOCK, 2018, p.11).

Nas palavras da jornalista Daniela Carasco (2018), entre as práticas das “neofeiticeiras”, que “jogam luz” sobre a religião wicca, destaca-se “[...] a preparação de formulações, à base de óleos e de ervas, ligadas à cura do corpo e à purificação da alma”. Segundo a bruxa norte-americana Starhawk (2003, p.70), a prática da bruxaria sempre esteve ligada às “artes curativas”, botânica e obstetrícia. Contudo, a autora alerta: “um feitiço curativo não é um substituto para o cuidado médico” (STARHAWK, 2003, p.197). Ela chega a mencionar o confronto com vícios, dentre eles o alcoolismo, como um “desafio de cura” da comunidade pagã; tanto que, em novas edições do livro *A dança cósmica das feiticeiras*, substituiu o vinho por outras bebidas não alcóolicas nos rituais: não por acreditar que ninguém jamais deva beber, mas por tornar o ritual um espaço seguro para quem está lutando contra seus vícios (STARHAWK, 2003, p.24).

Além disso, a Starhawk (2003, p.26) relaciona o cuidado com o nosso corpo com o cuidado do nosso planeta, considerando o declínio da “saúde da Terra” nos últimos anos: “se percebêssemos a Terra como a extensão do nosso corpo, talvez cuidássemos dela melhor” – e

esse “talvez” se deve ao fato de muitos de nós abusarmos e causarmos danos aos nossos próprios corpos. A autora até cita a AIDS (*Acquired Immunodeficiency Syndrome/Síndrome da Imunodeficiência Adquirida*) como uma das muitas doenças do sistema imunológico que tem aparecido nos últimos tempos, que “serve como um aviso de que o sistema imunológico da Terra está sob ataque de toxinas e da poluição”, e que nos desafia em vários níveis a nos tornarmos guardiões da nossa saúde, comunidade e Terra (STARHAWK, 2003, p.24).

Para a bruxa inglesa Doreen Valiente (2016, p.214), os bruxos e bruxas de hoje estão interessados em ecologia, proteção ambiental e medicina holística – a qual se baseia na ideia de que para superar a doença não apenas o corpo físico precisa ser tratado, mas a pessoa como um todo. Efeito da mente perturbada sobre o corpo, a doença psicossomática é reconhecida como um fato – e tudo isso abriu caminho para a bruxa retornar ao seu antigo papel de curadora (“healer”) sem que sua “arte” seja desprezada por ser encarada como mera superstição (VALIENTE, 2016, p.214). Como se pode verificar nos últimos parágrafos, as bruxas Arin Murphy-Hiscock (2018), Starhawk (2003) e Valiente (2016) relacionaram saúde, (auto)cuidado, cura e defesa do meio ambiente.

Também é possível dizer que a bruxaria contemporânea e seus praticantes estão inseridos numa cultura da cura. E algumas reflexões que o físico austríaco Fritjof Capra (2006, p.117-118) fez a respeito do tema da cura também são bem-vindas nesta pesquisa:

A saúde e o fenômeno da cura têm tido significados diferentes conforme a época.

[...]

Ao longo dos tempos, a cura foi praticada por curandeiros populares, guiados pela sabedoria tradicional, que concebia a doença como um distúrbio da pessoa como um todo, envolvendo não só seu corpo como também sua mente, a imagem que tem de si mesma, sua dependência do meio ambiente físico e social, assim como sua relação com o cosmo e as divindades. Esses curandeiros, que ainda tratam a maioria dos pacientes no mundo inteiro, adotam muitas abordagens diferentes, as quais são holísticas em diferentes graus, e usam uma ampla variedade de técnicas terapêuticas. [...]. Através de rituais e cerimônias, tentam influenciar a mente do paciente, acalmando a apreensão, que é sempre um componente significativo da doença, ajudando-o a estimular os poderes curativos naturais que todos os organismos vivos possuem. Essas cerimônias de cura envolvem usualmente uma intensa relação entre o curandeiro e o paciente, e são frequentemente interpretadas em termos de forças sobrenaturais canalizadas através do primeiro.

Em termos científicos modernos, poderíamos dizer que o processo de cura representa a resposta coordenada do organismo integrado às influências ambientais

causadoras de tensão. Essa concepção de cura envolve um certo número de conceitos que transcendem a divisão cartesiana e que não podem ser formulados de acordo com a estrutura da ciência médica atual. [...] a arte de curar é um aspecto essencial de toda a medicina, e [...] mesmo a nossa medicina científica teve que se apoiar quase exclusivamente nela até algumas décadas atrás, pois tinha pouco mais a oferecer em termos de métodos específicos de tratamento.

Encarado como um *espaço de cura holístico* do mundo cotidiano onde o (a) praticante de magia pode entrar em contato com seu mundo interior e as energias e forças mais amplas do cosmos, o *ritual* é uma *parte importante da maioria das tradições mágicas*, de acordo com a antropóloga britânica Susan Greenwood (2000, p.33). Nos rituais, as bruxas e bruxos criam o que elas/eles veem como um “mundo holístico pré-cristão”, e usam técnicas mágicas de alteração de consciência numa tentativa de curar as lacunas da atual cultura dualista – que separa espírito e matéria, interno e externo, mente e corpo, ser humano e natureza (GREENWOOD, 2000, p.85). Nesse aspecto, a cura tem um sentido de unificação/união/completude e um caráter marcadamente espiritual.

Evidentemente, a relevância da cura no âmbito religioso e espiritual não é exclusividade da bruxaria contemporânea nem de outras tradições mágicas. A respeito disso, cabe citar Brandão (1994, p.260-261), para o qual a religião não somente cura o corpo e purifica ou salva a alma do fiel, mas serve para (e sempre deve) curar o “espírito afligido”; e “mesmo quando tida como ‘falsa’, ela é um sistema de sentido”, “e quando acreditada como verdadeira, é o único, ou o mais puro e eficaz repertório de significações indispensáveis ofertado ao homem”. No mais, “a ideia de indivíduo ligado ao cosmo expressa-se na raiz latina da palavra ‘religião’, *‘religare’* (‘ligar fortemente’)” (CAPRA, 2006, p.403). E, na visão de Capra (2006, p.403), “quando o conceito de espírito humano é entendido [...] como o modo de consciência pelo qual o indivíduo se sente vinculado ao cosmo como um todo, torna-se claro que a consciência ecológica é verdadeiramente espiritual”.

A Starhawk (2003, p.68) define a bruxaria como uma *religião xamanística*, que deposita um alta valor no *êxtase*, por este ser a *fonte de cura*, inspiração criativa, união e

comunhão com o divino. No já citado evento de comemoração dos 20 anos de bruxaria no Brasil, por exemplo, fez parte da programação a mesa “Círculo de mulheres e práticas xamânicas: uma análise do impacto da Bruxaria no Brasil sobre os homens e as mulheres de medicina”<sup>24</sup>. Trazido do norte da Eurásia para o Ocidente por missionários, comerciantes e viajantes, o xamanismo tem fascinado a cultura europeia e norte-americana há cerca de 300 anos (STUCKRAD, 2002, p.773). Mircea Eliade pode ser considerado o maior responsável pela guinada do discurso intelectual do século XIX para a apropriação popular do xamanismo na segunda metade do século XX (STUCKRAD, 2002, p.773-774). A partir dele, o xamanismo apareceu como uma espécie de constante antropológica, um conjunto de doutrinas e práticas religiosas que permitiu certas pessoas socialmente discerníveis interagirem com entidades espirituais em nome de sua comunidade (STUCKRAD, 2002, p.773).

O xamanismo continua vivo em diversas culturas do planeta, e “suas manifestações variam tanto de cultura para cultura, que é quase impossível formular enunciados gerais a seu respeito” (CAPRA, 2006, p.300). Em grande parte dos países com vastas áreas rurais, ele ainda representa o sistema médico mais importante, sendo também mantido nas principais cidades do mundo, especialmente naquelas nas quais uma parcela considerável da população é composta de migrantes recentes (CAPRA, 2006, p.300). Em culturas sem escrita ao redor do mundo, a origem da doença e o processo de cura são associados a forças pertencentes ao mundo dos espíritos, e diversos rituais e práticas curativas foram elaborados para lidar com a doença – entre eles, o xamanismo oferece paralelos com as psicoterapias modernas (CAPRA, 2006, p.300). A respeito da relação deste com a cura, o autor ainda afirma o seguinte:

A característica predominante da concepção xamanística de doença é a crença de que os seres humanos são partes integrantes de um sistema ordenado em que toda doença é consequência de alguma desarmonia em relação à ordem cósmica. Com grande frequência, a doença também é interpretada como castigo por algum comportamento imoral. Assim, as terapias xamanísticas destacam a recuperação da harmonia, ou do equilíbrio, dentro da natureza, nas relações humanas e nas relações com o mundo dos espíritos. [...].

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<http://www.bruxaria.com.br/20anos/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

As ideias xamanísticas acerca das causas das enfermidades estão intimamente ligadas ao meio ambiente social e cultural do paciente. [...].

[...]

As terapias xamanísticas obedecem geralmente a um enfoque psicossomático, pela aplicação de técnicas psicológicas a doenças físicas. A principal finalidade dessas técnicas consiste em reintegrar a condição do paciente na ordem cósmica. [...].

Os rituais xamanísticos de cura têm a função de elevar os conflitos e as resistências inconscientes a um nível consciente, onde podem desenvolver-se livremente e encontrar uma solução (CAPRA, 2006, p.300-302).

Desenvolvida nos anos 60 a partir da wicca gardneriana, a bruxaria feminista, por exemplo, coloca ênfase na *cura do patriarcado*, e essa cura tem a ver com *empoderamento* – uma reivindicação do poder perdido para o patriarcado (considerando a suposição de que numa era pré-cristã a mulher era valorizada e vista como poderosa) (GREENWOOD, 2000, p.108). Nesse caso, a prática ritual não pode ser separada da política (GREENWOOD, 2000, p.109). No espaço ritual, o feminino é valorizado e as mulheres se curam das visões negativas que têm de si mesmas devido ao condicionamento do patriarcado (GREENWOOD, 2000, p.129). Através de uma recuperação psicoterapêutica de um senso de completude, a cura envolve o entendimento da maneira com a qual a dominação foi sendo internalizada (GREENWOOD, 2000, p.130-131).

O patriarcado pode ser entendido como um sistema no qual os homens controlam, individual e coletivamente, o corpo, a sexualidade e o trabalho das mulheres (MORENO, 2014, p.7). “A periodicidade associada ao patriarcado é de, pelo menos, três mil anos” e seu poder “tem influenciado nossas ideias mais básicas acerca da natureza humana e de nossa relação com o universo” (CAPRA, 2006, p.27). Não por acaso, muitas religiões possuem dogmas e visões de mundo “[...] que tendem a corroborar o patriarcado”; “por outro lado, existem muitos movimentos de contestação da perspectiva patriarcal no interior das religiões”, inclusive no cristianismo (CORDOVIL, 2016, p.117). “Há religiões cuja doutrina explicitamente reconhece o sagrado feminino e cujas práticas permitem um papel de destaque às mulheres”, como a wicca, por exemplo (CORDOVIL, 2016, p.118).

“A espiritualidade feminista baseia-se na consciência da unicidade de todas as formas vivas e de seus ritmos cíclicos de nascimento e morte, refletindo assim uma atitude para com a vida que é profundamente ecológica” (CAPRA, 2006, p.406). Além disso, com a imagem de uma deidade feminina – a Deusa –, o movimento feminista tem criado uma nova autoimagem para as mulheres, com novas formas e sistema de valores, influenciando profundamente a religião, a filosofia e nossa vida política e social (CAPRA, 2006, p.406-407). As imagens convencionais estereotipadas da “natureza humana” também têm sido contestadas por movimentos de libertação étnica e outros (CAPRA, 2006, p.407) cujas bandeiras muitas vezes são levantadas no meio da bruxaria contemporânea, por exemplo, podendo integrar, inclusive, discussões envolvendo a cura do coletivo e da Terra.

A antropóloga e bruxa da tradição californiana *reclaiming* Rosemary Roberts (2011) aborda o tema da cura como central dentro de sua vertente de bruxaria contemporânea e neopaganismo. A análise que ela fez dos praticantes, de como concebem e valorizam a cura, através de um modelo no qual três níveis de cura se inter-relacionam – a cura de si; dos outros/da comunidade e da Terra/planetária –, pode ser aplicado ao meu trabalho de campo, como ficará ainda mais claro no próximo capítulo desta tese. Segundo a autora, é comum os praticantes da *reclaiming witchcraft* encararem os três níveis de cura como entrelaçados, ou seja, a cura de si pode ser o primeiro passo em direção à cura dos outros; a cura da comunidade é parte do trabalho de cura da Terra e esta, por sua vez, pode curar o indivíduo e as comunidades (ROBERTS, 2011, p.243).

Para muitos adeptos da tradição *reclaiming*, a ênfase recai sobre a autocura como um meio de curar a Terra, isto é, através da cura dos próprios traumas tem-se um efeito positivo no mundo; outros, no entanto, defendem que mudanças pessoais fazem muito pouco para ajudar no estado do planeta: o trabalho voltado para fora, o ativismo centrado na Terra, não deve ser negligenciado (ROBERTS, 2011, p.243). Indo além de noções de trauma psicológico

e físico, muitos praticantes da *reclaiming* e outros pagãos contemporâneos acreditam que *um trauma fundamental ocorreria como resultado da separação dos humanos da natureza – e rituais podem se voltar à cura por meio da conexão com a Terra, com os ciclos naturais* (ROBERTS, 2011, p.244).

A cura da comunidade envolve aprender a ouvir com compaixão e apoiar os outros em suas experiências diversas, e isso é visto como um passo em direção a aprender como criar e manter uma comunidade, o que, por sua vez, é outro passo voltado à cura de normas culturais focadas em competição e individualismo (ROBERTS, 2011, p.247). Para Roberts (2011, p.253), quando pessoas se unem, dão as mãos e entoam cânticos invocando os poderes curativos dos elementos da natureza (água, ar, fogo e terra), elas param de agir como indivíduos e começam a se mover como uma comunidade de curadores (“*healers*”). O senso de pertencimento e propósito compartilhado de cada um é efêmero ou duradouro dependendo do praticante, dos seus esforços e interações rituais com os outros (ROBERTS, 2011, p.253).

No Brasil, três membros (dois do Rio de Janeiro, o D. K. e o L. A. e um de Campinas, o N.) da tradição *reclaiming* conduziram a roda de conversa “A importância do trabalho com o nosso folclore para a cura da nossa Terra – Reclaiming Brasil” na celebração do dia do orgulho pagão em São Paulo, em 2019 (diário de campo, 26/10/2019)<sup>25</sup>. N. afirmou que o folclore faz parte da nossa história, do nosso povo, e que “a bruxa é um ser muito terreno, muito local, e ela tem uma importância fundamental na comunidade em que está”, questionando a quem estava presente: “você sabem sobre a lenda do bairro de vocês?” (diário de campo, 26/10/2019). “O que a *reclaiming* trouxe para mim foi um reconectar com a minha terra, com a minha ancestralidade” – disse D. K. E, de acordo com L.A., recuperando

---

<sup>25</sup> O evento aconteceu na Associação Beneficente Provincianos Osaka Naniwa Kai, na Vila Mariana, zona centro-sul da cidade. A respeito da tradição *reclaiming*, o D. K. esclareceu o seguinte: ela veio para o Brasil em 2017; muitos encontros entre os praticantes brasileiros são online; há mais adeptos no Rio de Janeiro do que em São Paulo; a tradição teve início em workshops promovidos pela Starhawk, a qual se diz tanto bruxa quanto wiccaniana, apesar de a *reclaiming* em si não ser uma tradição da wicca, mas sim de bruxaria (diário de campo, 26/10/2019).

nossas raízes, nos curamos, conseguimos viver melhor em êxtase (diário de campo, 26/10/2019).

O L.A. disse que a colonização tentou apagar nossa história; que “o folclore resiste” e é uma “grande conversa dinâmica” entre os seus nativos e a terra – folclore como intermédio entre o ser humano e a terra –; e citou o livro “O que é folclore”, do Carlos Rodrigues Brandão (diário de campo, 26/10/2019). Para o bruxo, “há uma conexão muito grande entre a terra que aquela bruxa vive e ela”; temos que “sair do antropocentrismo”; e *a cura da Terra tem a ver com o contato que estabelecemos com o nosso local, não só com os trabalhos mágicos para curar a Terra*, “que já é bem velhinha e sabe se cuidar” (diário de campo, 26/10/2016). Na roda de conversa, foram mencionados os seguintes personagens folclóricos do Brasil: Boto, Saci, Boitatá e Cuca, e o L. A. acrescentou que o folclore também envolve o que nossos pais e avós nos contam (diário de campo, 26/10/2019).

No evento de 20 anos de bruxaria no Brasil, o tema da cura apareceu no início da programação, na segunda mesa: “Curando nossas feridas: contornos da comunidade Pagã brasileira atual”<sup>26</sup>. De acordo com o C. R., eles, os pagãos, falam mal de conceitos cristãos como culpa e castigo mas os reproduzem muitas vezes; o respeito pelo outro tem que ser trabalhado (diário de campo, 18/11/2018). Para ele, o conhecimento é outra ferida: hoje tem o Google e as pessoas acordam sacerdotes ou sacerdotisas sem terem experiência nem conhecimento, sem responsabilidade; precisamos de humildade, de olhar para os mais velhos (“*elders*”), de seguir a base, não banalizar a Bruxaria, a qual tem dogmas, crenças, valores – tudo isso é necessário para as gerações seguintes de bruxaria, de wicca, para que sejam melhores (diário de campo, 18/11/2018). Nesse caso, a cura tem a ver com lidar com os próprios problemas, com questões sensíveis dentro da própria comunidade pagã e de bruxaria – envolvendo, por exemplo, hipocrisia, arrogância e superficialidade –, para superá-las.

---

<sup>26</sup> Disponível em: <<http://www.bruxaria.com.br/20anos/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

Na mesma mesa, L. A. afirmou que lidar com as feridas é lidar com/enfrentar impasses; que é preciso lidar com as nossas “sombras”, seguir nossas “pulsões”, nossos instintos, e traçar limites, considerando o desrespeito das pessoas com relação aos pagãos (diário de campo, 18/11/2018). T. T., que foi candidato a deputado estadual (em São Paulo) pelo Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) nas eleições de 2018 e faz parte do Coletivo Mãe Terra – um coletivo antifascista que busca “[...] representar e garantir os direitos das minorias religiosas, a defesa da diversidade, meio ambiente, saúde alternativa, educação”<sup>27</sup> –, disse que as pessoas olham os pagãos com “maus olhos”, que a sociedade não aceita diferenças, e que eles, do Coletivo Mãe Terra, sofreram muito preconceito e ameaças durante o período eleitoral (diário de campo, 18/11/2018).

Apresentando uma perspectiva diferente com relação aos outros membros da mesa, a D. mencionou que seu trabalho de cura é “muito mais *yin*”, interno, voltado para o melhoramento de cada pessoa, criando um “efeito dominó na nossa comunidade” – nossa relação com a deusa e a espiritualidade ressoa em todos e todas, por sermos partes da “grande teia” (diário de campo, 18/11/2018). Ela falou sobre cura emocional e espiritual, destacando a importância de curarmos todas essas feridas, inclusive a do ventre, a do sagrado feminino, e finalizou: “precisamos cuidar de nós mesmos para cuidar dos outros” (diário de campo, 18/11/2018). Com um viés conciliador, o moderador W. Q. concluiu a mesa defendendo a importância de nos curarmos individualmente e de nos manifestarmos politicamente (diário de campo, 18/11/2018). Nesse caso, a discussão a respeito da relevância e do impacto da cura de si (individual) e da comunidade (coletiva) se assemelha àquela observada e trazida pela Roberts (2011) a partir do seu trabalho de campo.

No mesmo evento, na mesa “Bruxos e a terra: nossa responsabilidade e o nosso legado”, a wiccaniana T. disse ter mudado de discurso nesses 20 anos de bruxaria no Brasil:

---

<sup>27</sup> Disponível em: < [https://www.facebook.com/coletivomaeterra/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/coletivomaeterra/about/?ref=page_internal)>. Acesso em: 14 jul. 2020.

ela está mais introspectiva e considera que a responsabilidade pela Terra começa em nós; viu pessoas levantando bandeiras e fazendo o oposto do que defendiam – por isso, devemos nos conhecer, colocar a mão na consciência e viver o que acreditamos e defendemos, ter coerência (diário de campo, 18/11/2018). Ela questionou se estamos cuidando de nós mesmos, afirmou que não precisamos de feitiço para cuidar da Terra e que bruxaria é autoconhecimento, é respeitar nós mesmos e o outro (pessoa, animal, árvore) como ele quer ser respeitado – se não temos responsabilidade conosco, não teremos com nada nem ninguém, por isso considera fundamental o autoconhecimento (diário de campo, 18/11/2018). Ou seja, no seu discurso, a T. relaciona a bruxaria com autoconhecimento, autocuidado, respeito pelo próximo – seja ele humano, animal ou planta –, e responsabilidade com a Terra, nessa ordem.

### 2.3 SUSTENTABILIDADE

Um assunto, ideia ou prática só estabelece uma relação direta com a sustentabilidade quando esse substantivo ou o seu adjetivo “sustentável” é utilizado? Neste capítulo, por exemplo, quando se fala em: resgate, por grupos neopagãos, de “saberes ancestrais” /filosofias religiosas de povos pré-cristãos em clara sintonia com a proposta do movimento ecológico (CASTRO, 2017, p.12); paganismo contemporâneo como espiritualidade baseada na Terra, isto é, com crenças e práticas inspiradas pelos ciclos da natureza (ROBERTS, 2011, p.240); neopagãos como pessoas normalmente sensíveis ou engajadas em questões ambientais (ROBERTS, 2011, p.240), que compartilham o objetivo de viver em harmonia com a natureza e tendem a ver como principal fonte de alienação o “avanço” da humanidade e sua separação da natureza – e o ritual como sendo a ferramenta para acabar com essa alienação (ADLER,

2006); wicca como parte de um movimento de conscientização feminina, posteriormente chamado por alguns de “o retorno da deusa”, envolvendo também questões ambientais e de reconexão com a natureza (DUARTE, 2013, p.37), está se falando em sustentabilidade?

Ainda neste capítulo, quando se trata de: reinterpretação da wicca a partir de um enfoque mais feminista e político alinhado com práticas neoxamânicas, dando origem a diferentes tradições, sendo as mais influentes aquelas que destacavam o aspecto espiritual feminista e ambiental da religião (TERZETTI FILHO, 2016, p.19); postura holística ou vitalista do xamanismo como substituta à ocidental mecanicista e positivista no tocante à realidade e à natureza (STUCKRAD, 2002, p.774); wicca como qualquer tradição ou prática pessoal e solitária que, dentre outras características, centre sua espiritualidade na Terra; reconheça os quatro elementos da natureza (água, ar, fogo e terra) e cujo calendário litúrgico se baseie nas mudanças dos ciclos sazonais e das fases da lua (PRIETO, 2009, 2017); e uma série de “neofeiticeiras” entre os *millennials* que, nas redes sociais, “jogam luz” sobre a wicca, a qual exalta o sagrado feminino e tem como diretrizes o respeito ao meio ambiente, cidadania e diversidade (CARASCO, 2018), a sustentabilidade está sendo abordada?

Da mesma forma, quando falamos em: bruxaria contemporânea como um caminho religioso e/ou espiritual, geralmente inserido no âmbito do neopaganismo, ligado à natureza e aos seus ciclos, celebrados através de rituais e no qual a cura – por meio de rituais e da natureza – ocupa um lugar privilegiado; relação do cuidado com o nosso corpo com o cuidado do nosso planeta (STARHAWK, 2003, p.23); interesse dos bruxos e bruxas de hoje em ecologia, proteção ambiental e medicina holística (VALIENTE, 2016, p.214); ritual encarado como um espaço de cura holístico do mundo cotidiano (GREENWOOD, 2000, p.33); consciência ecológica como espiritual (CAPRA, 2006, p.403); bruxaria como religião xamanística (STARHAWK, 2003, p.68) e, na concepção do xamanismo, toda doença como consequência de uma desarmonia em relação à ordem cósmica e cujas causas estão ligadas ao

meio ambiente social e cultural do doente (CAPRA, 2006, p.300-301), estamos falando de sustentabilidade?

Abordar: ênfase da bruxaria feminista na cura do patriarcado e sua prática ritual vinculada à política (GREENWOOD, 2000, p.108-109); a atitude para com a vida que a espiritualidade feminista reflete como sendo profundamente ecológica (CAPRA, 2006, p.406); a criação, com a imagem de uma deidade feminina (a Deusa) pelo movimento feminista, de uma nova autoimagem para as mulheres, com novas formas e sistemas de valores, influenciando consideravelmente a religião, a filosofia e nossa vida política e social (CAPRA, 2006, p.406-407); o fato de muitas bandeiras de movimentos feministas, de libertação étnica e outros serem levantadas no meio da bruxaria contemporânea, podendo inclusive integrar discussões envolvendo a cura da comunidade e da Terra; a relação entre três níveis de cura – a de si, dos outros/da comunidade e da Terra/planetária – em uma dada vertente de bruxaria contemporânea (ROBERTS, 2011); e o fato de muitos neopagãos, indo além de noções de trauma psicológico e físico, acreditarem que um trauma fundamental ocorrera como resultado da separação dos humanos da natureza – e que rituais podem se voltar à cura por meio da conexão com a Terra, com os ciclos naturais (ROBERTS, 2011, p.244), é tratar de sustentabilidade?

Ao falarmos em: pessoas parando de agir como indivíduos e começando a se mover como uma comunidade de curadores ao se unirem, darem as mãos e entoarem cânticos invocando os poderes curativos dos elementos da natureza (ROBERTS, 2011, p.253); cura da Terra ter a ver com o contato que estabelecemos com o nosso local (diário de campo, 26/10/2019); em relação da bruxaria com autoconhecimento, autocuidado, respeito pelo próximo – seja ele humano, animal ou planta –, e responsabilidade com a Terra, nessa ordem (diário de campo, 18/11/2018); dentre outros assuntos semelhantes levantados aqui, estamos falando em sustentabilidade? A resposta a todos os questionamentos feitos anteriormente é:

sim! Como foi esclarecido no primeiro capítulo, o objetivo e a contribuição da pesquisa é justamente mostrar que há diferentes formas de expressão do que se entende por “sustentabilidade”.

De acordo com Veiga (2010, p.164), as razões da força e aceitação quase total da noção de sustentabilidade estão nas suas imprecisões e ambivalências – “[...] ela não nasceu definida: seu sentido é decidido no debate teórico e na luta política”; “sendo assim, sua força está em delimitar um campo bastante amplo em que se dá a luta política sobre o sentido que deveria ter o meio ambiente no mundo contemporâneo”. O autor reforça que “a sustentabilidade não é, e nunca será, uma noção de natureza precisa, discreta e aritmética”: “tanto quanto a ideia de democracia – entre muitas outras ideias tão fundamentais para a evolução da humanidade –, ela sempre será contraditória, pois nunca poderá ser encontrada em estado puro” (VEIGA, 2010, p.165).

Veiga (2015, p.38) costuma evitar o substantivo “sustentabilidade”, pois acha discutível considerá-lo, como muitos acreditam, sinônimo de “desenvolvimento sustentável”. O referido substantivo “[...] passou a servir a gregos e troianos quando querem exprimir vagas ambições de continuidade, durabilidade ou perenidade, todas remetendo ao futuro” – “com isso, aumentou muito a queixa dos que acham que essa noção deveria ter alguma definição precisa” (VEIGA, 2015, p.38). Contudo, há definição precisa de “justiça”, por exemplo? “É uma noção incomparavelmente antiga e nem por isso menos controversa” (VEIGA, 2015, p.38-39). A ideia de sustentabilidade é um novo valor que começou a se firmar somente meio século após a adoção da Declaração Universal dos Direitos Humanos pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1948 (VEIGA, 2015, p.39). Para Veiga (2015, p.40), trata-se do único valor que dá atenção às futuras gerações.

Portanto, não existe resposta simples, direta nem definitiva para a pergunta “o que é sustentabilidade?”, também não há como impedir sua apropriação em outros contextos nem

proibir o uso metafórico que se consolidou: dizer que o comportamento de uma empresa, família ou indivíduo segue um “código ético de responsabilidade socioambiental” (VEIGA, 2015, p.40). “Nada garante que tais comportamentos ou processos sejam realmente sustentáveis, mas essa foi a formulação socialmente selecionada para se comunicar que está sendo feito algum esforço nessa direção” (VEIGA, 2015, p.40). *A sustentabilidade passou a expressar a necessidade do uso mais responsável dos recursos ambientais, por evocar uma espécie de ética de perpetuação da vida, incluindo a vida humana* (VEIGA, 2010, p.165).

O nome do primeiro capítulo do livro *Direito do ambiente*, do jurista Édis Milaré (2013), é sugestivo quanto à sua visão sobre o tema: “Sustentabilidade – Eixo da Questão Ambiental”. Milaré (2013, p.45) o inicia afirmando que, na atualidade, boa parte da problemática ambiental global, senão toda ela, gira em torno da sustentabilidade, a qual é tema de inúmeras conversas, desde debates científicos até discussões jornalísticas, escolares, de movimentos sociais, saraus eruditos e conversas de boteco. Obviamente, a noção em comento é *abordada com o respectivo viés nesses diferentes meios*, mas as perguntas são essencialmente as mesmas e podem ser resumidas da seguinte maneira: “em que bases e com que meios será possível continuar mantendo-se e, ao mesmo tempo, contribuir para o desenvolvimento da família humana?” (MILARÉ, 2013, p.45).

Muitos consideram que a origem da noção de sustentabilidade remete à Organização das Nações Unidas (ONU) nos anos 70, quando surgiu com força a consciência dos limites do crescimento econômico, abalando o modelo vigente em quase todas as sociedades ao redor do mundo (BOFF, 2015, p.31). No entanto, a ideia possui uma história pouco conhecida de mais de 400 anos, segundo Leonardo Boff (2015, p.31-33): foi em 1560, na província da Saxônia, que surgiu a preocupação com o uso racional das florestas, de modo que estas pudessem se manter e regenerar – nesse contexto surgiu a palavra “*Nachhaltigkeit*”, “sustentabilidade” em alemão. No entanto, apenas em 1713, na mesma região, essa palavra se transformou em um

conceito estratégico, graças a Hans Carl von Carlowitz (BOFF, 2015, p.33). Conforme Veiga (2015, p.26-27):

A escassez de madeira que no século XVII criou sérias dificuldades para as nações que mais se desenvolviam na Europa fez brotar o princípio de que as florestas deveriam ser manejadas de modo a que sua reprodução sempre igualasse o consumo. Essa regra já estava esboçada no livro *Sylva*, apresentado em 1664 à Royal Society por John Evelyn, assim como na *Ordonnance* para as florestas reais que Jean-Baptiste Colbert baixara 1669. Dois documentos que certamente contribuíram para que ela fosse teorizada em 1713, com a publicação, na Saxônia, do manual *Sylvicultura Oeconomica*, tarefa encabeçada pelo nobre Hans Carl von Carlowitz (1645-1714).

[...]

Aos poucos a ideia de uso razoável ou responsável [...] foi evoluindo para a de “rendimento sustentável” [...] e sendo adotada por outras disciplinas tecnológicas e comunidades científicas mais diretamente voltadas à exploração de recursos naturais renováveis. Particularmente pela engenharia de pesca [...].

Não é surpreendente, portanto, que nos anos 1970 o adjetivo “sustentável” tenha sido selecionado para qualificar o que poderia ser um desejado porvir para as sociedades humanas, e que nos anos 1980 a mesma escolha tenha ocorrido para qualificar seu ideal de desenvolvimento.

Ainda de acordo com Veiga (2015, p.24), tudo indica que o adjetivo “sustentável” foi usado pela primeira vez para qualificar o desenvolvimento num seminário intitulado “A busca de padrões sustentáveis de desenvolvimento”, promovido pelo Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) em 1979, em Estocolmo. No entanto, a noção de desenvolvimento sustentável só começou a ser de fato afirmada em 1987, quando a presidente da Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Gro Harlem Brundtland caracterizou, perante a Assembleia Geral da ONU, o desenvolvimento como um conceito político e amplo para o progresso socioeconômico – “*Nosso futuro comum* foi intencionalmente um documento político, que visava a estabelecer uma aliança com os países da periferia, num processo que seria decisivo para a realização da Rio-92” (VEIGA, 2010, p.191).

Na ocasião acima mencionada, em que se acatou o “Relatório Brundtland” /*Nosso futuro comum*, foi feita a declaração segundo a qual o “desenvolvimento sustentável é a ambição de que a humanidade venha a atender às suas necessidades atuais sem comprometer a possibilidade de que as futuras gerações também possam fazê-lo” – a definição mais

legítima, conhecida e aceita (VEIGA, 2015, p.9). Na Declaração do Rio sobre meio ambiente e desenvolvimento”, aprovada em 1992 na Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e o Desenvolvimento, a Rio-92 ou Eco-92, o terceiro princípio “[...] diz que o direito ao desenvolvimento deve ser exercido de modo que sejam atendidas equitativamente as necessidades do desenvolvimento e do meio ambiente, assim como das gerações presentes e futuras” – “ou seja, o meio ambiente deve ser reconhecido como base e condição material [...] de qualquer possibilidade de desenvolvimento humano” (VEIGA, 2015, p.21).

No entanto, hostis à igualdade entre desenvolvimento e meio ambiente, os governantes e seus diplomatas abraçaram, a fim de combater, a fórmula do equilíbrio dos três pilares ou dimensões (econômica, social e ambiental) – um “retrocesso cognitivo” confirmado na Rio+10/Cúpula Mundial sobre Desenvolvimento Sustentável (VEIGA, 2015, p.21). O problema está no fato de tanto o desenvolvimento quanto a sustentabilidade possuírem várias dimensões que não são estanques, separadas ou paralelas (VEIGA, 2015, p.22). Na virada do milênio, as negociações entre os Estados-membros da ONU tiveram pouca influência de representantes da sociedade civil ou do mundo empresarial, mas entre 2013 e 2015 um processo extremamente participativo levou à adoção de propostas as quais foram integralmente aprovadas pela cúpula mundial que adotou a *Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável*, que contém os 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas (VEIGA, 2015, p.23).

No documento *Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável*, consta que “os ODS e metas são integrados e indivisíveis, de natureza global e universalmente aplicáveis, tendo em conta as diferentes realidades, capacidades e níveis de desenvolvimento nacionais e respeitando as políticas e prioridades nacionais”, e se afirma que “[...] o planeta Terra e seus ecossistemas são a nossa casa comum e que a ‘Mãe Terra’ é uma expressão comum em vários países e regiões” (ONU, 2015, p.16-17). Os ODS embasam, por

exemplo, a concepção temática da “Virada Sustentável” e são os princípios que orientam a programação do festival, conforme consta no seu site<sup>28</sup>. Na edição de 2019 em São Paulo, entre as atividades relacionadas ao tipo “saúde e bem-estar” – como referência ao 3º ODS: “assegurar uma vida saudável e promover o bem-estar para todos, em todas as idades” (ONU, 2015) – constavam na programação<sup>29</sup> rituais, meditações e vivências terapêuticas e de cura envolvendo sagrado feminino, astrologia e práticas integrativas e complementares<sup>30</sup> (reiki e florais, por exemplo).

No início do primeiro capítulo do livro *Sustentabilidade: o que é – o que não é*, Boff (2015, p.16) cita a *Carta da Terra* – um documento inspirador que é fruto de uma consulta feita entre 1992 e 2000 a milhares de pessoas de diversos países e culturas, que chama atenção para os riscos com relação à sobrevivência humana na Terra e propõe valores e princípios visando um novo futuro para a coletividade – e, a partir dela, discorre acerca da concepção de sustentabilidade. Esta, segundo o autor, é reducionista quando aplicada somente ao crescimento ou ao desenvolvimento, como é predominante na atualidade, por isso defende que ela deve abranger todos os territórios da realidade: dos indivíduos às comunidades, cidades, indústria, cultura, política e especialmente ao nosso planeta com seus ecossistemas (BOFF, 2015, p.16). Na visão de Boff (2015, p.14), sustentabilidade fundamentalmente significa:

---

<sup>28</sup> Com início em 2011 em São Paulo e com edições já realizadas no Rio de Janeiro, Porto Alegre, Salvador, Manaus e outras cidades, trata-se de “[...] um movimento de mobilização para a sustentabilidade que organiza o maior festival sobre o tema no Brasil”, e envolve articulação e participação direta de órgãos públicos, universidades, escolas, equipamentos culturais, coletivos de cultura, movimentos sociais, organizações da sociedade civil, empresas e outros, “[...] com o objetivo de apresentar uma visão positiva e inspiradora sobre a sustentabilidade e seus diferentes temas para a população, além de reforçar as redes de transformação e impacto social existentes nas diferentes cidades”. Disponível em: < <https://www.viradasustentavel.org.br/o-que-e-a-virada>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

<sup>29</sup> Disponível em: < <https://www.viradasustentavel.org.br/programacao/virada-sustentavel-sao-paulo-2019>>. Acesso em: 21 ago. 2019.

<sup>30</sup> De acordo com o site do Ministério da Saúde, “as Práticas Integrativas e Complementares (PICS) são tratamentos que utilizam recursos terapêuticos baseados em conhecimentos tradicionais, voltados para prevenir diversas doenças como depressão e hipertensão” e, “em alguns casos, também podem ser usadas como tratamentos paliativos em algumas doenças crônicas”. Disponível em: <<https://saude.gov.br/saude-de-a-z/praticas-integrativas-e-complementares>>. Acesso em: 28 jul. 2020.

O conjunto dos processos e ações que se destinam a manter a vitalidade e a integridade da Mãe Terra, a preservação de seus ecossistemas com todos os elementos físicos, químicos e ecológicos que possibilitam a existência e a reprodução da vida, o atendimento das necessidades da presente e das futuras gerações, e a continuidade, a expansão e a realização das potencialidades da civilização humana em suas várias expressões.

No mais, para Boff (2015, p.16, grifo nosso), “sustentabilidade é *um modo de ser e de viver* que exige alinhar as práticas humanas às potencialidades limitadas de cada bioma e às necessidades das presentes e das futuras gerações”. O autor considera que a “busca de uma compreensão mais adequada de sustentabilidade” é, acima de tudo, feita “[...] de sinergia e sintonia com os ciclos da natureza, de respeito às possibilidades de cada ecossistema e atenta à suportabilidade e à capacidade regenerativa da Mãe Terra” (BOFF, 2015, p.78-79). “A sustentabilidade não vem imposta de fora”: “ela nasce da própria lógica das coisas e do tipo de relação de cooperação, respeito, veneração do ser humano por tudo o que existe e vive” (BOFF, 2015, p.79).

É interessante notar que na carta encíclica *Laudato Si’: sobre o cuidado da casa comum*, do Papa Francisco (2015) – dirigida a todos os habitantes do planeta Terra, considerando a “deterioração global do ambiente” –, o substantivo “sustentabilidade” é mencionado apenas numa referência à Carta da Terra; o adjetivo “sustentável” aparece diversas vezes, e o termo “cuidado” é o que está mais presente: fala-se, por exemplo, em “cuidado dos outros e do meio ambiente”, “cuidado responsável do meio ambiente”, do ambiente, da natureza, dos ecossistemas, da biodiversidade, da vida, do mundo, da ecologia e “das riquezas culturais da humanidade”. O Papa Francisco (2015, p.173-174) inclusive reforça a importância do que ele chamou de “cultura do cuidado”, a qual englobaria o “cuidado do meio ambiente”. *Feitas essas considerações, pode-se interpretar que a noção de cuidado deste planeta é mais abrangente do que a de sustentabilidade ou ambas são, no fundo, a mesma – nesse caso, a questão seria somente terminológica.*

Os sentidos atribuídos por Boff (2015) à noção de sustentabilidade são levados em consideração neste trabalho, o qual também se vale da ambiguidade, indefinição e amplitude do termo – frutos da sua própria natureza, como bem esclarecido por Veiga (2010, 2015) – e da sua disseminação em diferentes contextos, para tratá-lo genericamente como o eixo da questão ambiental na atualidade, como o fez Milaré (2013). Aqui, a sustentabilidade também é abordada de maneira mais próxima das pessoas e de suas visões de mundo e de um modo que busca integrar as “dimensões” ambiental, social, econômica, política, espiritual e outras possivelmente existentes.

“Por toda parte, difunde-se pouco a pouco uma nova mentalidade: não somos senhores do mundo e o que existe à nossa volta é parte de nós mesmos” (BRANDÃO, 1994, p.40). O desafio começa com uma ampliação de entendimentos que, de diversos pontos, de acordo com os campos científicos “[...] e *outros modos de pensar e sentir*, convirjam para uma mesma compreensão, já sincretizados em antigas espiritualidades” (BRANDÃO, 1994, p.79, grifo nosso). Taddei (2017, p.14 e 23, grifo do autor), no âmbito de seu “[...] estudo de como pessoas e grupos distintos, em contextos diversos, compõem o clima como parte do trabalho de construção da realidade”, faz, dentre inúmeros outros questionamentos relevantes, um que é muito bem-vindo a esta tese: “mas, afinal, em que medida tomamos *realmente* à sério outras formas de percepção e experiência do ambiente?”

### 3 BRUXAS E BRUXOS CONTEMPORÂNEOS EM SÃO PAULO

Neste capítulo, finalmente aparecem com mais detalhes os bruxos e bruxas contemporâneos com os quais estive em campo e, a partir das minhas observações e/ou interações com eles e elas, passei por todo o processo de (des)construção que deu origem a esta tese. Bruxos (as) contemporâneos (as) são pessoas deste tempo social, de diversos graus de escolaridade, níveis de engajamento (em causas sociais, ambientais, feministas e outras), faixas etárias, etnias, classes sociais, profissões e orientação afetiva que praticam, individual ou coletivamente, a bruxaria contemporânea – definida aqui como um caminho religioso e/ou espiritual, geralmente inserido no âmbito do neopaganismo, mas que também pode extrapolar seus limites ou estar fora deles, mesclando-se a diferentes religiões e espiritualidades; ligado à natureza e aos seus ciclos, celebrados através de rituais; e no qual a cura – por meio de rituais e da natureza – ocupa um lugar privilegiado. Como já mencionado, antes da cura e/ou junto dela entra o (auto)cuidado, e ambos podem se relacionar à sustentabilidade, a qual também pode ter seu próprio lugar de destaque dentro da bruxaria contemporânea.

Ao mencionar em campo minha preferência na tese pelos termos “bruxas e bruxos”, por entender que são mais abrangentes, o wiccaniano W. L. manifestou sua concordância, dizendo que as pessoas que seguem a Tradição Feri<sup>31</sup>, por exemplo, não são wiccanianas, são bruxas (diário de campo, 07/04/2019)<sup>32</sup>. Em resposta à pergunta “o que é uma bruxa?”, Russell e Alexander (2019, p.11-12) afirmam o seguinte:

Se você perguntar a seus conhecidos o que é uma bruxa, provavelmente eles lhe dirão que bruxas não existem. Bruxas, afirmarão eles, são personagens imaginários,

---

<sup>31</sup> “A Faery Tradition [ou Tradição Feri] é uma forma não gardneriana de bruxaria fundada por um bruxo norte-americano, Victor Anderson, na década de 50, baseada em visões pessoais e experiências xamanísticas combinadas com elementos de magia popular” (RUSSELL; ALEXANDER, 2019, p.254).

<sup>32</sup> Diário referente ao trabalho de campo realizado no ERB-SP sobre bruxaria no dia a dia, no Santuário da Grande Mãe. 12 pessoas participaram do encontro, divulgado no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/368872930630271>>. Acesso em: 26 out. 2020.

representados como velhas horrorosas, com verrugas no nariz, chapéus compridos e pretos em formato de cone, montadas em cabos de vassoura, que criam gatos pretos e dão gargalhadas malignas [...]. Provavelmente, nenhuma bruxa, em tempo algum, jamais teve as características desse estereótipo.

Todavia, bruxas existem realmente. De fato, a bruxaria é considerada como uma religião de pleno direito por numerosas instituições, inclusive as forças armadas e o sistema legal dos Estados Unidos. Dentre as bruxas que conhecemos, nenhuma correspondeu jamais a esse estereótipo, exceto talvez em festas à fantasia.

Há respostas mais acuradas e úteis para a pergunta que se coloca no título desta introdução: (1) bruxa é o mesmo que feiticeira: esta é a abordagem antropológica<sup>33</sup>; (2) a bruxa adora o Diabo: esta é a abordagem histórica para a bruxaria europeia; (3) a bruxa reverencia deuses e deusas e pratica a magia para boas causas: este é o enfoque adotado pela maior parte dos bruxos modernos.

Muitos bruxos e bruxas que observei e interagi em campo se apropriam dessa imagem estereotipada da bruxa: vendendo (no caso dos artesões e/ou revendedores) e comprando bonecas de bruxas, vassouras, caldeirões e acessórios com imagens de gatos pretos (ou até mesmo adotando esses bichos de estimação) e usando fantasias e decorações típicas de *Halloween* em datas comemorativas. A maioria se veste de preto – cor que, segundo a wiccaniana F. F., representa proteção e, para as bruxas de antigamente, a junção de todas as cores, as quais utilizavam para tingir o tecido de preto (diário de campo, 06/05/2018)<sup>34</sup> – e usa acessórios (brincos, colares, pulseiras etc.) com símbolos do universo (neo)pagão, sendo o pentagrama (estrela de cinco pontas envolta por um círculo)<sup>35</sup> um dos principais.

<sup>33</sup> Para um aprofundamento da abordagem antropológica sobre a bruxaria, uma referência clássica é o livro *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande*, do inglês Edward Evan Evans-Pritchard.

<sup>34</sup> Diário referente ao trabalho de campo realizado no 30º ERB-SP, no Santuário da Grande Mãe, cujo tema foi “ancestrais na wicca”. O encontro foi divulgado no site no Santuário e no Facebook e contou com aproximadamente vinte participantes.

<sup>35</sup> De acordo com Prieto (2009, p.354 e 379), o pentagrama é considerado o maior símbolo da bruxaria, representa o homem de braços abertos dentro do “círculo mágico” e os quatro elementos da natureza (água, ar, fogo e terra) mais o espírito.

Fotografia 1 – Mesa das sobremesas do “jantar mágico de Samhain” no espaço Gaia, na Vila Mariana



Fonte: autoria própria (diário de campo, 27/04/2019).

Figura 1 – Logotipo do evento de comemoração dos 20 anos de bruxaria no Brasil



MAIS DE 70 NOMES INFLUENTES DO PAGANISMO NACIONAL ESTARÃO REUNIDOS PARA COMEMORAR

## 20 ANOS DE BRUXARIA NO BRASIL

uma retrospectiva de nossas histórias e feitos com aqueles  
que ajudaram a construir o cenário pagão brasileiro

**DIA  
18/11**

Auditório do Centro Cultural Naniwa-Kai - das 10h às 20h  
Rua Domingos de Moraes, n. 1681 (ao lado do Metrô Vila Mariana)

entrada franca



Fonte: site do evento (2018)<sup>36</sup>.

<sup>36</sup> Disponível em: < <http://www.bruxaria.com.br/20anos/>>. Acesso em: 19 nov. 2018.

Em campo me deparei com bruxas e bruxos jovens e algumas/alguns com idade mais avançada; que são mães, pais (e alguns até trouxeram as crianças aos encontros, atividades e rituais públicos) e avós; casados (as) e solteiros (as); professores (as), pesquisadores (as), estudantes, psicólogos (as), artesãs/artesões, terapeutas holísticos (as), tarólogos (as), astrólogos (as), escritores (as) na área de bruxaria; e muitos (as) são da comunidade LGBT (lésbicas, gays, bissexuais e transexuais). Embora o objetivo aqui não envolva traçar um perfil de quem pratica a bruxaria contemporânea, tampouco foram coletados dados suficientes para tal, é importante mencionar também o que o historiador Duarte (2008, p.8) comentou a respeito da referida questão na introdução de sua dissertação sobre bruxos do século XX: “em sua maioria os bruxos neopagãos eram advogados, professores, estudantes universitários, funcionários públicos”, enfim, pessoas com um certo grau de escolaridade que (ao menos) por algumas horas semanais se dedicavam a um universo onde prevalece a crença na magia.

Obviamente, esta pesquisa não abrange todos os bruxos e bruxas da cidade de São Paulo (será que tal empreitada seria possível?): como explicitado no primeiro capítulo, em razão da maior visibilidade dos bruxos e bruxas que organizaram os encontros, rituais e atividades no Santuário da Grande Mãe, da regularidade destes e do número de participantes, optei por realizar a maior parte do meu trabalho de campo nesse local, sem excluir outros eventos importantes que os referidos adeptos participaram e/ou organizaram. Tanto as atividades do Santuário quanto a maioria desses outros eventos aconteceram no bairro da Vila Mariana, próximos ao metrô (Ana Rosa e Vila Mariana). Compareceram bruxas (os) e simpatizantes de diversas regiões da cidade, inclusive da região metropolitana e de outras cidades do estado de São Paulo e de estados vizinhos, como Minas Gerais, Rio de Janeiro e Paraná. O trabalho de campo teve início em agosto de 2017, no Encontro Regional de Bruxos de São Paulo (ERB-SP), no Parque Trianon, antes da inauguração do Santuário da Grande Mãe, e terminou neste, no ERB-SP de dezembro de 2019.

Não parece ser coincidência o fato de os dois templos de wicca de São Paulo (o Santuário da Grande Mãe e o Templo de Wicca Eleusiana) e os espaços onde aconteceram a maioria das outras atividades relacionadas estarem localizados na Vila Mariana – bairro que, já na década de 1990, concentrava o maior número de estabelecimentos do meio (neo)esotérico<sup>37</sup> paulistano (MAGNANI, 1999, p.65). Nos anos 90 houve uma disseminação, em *âmbito mundial*, das práticas chamadas “esotéricas”, da Nova Era, da “Era de Aquário”, dentre outras denominações (MAGNANI, 1999, p.9). A bruxa Doreen Valiente (2016) inclusive chegou a dedicar o último capítulo do seu livro *The rebirth of witchcraft* ao tema da “Era de Aquário” – uma referência astrológica à era que estamos iniciando, repleta de mudanças no modo de as pessoas pensarem, agirem, relacionarem-se umas com as outras, com a natureza e o “sobrenatural” (MAGNANI, 2000, p.10). “De uma forma geral, essas transformações são entendidas no sentido de um reequilíbrio entre pólos – corpo/mente, espírito/matéria, masculino/feminino, ciência/tradição etc. – até então opostos e em conflito” (MAGNANI, 2000, p.10).

Na mesa redonda com as palestrantes internacionais – todas altas sacerdotisas<sup>38</sup>, isto é, que atingiram o terceiro grau iniciático no âmbito de suas tradições, considerando que algumas possuem três graus de iniciação e, a partir dele, a (o) bruxa (o) pode criar seu próprio *coven* (PRIETO, 2002, p.98) – da 12ª Conferência de Wicca e Espiritualidade da Deusa, em São Paulo, um participante perguntou como elas encaravam a expansão e popularidade da

---

<sup>37</sup> Magnani (1999, p.13, grifo do autor) justifica a utilização do termo “neoesotérico” da seguinte forma: “[...] o prefixo *neo* cumpre a função de estabelecer a necessária diferença em relação a dois usos já consagrados da categoria *esotérico*: em termos técnicos, no campo do estudo das religiões e sistemas iniciáticos. Esotérico designa aqueles ritos ou elementos doutrinários reservados a membros admitidos a um círculo mais restrito, opondo-se, assim, a *exotérico*, a parte pública do cerimonial; o outro significado do termo é aquele empregado por Carvalho (1998) [CARVALHO, José Jorge. Antropologia e esoterismo: dois contradiscursos da modernidade. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 4, n.8, jun. 1998] e poderia ser qualificado de esoterismo histórico”.

<sup>38</sup> Conforme constava no site da Conferência. Disponível em: < <http://www.conferenciadewicca.com.br/index.html>>. Acesso em: 11 jun. 2018.

wicca com a Nova Era dos anos 90 (diário de campo, 10/06/2018)<sup>39</sup>. A norte-americana D. L. respondeu que as pessoas costumam preferir “coisas menores” e quando estas crescem/ganham popularidade – músicas, tatuagens, a wicca –, os outros tendem a “olhar com maus olhos” (diário de campo, 10/06/2018). A irlandesa S. B. afirmou que adora a expansão da wicca/paganismo com a Nova Era e entende que isso acompanha as mudanças que a humanidade está passando, em termos de diversidade, de tratar a mulher como ser humano, não como objeto etc., e que Gerald Gardner ficaria orgulhoso (diário de campo, 10/06/2018).

A pergunta feita pelo participante brasileiro e a resposta da palestrante norte-americana são significativas para esta pesquisa no sentido de manifestarem possíveis dúvidas, conflitos e/ou desconfortos de certos (as) bruxos (as) contemporâneos (as) – no geral, aqueles (as) que encaram e defendem a religião wicca numa perspectiva institucional – com relação a pessoas mais “imersas” no contexto da Nova Era, que se identificam com ela e buscaram a wicca pelo próprio destaque que ela ganhou no meio religioso e espiritual alternativo. Esse posicionamento de crítica, dúvida, desconforto e/ou rejeição foi o que eu mais encontrei em campo entre os (as) bruxos (as) que se assumem como wiccanianos (as). Por outro lado, não pode ser ignorada a resposta da palestrante irlandesa, que tem uma posição de destaque no âmbito de sua tradição religiosa: ela demonstrou apreço pelo crescimento do paganismo contemporâneo – no qual a wicca está inserida – com a Nova Era e encarou isso como parte de um contexto mais amplo de mudanças associadas a questões de gênero, de diversidade e outras que a humanidade está passando.

As práticas religiosas e espirituais da Nova Era, que buscam “[...] resgatar a sabedoria de povos tradicionais, como os orientais, indígenas e os oriundos de civilizações pré-cristãs

---

<sup>39</sup> A Conferência, divulgada no site do próprio evento, no Facebook e, verbalmente, nos dois Encontros Regionais de Bruxos de São Paulo anteriores, aconteceu em junho de 2018, em São Paulo, no Hotel Dan Inn (Av. Cásper Líbero, 115, 2º andar, próximo ao metrô São Bento). Para participar, fiz minha inscrição online, comprei o convite do primeiro lote no valor de 65 reais em 14/02/2018 e, alguns dias antes do evento, recebi um e-mail com certas instruções da organização da Conferência. Nele consta que se trata do “maior evento de Wicca da América Latina”.

em contraste e como alternativa ao cristianismo”, “[...] durante seu surgimento estavam fortemente associadas a um contexto global de críticas aos valores e instituições religiosos hegemônicos, e pregavam uma espiritualidade difusa, sem dogmas nem líderes religiosos” (CORDOVIL; CASTRO, 2014, p.117). No entanto, de acordo com Cordovil e Castro (2014, p.117), essas práticas têm passado por uma mudança de enfoque: tem-se buscado sua cristalização “[...] enquanto religiões e há uma revivescência da instituição religiosa, em detrimento à livre escolha do indivíduo”. Apesar da rejeição do termo entre os próprios adeptos, Cordovil e Castro (2014, p.120-121) classificam os *wiccanianos* e os sujeitos de outras “religiões de Nova Era” como “*religiosos de Nova Era*”, em razão dos seguintes elementos em comum entre esses grupos religiosos:

- 1) surgimento histórico ou divulgação massiva no Ocidente relacionado à contracultura; 2) referência a saberes ancestrais ligados à antiguidade e/ou civilizações extintas, tais como egípcios, gregos, índios americanos, nórdicos etc.; 3) proposta de integração com a natureza e de resgate de saberes holísticos; 4) ênfase no autoconhecimento, construção do *self* religioso do sujeito.
- Todas essas características são encontradas no fenômeno que foi caracterizado pelos autores nos anos 90 e 2000 como Nova Era, com a diferença que atualmente não vemos somente o trânsito do indivíduo religioso entre saberes, práticas, cursos e terapias, mas vemos esses grupos se cristalizando em religiões, com dogma, doutrina, liderança e conjunto de adeptos.

Os elementos em comum entre os “religiosos de Nova Era” apresentados por Cordovil e Castro (2014, p.120-121) e a ponderação que fizeram com relação à diferença entre o fenômeno da Nova Era nos anos 90/2000 e agora também foram percebidos durante o meu trabalho de campo. Ainda há resquícios da Nova Era dos anos 90 e 2000 no tocante àquelas pessoas que transitam entre religiões, espiritualidades, saberes, cursos, práticas e terapias, e algumas delas se autodenominam bruxas (os), mas está longe de ser desprezível a quantidade de wiccanianos (os) com os quais estive em campo que encaram e/ou defendem a wicca de certa forma como instituição religiosa – a própria idealização e inauguração do Santuário da Grande Mãe parece ter relação com isso – e de modo que não seja possível nem faça sentido ser adepto (a) à ela e à outra religião ao mesmo tempo.

Antes do início do 29º ERB-SP, cujo tema foi “estrutura de rituais”, numa conversa com um rapaz e uma jovem mulher (D.) que estava pela primeira vez no Santuário, D. disse ser “wiccana solitária” e da maçonaria – segundo ela, uma sociedade secreta que “está mais aberta agora” (às mulheres) (diário de campo, 01/04/2018). No “grupo misto” (homens e mulheres) no qual estava, havia sido orientada dois anos atrás (na época do referido ERB-SP) a estudar a wicca e outras religiões, e mencionou que seu mestre é “wiccano e umbandista” – o que faz sentido para ela, pois “só há um deus”, “todos os deuses são um” (diário de campo, 01/04/2018). Em sua fala naquele contexto, D. pareceu estar mais alinhada ao perfil do indivíduo da Nova Era dos anos 90 que está presente ainda hoje e contrasta com os sujeitos que se posicionam pela cristalização de suas religiões – para eles, seria inconcebível ser adepto à wicca e à umbanda ao mesmo tempo, por exemplo.

O próprio fato de a D. ter se definido como “wiccana” é simbólico. O (a) praticante de wicca é chamado (a) de wiccaniano (a), embora wiccano (a) não seja incorreto. Mas a maioria dos (as) adeptos (as) que observei e interagi durante o trabalho de campo se refere a si mesmo (a) como wiccaniano (a)<sup>40</sup>. Ou seja, a D. ter empregado um termo diferente daquele utilizado pela maioria das pessoas que frequentou os espaços referidos nesta pesquisa e/ou organizou as atividades, encontros e rituais que neles aconteceram/acontecem, já revela, de certo modo, um não pertencimento àquele(s) grupo(s) de wiccanianos (as). Além disso, a D. é wiccana *solitária*, isto é, pratica a bruxaria sem vínculo a tradições e seus grupos. Em campo me deparei com um número grande de pessoas que se definem como bruxas ou bruxos solitários – alguns/algumas wiccanianos (as) e outros “eccléticos”, que mesclam em suas práticas

---

<sup>40</sup> Em um vídeo publicado em 7 fev. 2017 no seu canal no Youtube, o Claudiney Prieto fala a respeito da utilização do termo “wiccaniano” / “wiccaniana” ou “wiccano” / “wiccana”. Ele prefere os primeiros, pois, na época em que o movimento da wicca começou no Brasil, por volta da década de 80, as primeiras literaturas que chegaram aqui trouxeram a terminologia “wiccaniano” / “wiccaniana” para designar os praticantes da religião inglesa. Os tradutores de então se basearam em obras de língua latina, próximas ao português, as quais traduziram o termo *wiccan* como “wiccaniano” ou “wiccaniana”. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=sDs\\_ISY2-z4](https://www.youtube.com/watch?v=sDs_ISY2-z4)>. Acesso em: 6 abr. 2020.

individuais diferentes vertentes de bruxaria. Nas palavras do autor wiccaniano Claudiney Prieto (2002, p.26-27):

As pessoas escolhem praticar solitariamente por inúmeros motivos: por problemas e incompatibilidades que podem surgir em qualquer grupo de pessoas, por falta de horários flexíveis para os encontros ou por sentirem que sua própria maneira de trabalhar magicamente é o melhor caminho de conexão com a Deusa. [...].

A maioria dos Bruxos solitários são ecléticos. Por não terem um treinamento tradicional dentro de um Coven, os solitários acabam inserindo aspectos de diferentes segmentos da Wicca em sua forma de praticar. Geralmente se auto-iniciam, mas existem também os que foram iniciados tradicionalmente e, logo após, optaram pelo trabalho solitário.

[...]

Os diferentes grupos de Bruxos são chamados de Tradições. Existem inúmeras tradições de Bruxaria e a cada dia surgem novas. A Bruxaria é uma religião marcadamente individualista, na qual todas as pessoas encontram possibilidade de extravasarem sua religiosidade, noção de Divino e forma de cultuar. Por isso existem vários ramos diferentes, capazes de comportarem cultos a diversos panteões, com ritos e estruturas próprios.

A O. P., por exemplo, que na ocasião da “Contemplação<sup>41</sup> de cura com Sekhmet” (deusa egípcia com cabeça de leoa) no Santuário da Grande Mãe estava em período de dedicação – o qual é exatamente o que diz o nome: o momento a partir do qual a pessoa passa a dedicar sua vida à wicca, ao aprendizado da religião (PRIETO, 2002, p.119); o período de preparação para o sacerdócio, marca a entrada formal na wicca<sup>42</sup>; dura um pouco mais de um ano, no mínimo (diário de campo, 21/10/2017); de acordo com o wiccaniano da tradição gardneriana F. L.<sup>43</sup>, é um dos ritos de passagem na wicca que consiste num período de treinamento no qual as pessoas refletem se querem mesmo o sacerdócio (diário de campo, 01/04/2018) – na tradição diânica nemorensis (TDN), disse que foi bruxa solitária por muitos anos e, durante esse tempo, frequentava os rituais públicos organizados pelos wiccanianos, que geralmente aconteciam no Parque Ibirapuera, no final da década de 1990/início dos anos 2000 (diário de campo, 18/03/2018).

<sup>41</sup> A bruxa NightMare (2007, p.253) define “contemplação” como sendo “uma meditação guiada específica que deve ser feita por uma pessoa ou um coven”.

<sup>42</sup> Conforme o texto explicativo sobre roda de conversa da TDN “O período das sombras no processo iniciático: armadilhas, fugas, dificuldades, superações entre outras coisas”, disponível no espaço de discussão da página do Facebook do evento de Celebração do Dia do Orgulho Pagão em São Paulo, em 21/10/2017, na Associação Beneficente Provincianos Osaka Naniwa Kai, no bairro Vila Mariana. Disponível em: <[https://www.facebook.com/events/315685458842639/?active\\_tab=discussion](https://www.facebook.com/events/315685458842639/?active_tab=discussion)>. Acesso em: 17 ago. 2020.

<sup>43</sup> De acordo com o wiccaniano, não há “dedicação formal” na sua tradição, a gardneriana (diário de campo, 01/04/2018).

Perguntei à O. P. se eles tiveram problemas nesses rituais públicos e ela confirmou: já precisaram realizar os rituais com seguranças em volta (que eram da própria turma de bruxos), sofreram interferências de policiais e de outros grupos hostis às suas práticas (diário de campo, 18/03/2018). Segundo ela, antes da inauguração do Santuário da Grande Mãe, os rituais abertos ao público aconteciam em um espaço no bairro Jabaquara, que ela preferia por conta do tamanho, pois permitia a formação de círculos maiores, mais pessoas, mais barulho etc., e o espaço pequeno do Santuário dificultava tudo isso – chegou até a tirar um leque da bolsa para se abanar (a noite realmente estava muito quente e o ar condicionado, um pouco fraco) (diário de campo, 18/03/2018). Comentei: “os bruxos solitários não parecem tão solitários assim”, considerando que muitas vezes participam dos rituais públicos, e a O. P. concordou e acrescentou: eles são “mais livres” para seguir o caminho que acham melhor, mas ela começou a se sentir meio “desamparada”, por não ter ninguém para orientá-la (diário de campo, 18/03/2018).

Numa das rodas de conversa da celebração do dia do orgulho pagão em 2017, em São Paulo, um rapaz da “*Covenant of Hekate*” – uma irmandade de culto à deusa grega Hécate – comentou a respeito do preconceito com relação a bruxos que não seguem nenhuma tradição específica, praticantes solitários/autoiniciados (diário de campo, 21/10/2017). Em resposta, a wiccaniana C.C. falou sobre a sua experiência como bruxa solitária, sobre os limites disso e a importância de pertencer a uma tradição – seu primeiro “chamado” foi individual e o segundo, coletivo (diário de campo, 21/10/2017). O wiccaniano W.P. afirmou que seguir uma tradição é uma opção/escolha, a qual é necessária quando se quer ser um sacerdote (diário de campo, 21/10/2017).

Tanto a C.C. quanto o W.P. estavam em período de dedicação na TDN (diário de campo, 21/10/2017), tradição de wicca fundada pelo Claudiney Prieto, na qual o termo “diânico” engloba diversas tradições wiccanianas, referindo-se, de um modo geral, àquelas

vertentes que dão maior ênfase ao feminino (do que ao masculino) na espiritualidade, na vida, na natureza e na humanidade, e “nemorensis” é um dos títulos da deusa romana Diana e significa “bosque”, de acordo com o conteúdo disponível no site da TDN<sup>44</sup>. Não por acaso, considerando que o Santuário da Grande Mãe foi idealizado e é mantido pelo Claudiney Prieto, muitos (se não a maioria) dos wiccanianos e wiccanianas que organizaram e/ou conduziram as atividades do templo são da TDN. Neste, também me deparei com sacerdotes da tradição gardneriana.

Na inauguração do Santuário da Grande Mãe, em janeiro de 2018, em uma conversa com outros adeptos da wicca presentes, perguntei à wiccaniana da TDN L. L. se era possível determinar quantos grupos de wiccanianos existiam em São Paulo (diário de campo, 20/01/2018). Ela desconhecia esse número e disse que muitos se dizem wiccanianos, mas ela e os outros presentes não os consideravam, então dependeria do critério escolhido por mim; além disso, tinha a questão dos bruxos solitários<sup>45</sup> (diário de campo, 20/01/2018). A L. L. enfatizou que o caminho para o sacerdócio dentro da wicca é longo, e algumas pessoas não respeitavam isso (diário de campo, 20/01/2018). Aqui fica claro um dos motivos pelos quais escolhi nesta pesquisa os termos “bruxas e bruxos contemporâneos” e não somente “wiccanianas e wiccanianos”.

O casal de wiccanianos cariocas L. R. e L. M., que estavam na cidade para a inauguração do Santuário, falaram que no Rio de Janeiro não era clara a divisão dos wiccanianos em tradições como em São Paulo, era mais “bagunçada” (diário de campo, 20/01/2018). O L. M. também comentou a respeito do problema de pessoas que se dizem da wicca, mas são uma farsa: apenas leram alguns livros sobre o assunto e já se consideram bruxas (os) – ele mesmo havia se deparado com algumas delas no Rio (diário de campo,

---

<sup>44</sup> Disponível em: < <http://www.nemorensis.com.br/>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

<sup>45</sup> Disponível para consulta/leitura, havia, inclusive, um exemplar do livro *Guia essencial da bruxa solitária*, do wiccaniano norte-americano Scott Cunningham, em uma pequena estante no Santuário da Grande Mãe (diário de campo, 20/01/2018).

20/01/2018). Perguntei, então, como seria possível saber se alguém é ou não wiccaniano, e o L. M. respondeu que se uma pessoa diz ser de uma vertente mais tradicional como a gardneriana, por exemplo, há meios de comprovar, inclusive no âmbito internacional<sup>46</sup>; no mais, entre os próprios wiccanianos há perguntas que se pode fazer para checar: se aquele que se diz wiccaniano retirou todo o seu conhecimento apenas dos livros, é fácil perceber a “fraude”: A L. R. alegou que a maior parte (“90%”) da tradição é passada oralmente, não por meio dos livros<sup>47</sup> (diário de campo, 20/01/2018).

Perguntei ao W. L., um wiccaniano bastante atuante no Santuário da Grande Mãe, se a comunidade pagã de São Paulo era de fato a maior e mais organizada do país e ele respondeu afirmativamente, acrescentando que aqui foi o berço da bruxaria no Brasil e apontando o Claudiney Prieto como figura central (diário de campo, 07/04/2019). No Estado de São Paulo, há inclusive uma lei – a Lei nº 16.309, de 13 de setembro de 2016 – que instituiu o dia dos wiccanianos, cultuadores do sagrado feminino, pagãos e “praticantes das artes mágicas”, a ser comemorado em 31 de outubro, conhecido como “dia das bruxas” (SÃO PAULO, 2016). De acordo com o artigo 2º, “entendem-se por praticantes da religião Wicca os cultuadores do sagrado feminino, os pagãos, os neopagãos e os praticantes de artes mágicas, bem como seus adeptos e simpatizantes” (SÃO PAULO. Lei nº 16.309, 2016). É possível perceber que a definição de “praticantes da religião Wicca” nessa lei estadual foi abrangente. E, nesta tese, a conceituação de “bruxas e bruxos contemporâneos” também é relativamente ampla.

---

<sup>46</sup> Pedi mais detalhes sobre essa comprovação, mas ele não me explicou claramente (diário de campo, 20/01/2018).

<sup>47</sup> Em uma conversa com o wiccaniano L. F. antes de começar o ritual “Encontrando nosso lugar na Terra com Wakaneé”, no Santuário da Grande Mãe, ele esclareceu o seguinte: na wicca, a maior parte do conhecimento é transmitida oralmente mesmo; nem tudo o que está nos livros é confiável; é preciso seguir o caminho dentro da tradição para ter acesso aos mistérios, os quais vão sendo revelados nos rituais pelos sacerdotes; cada um tem seu livro das sombras no qual se copia um conteúdo que é passado de sacerdote para sacerdote, de geração para geração; e aqueles que estão em período de dedicação não podem participar de todos os rituais que os já iniciados participam (diário de campo, 17/03/2019).

### 3.1 SANTUÁRIO DA GRANDE MÃE E OUTROS LOCAIS DE ENCONTRO

Em seu perfil no Facebook<sup>48</sup>, na noite anterior à inauguração do Santuário da Grande Mãe, o Claudiney Prieto – o qual, segundo o wiccaniano W. L., além de escrever obras importantes sobre wicca, também tem traduzido outras e mantido o Santuário, que fica em um imóvel próximo ao metrô, portanto, valorizado, e embora haja doações, a lojinha e a contribuição de sacerdotes e sacerdotisas, o Claudiney banca a maior parte das despesas (diário de campo, 07/04/2019) – fez a seguinte postagem acerca da finalidade do templo de wicca:

As pessoas me perguntam: qual o objetivo do Santuário da Grande Mãe?  
Ser um espaço devocional e de contemplação espiritual exclusivamente!  
Tirem de sua mente a ideia de um espaço esotérico com cursos, palestras e atendimentos.  
Ele é um templo aberto para visitação ao público que quiser sentar, meditar, fazer suas orações e ter alguns minutos de paz no meio da cidade.  
Simples assim [...].

Quando estive no Santuário da Grande Mãe, era muito comum ouvir os wiccanianos e wiccanianas (que organizavam as atividades) enfatizarem que aquele não era um “espaço esotérico (com cursos, palestras e atendimentos)”. Em todas as vezes que participei das atividades – divulgadas no site<sup>49</sup> e na página do Facebook<sup>50</sup> do Santuário –, não precisei fazer uma inscrição prévia nem pagamento e entrei livremente. As únicas “exigências” eram fazer um certo silêncio<sup>51</sup> e tirar os sapatos, dispendo-os nas sapateiras que ficavam no corredor entre a principal porta de entrada para a sala do templo propriamente dito e a lojinha do Santuário, cujo lucro da venda de artigos de bruxaria (livros<sup>52</sup>, incensos, velas, cristais,

<sup>48</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/claudineyprieto2>>. Acesso em: 22 jan. 2018.

<sup>49</sup> Disponível em: < <http://www.santuariodagrandedemae.com.br/>>. Acesso em: 14 out. 2019.

<sup>50</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/santuariodagrandedemae>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

<sup>51</sup> Em todas as vezes que estive no Santuário da Grande Mãe, não me lembro de nenhuma ocasião na qual alguém foi repreendido por fazer barulho. Os (as) wiccanianos (as) foram flexíveis com essa questão, deixando-a a critério do bom senso das pessoas.

<sup>52</sup> Quando estive em campo em 14/10/2018, por exemplo, a maioria dos livros que estava à venda na lojinha do Santuário da Grande Mãe era da Editora Alfabeto, pela qual o Claudiney Prieto publica suas obras atualmente.

estatuetas de deuses e deusas, oráculos etc.) ajuda a cobrir as despesas do espaço. Poucas vezes os (as) wiccanianos (as) mencionaram a possibilidade de contribuir com qualquer valor ao Santuário, depositando-o numa caixinha que ficava na parte de baixo de um aparador ao lado da principal porta de entrada à sala do templo.

Por suas características, o Santuário da Grande Mãe parece pertencer, no universo neoesotérico paulistano, ao grupo que Magnani (2000, p.29) chamou de “sociedades iniciáticas”, as quais apresentam “[...] um sistema doutrinário com base em princípios filosófico-religiosos definidos, com um corpo de rituais próprios e níveis de iniciação codificados”; e “possuem graus de hierarquia interna, permitindo distinguir ao menos entre o conjunto de seguidores e o de mestres/dirigentes”. As sociedades iniciáticas, “anteriores à onda da Nova Era e produtoras de sínteses doutrinárias próprias, constituem pontos de referências para muitos participantes do atual e extenso universo do neo-esoterismo” (MAGNANI, 2000, p.30). O próprio autor ressalta que é aproximativa a classificação do universo neoesotérico de São Paulo em grupos, “pois nem sempre os estabelecimentos concretos, em sua diversidade e polivalência, encaixam-se clara ou exclusivamente nesse ou naquele item” (MAGNANI, 2000, p.32).

O Santuário da Grande Mãe estava<sup>53</sup> localizado em uma sobreloja, na Rua Conselheiro Rodrigues Alves, nº 96, ao lado do Metrô Ana Rosa. Portanto, para entrar no templo propriamente dito, era necessário subir dois lances de escada. A principal sala do Santuário, onde aconteciam os encontros, atividades e rituais, e a lojinha e o banheiro<sup>54</sup> estavam no mesmo piso. Havia também um outro andar que nunca tinha acessado, por não ser exatamente aberto ao público. Certa vez, perguntei a um dos principais wiccanianos que organizavam as

---

Havia exemplares de *O poder mágico*, da Deborah Lipp; *A bíblia das bruxas*, da Janet & Stewart Farrar; *Wicca: a religião da Deusa*, *Wicca para todos*, *Todas as Deusas do mundo* e *A arte da invocação*, do Claudiney Prieto; *Xamanismo nos Andes*, do Wagner Frota; *Práticas bioxamânicas*, do Samuel Souza De Paula; *As faces escuras da Grande Mãe*, *O legado da Deusa* e *Mistérios nórdicos*, da Mirella Faur, e outros.

<sup>53</sup> No começo de 2021, a localização do Santuário da Grande Mãe passou a ser a mesma do Museu Brasileiro de Magia e Bruxaria, localizado na mesma região, próximo ao metrô Ana Rosa, na Rua Dr. Fabrício Vampré, 259. Disponível em: <<http://www.santuariodagrandemae.com.br/>>. Acesso em: 9 fev. 2021.

<sup>54</sup> Para acessar o banheiro, é necessário passar pela lojinha.

atividades do Santuário qual o uso dado ao (misterioso) andar de cima e ele fez questão de dizer – de um modo um tanto enfático, acelerado e levemente defensivo, provavelmente numa tentativa de negar a ideia do Santuário da Grande Mãe como um “espaço esotérico” – que o espaço não era deles e que era voltado a terapias (diário de campo, 13/09/2019). Na vez anterior em que havia estado no Santuário, tinha ouvido algumas pessoas comentando entre si a respeito de terapias e leituras de oráculos feitas no andar de cima (diário de campo, 13/09/2019).

Fotografia 2 – Fachada do Santuário da Grande Mãe



Fonte: autoria própria (14/10/2018).

Fotografia 3 – Parte da lojinha do Santuário da Grande Mãe



Fonte: autoria própria (14/10/2018).

De acordo com o site oficial do Santuário<sup>55</sup>, a programação do dia inauguração era a seguinte:

- 10h às 12h: Abertura do Santuário para visitação. Durante essas duas horas os visitantes poderão estabelecer suas conexões pessoais com a Deusa.
- 13h às 14h: Meditação guiada para conexão com Deusa Tríplice<sup>56</sup>
- 14h às 16h: Aplicação de Goddess Blessing (Bênção da Unidade da Deusa)<sup>57</sup>

<sup>55</sup> Disponível em: <<http://www.santuariodagrandemae.com.br/>>. Acesso em: 23 jan. 2018.

<sup>56</sup> Na wicca, a triplicidade se refere a três estados/faces/aspectos distintos da deusa: virgem/donzela, mãe e anciã (PRIETO, 2017, p.35). Segundo Prieto (2017, p.35), cada face está relacionada a uma fase da lua e tem suas características particulares, as quais trazem a possibilidade de serem associadas a aspectos de nossa psique: “a Donzela representa os impulsos, os começos e está relacionada à lua crescente”, “a Mãe é a Doadora da Vida, a Grande Nutridora e está associada à lua cheia”, e “a Anciã é a detentora da sabedoria, a Grande Conhecedora e Transformadora e está relacionada à lua minguante”. A referência à figura da deusa tríplice pode ser observada na própria fachada do Santuário da Grande Mãe, assim como o símbolo do pentagrama.

<sup>57</sup> Conforme constava no site do Claudiney Prieto, “[...] o Goddess Blessing é ideal para todos os que estão passando por períodos difíceis, tensos, conturbados, experienciando conflitos e diferentes formas de sofrimentos em sua vida cotidiana”, pois ele “[...] desobstrui os canais energéticos por onde a energia divina flui através de nossos corpos sutis, promovendo assim o bem-estar físico, espiritual e o sentido de conexão e unidade com a Deusa”, além de promover a integridade emocional e reduzir “[...] a ansiedade, os medos, a sensação de isolamento, levando-nos a uma intensa capacidade de atingir a alegria e felicidade, ampliando a nossa paz de espírito e aceitação dos processos da vida”. Embora seja disponível a pessoas de todos os credos e culturas, a bênção em questão é voltada especialmente aos praticantes das religiões pagãs, àqueles “[...] que possuem uma prática espiritual ou estilo de vida centrado na Terra e aos que vêm [sic] na Deusa uma figura fortalecedora para os diferentes estágios da vida”. Disponível em: <<http://www.wiccanaweb.com.br/goddessblessing.html>>. Acesso em: 24 ago. 2018.

- 16h às 17h: Vivência para encontrar sua Deusa Madrinha regente do ano de 2018
- 17h às 19h: Roda de Cânticos Sagrados
- 20h: Ordenação de novos Sacerdotes da Fellowship of Isis (Irmandade de Isis) [vide manifesto em anexo]<sup>58</sup>

AS ATIVIDADES SÃO ABERTAS A TODOS OS VISITANTES E INTEIRAMENTE GRATUITAS

Endereço:

Rua Conselheiro Rodrigues Alves, n. 96 (ao lado do Metrô Ana Rosa)

Fone para informação: (11) 3807-1544

Na ocasião da inauguração do Santuário da Grande Mãe, perguntei aos wiccanianos e wiccanianas que estavam próximos de mim se não havia outro templo de wicca na Vila Mariana e eles responderam que sabiam da existência, mas nunca tinham ido (diário de campo, 20/01/2018). O templo é do Edu Scarfon, o qual fundou em 2008 uma tradição de wicca que “[...] faz uma ponte entre as práticas pagãs da Grécia Antiga e o saber da bruxaria contemporânea”<sup>59</sup>, chamada “eleusiana”, a qual nenhum dos wiccanianos soube dizer o nome exato, então ficou um perguntando ao outro para confirmar, mas tive a impressão de que estavam se fazendo de desentendidos (diário de campo, 20/01/2018). O Templo Wicca Eleusiana fica no Espaço Holístico Faces da Lua<sup>60</sup>, na Rua Colônia da Glória, 414, e para

<sup>58</sup> Diversos bruxos e bruxas que frequentavam o Santuário da Grande Mãe se diziam da Irmandade de Isis ou usavam o termo em inglês para se referir a ela. Isso costumava acontecer no momento inicial da maior parte dos encontros ou atividades, em que o wiccaniano ou wiccaniana responsável por conduzi-los abria espaço para a apresentação dos participantes. Para mais informações, vide manifesto anexado a esta tese.

<sup>59</sup> Disponível em: < <http://www.facesdalua.com/tradicao-eleusiana/lan/br>>. Acesso em: 9 set. 2020.

<sup>60</sup> Na sala da recepção do espaço funciona uma loja e também há cadeiras estofadas para aguardar os rituais ou terapias e cursos que são oferecidos lá; o chão do ambiente é forrado de grama sintética e próximo às cadeiras havia uma mesa de centro com uma jarra de água com cristais coloridos dentro, um incenso aceso e outros itens; na loja são vendidos bonecos de gnomos/duendes, bruxas, cristais, estatuetas de deuses e deusas gregas, óleos essenciais, sprays aromáticos para ambiente, bijuterias feitas com cristais, livros sobre magia, chakras, paganismo (muitos deles são da Eddie Van Feu, escritora que no início dos anos 2000 publicou uma série de revistas chamada *Wicca*), ervas e sementes etc. (diário de campo, 01/02/2018). Comentei com a K., a wiccaniana da tradição eleusiana que estava na recepção, que eu adorava gnomos e ela disse que muitos deles eram feitos pelo próprio Edu Scarfon (diário de campo, 01/02/2018). Perguntei se ela sabia quantos wiccanianos faziam parte do grupo (da tradição eleusiana) e ela parou para refletir, pareceu checar alguma informação no computador e respondeu que deveriam ter aproximadamente 30, sem contar aqueles que estão em período de dedicação, isto é, que ainda não foram iniciados (diário de campo, 01/02/2018).

participar de seus rituais eram necessários inscrição prévia e pagamento<sup>61</sup>. O fato de estar em um “espaço esotérico”<sup>62</sup> e de suas atividades não serem gratuitas e totalmente abertas (em razão da exigência de inscrição) contrasta com a proposta do Santuário da Grande Mãe e acabou criando uma certa tensão que apareceu no seguinte texto publicado na página do Facebook do Templo Wicca Eleusiana, na manhã anterior à da inauguração do Santuário<sup>63</sup>:

Somos o primeiro templo de Wicca do Brasil, fundado em 2011 por Edu Scarfon e membros da Tradição Eleusiana. Embora sejamos um templo que siga os moldes de uma tradição específica de bruxaria em suas celebrações, nossa casa sempre esteve aberta a todos, inclusive para os integrantes de outras tradições. [...]. Aliás, somos os únicos a oferecer um calendário, onde tornou-se possível celebrar religiosamente a entrada de cada fase lunar, tendo sempre uma sacerdotisa preparada para officiar tal celebração.

Nosso templo está localizado dentro do Espaço "Fases da Lua" na Vila Mariana e a participação nas atividades religiosas dele acontecem sempre, através de contribuições simbólicas, visando manter nossa estrutura física. Oferecemos atividades para o nosso círculo interno (os iniciados da tradição) e para o círculo externo (bruxos solitários, simpatizantes da Arte e iniciados de outras tradições).

Durante todo o tempo de existência do Templo, temos nos dedicado a oferecer informações seguras sobre a nossa religião, seja para a mídia, leigos ou para os estudantes de diversas universidades que costumam vir até nós. Graças ao trabalho prestado, nos tornamos referência, enquanto instituição religiosa de bruxaria no Brasil. Temos trabalhado arduamente para que as pessoas compreendam que uma iniciação acontece através de um processo sério de treinamento na Arte e não por meio de cursos.

Nossa tradição está a [sic] beira de completar os seus 10 anos e só temos a agradecer a todos que colaboraram, não só com a história dela, mas também da primeira instituição religiosa de bruxaria, com sede fixa, oferecendo suas atividades em São Paulo, o Templo de Wicca Eleusiana. Neste ínterim, fizemos diversos rituais abertos, conduzimos treinamentos, iniciamos pessoas de modo seguro dentro da arte, celebramos ritos [...], reforçando esses antigos saberes na comunidade. Isso, sem falar nos projetos sociais que temos realizado, ajudando instituições diversas, marginalizados e muitos que foram esquecidos pela nossa sociedade. [...].

<sup>61</sup> Para participar do “Esbá em honra às forças primordiais da água”, em 01/02/2018, por exemplo, me inscrevi por telefone em 23/01/2018 e paguei 26 reais no dia. Na descrição do evento na página do Facebook da tradição eleusiana também constava, além do valor, a necessidade de levar um prato salgado ou doce e um suco como contribuição.

Disponível

em:

<[https://www.facebook.com/151133091623493/photos/ms.c.eJw9y9ENACAIA9GNDMWCZf~:FTMTw~\\_3KHI7ppgyVPx8KHo40oaiAbasB68QG8IjjABlwZtRSR.bps.a.1784208281649291.1073741826.151133091623493/1784208378315948/?type=3&theater](https://www.facebook.com/151133091623493/photos/ms.c.eJw9y9ENACAIA9GNDMWCZf~:FTMTw~_3KHI7ppgyVPx8KHo40oaiAbasB68QG8IjjABlwZtRSR.bps.a.1784208281649291.1073741826.151133091623493/1784208378315948/?type=3&theater)>. Acesso em: 9 set. 2020.

<sup>62</sup> A., a outra wiccaniana da tradição eleusiana que conversei no dia do “esbá em honra às forças primordiais da água”, me contou que é wiccaniana há cerca de dez anos; que para fazer parte da referida tradição era necessário fazer diversos módulos de cursos ofertados pelo Espaço, para aprender de fato a respeito dos instrumentos utilizados nos rituais, de ervas, cristais, velas, magia, astrologia (“o básico, para saber ler um mapa astral”, nas suas palavras) etc. – segundo ela, as pessoas conseguem ter acesso a esse tipo de conhecimento por conta própria, através de livros e do conteúdo da internet: o problema é que muitos deles são confusos, contraditórios, então fica bem mais difícil (diário de campo, 01/02/2018). A. disse que, “obviamente”, nem todos que faziam os cursos se tornavam wiccanianos; que, ao final dos módulos, havia provas e, ao final de todos os módulos, eles tinham que defender uma tese, como uma pós-graduação mesmo – e esse material só é acessível aos membros (diário de campo, 01/02/2018). Todo esse processo descrito por A. está disponível em detalhes no site do Templo: <<http://www.facesdalu.com/treinamento/lan/br>>. Acesso em: 11 set. 2020.

<sup>63</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/templo dewicca/>>. Acesso em: 9 set. 2020.

Ainda na inauguração do Santuário da Grande Mãe, além de eu e duas mulheres que chegaram logo em seguida termos sido orientadas a tirar os sapatos, desligar o celular e não fotografar, a wiccaniana que nos apresentou o templo procurou nos deixar à vontade, ressaltando diversas vezes que o espaço também era nosso: poderíamos sentar onde quiséssemos, ler os livros e utilizar os oráculos que estavam disponíveis, meditar, acender uma vela no altar etc. (diário de campo, 20/01/2018). Em toda a sua fala, ficou muito claro que a função do Santuário era a de ser um espaço sagrado de meditação, relaxamento, conexão com a deusa – e os livros<sup>64</sup> e oráculos<sup>65</sup> disponíveis para consulta também tinham esse caráter (diário de campo, 20/01/2018).

A temperatura do templo estava mais fresca do que lá fora, graças aos aparelhos portáteis de ar-condicionado, e o ambiente estava sendo filmado: era possível notar as câmeras e as placas de aviso (diário de campo, 20/01/2018). Tons de lilás/roxo predominam no Santuário – segundo o wiccaniano F. L., roxo é uma das cores da deusa, é ligada à nossa intuição, emoções e ao “chakra”/*chakra* coronário, por meio do qual nos comunicamos com o divino<sup>66</sup>. Originado na Índia há mais de quatro mil anos, o sistema de *chakra* é filosófico, tem sete níveis (sete *chakras* principais) e mapeia conceitos espirituais, emocionais e físicos na mente-corpo (DRAPKIN et al., 2016, p.606). Os *chakras* estão localizados em regiões específicas do corpo, desde à parte inferior do dorso até o topo da cabeça (DRAPKIN et al., 2016, p.606), onde estaria o “*chakra* coronário” ao qual o F. L. se referiu.

---

<sup>64</sup> No dia do ERB-SP sobre “bruxaria no dia a dia”, registrei os seguintes livros disponíveis para consulta em um nicho cubo branco debaixo de um galão de água com suporte, próximo à principal porta de entrada da sala do templo: *Wicca: a religião da Deusa*, do Claudiney Prieto; *Essências florais brasileiras*, do Joel Aleixo; *Guia essencial da bruxa solitária*, do Scott Cunningham; *Momentos de despertar*, da Shakti Gawain; *O cálice e a espada*, da Riane Eisler; *Pílulas de bem-estar*, do Daniel Martins de Barros; *A Deusa*, da Teresa Moorey; *O livro de orações à Deusa*, da Cler Barbiero De Vargas; *O poder da kabbalah*, do Yehuda Berg; *A travessia das feiticeiras*, da Taisha Abelar; *O poder infinito dos cristais*, da Catherine Bowman; *Abrindo portas interiores: 366 mensagens diárias*, da Eileen Caddy.

<sup>65</sup> Um deles é o *Oráculo da Grande Mãe: divinação, magia e espiritualidade com os arquétipos da Deusa*, do Claudiney Prieto, lançado em 2017 pela Editora Alfabeto.

<sup>66</sup> Informação obtida através de troca privada de mensagens no Facebook com um dos principais wiccanianos do Santuário da Grande Mãe, em 25/10/2018.

É importante mencionar que *chakra* “chakra” é um termo muito utilizado entre as bruxas e bruxos pesquisados, que o empregam nos seus encontros, atividades e rituais públicos como se todos soubessem o significado, sem explicação prévia, de modo semelhante ao observado por Magnani (1999, p.89) no meio neoesotérico paulistano: “termos como ‘sincronicidade’, ‘energia’, ‘elementais’, ‘vibração’, ‘holismo’, ‘carma’, ‘chakras’ e outros passam a ter significado unívoco no meio neo-esotérico: instauram uma espécie de zona franca atuando como termos de um léxico de livre circulação e imediata compreensão”.

As paredes do Santuário da Grande Mãe tinham diversas imagens remetendo ao corpo da mulher, sendo algumas de caráter tribal e pré-histórico, incluindo algumas da Vênus de Willendorf, a qual também estampa a capa do livro mais conhecido do Claudiney Prieto<sup>67</sup>. No site do templo, constava o seguinte a respeito dessa “iconografia sagrada”: “o templo está repleto de imagens e símbolos usados pelas culturas ancestrais para representar a Deusa, que o conectarão com a consciência do Sagrado Feminino capaz de resgatar a nossa sintonia espiritual com a Grande Mãe e toda sua criação”<sup>68</sup>. O altar principal e outros altares menores continham estatuetas de deusas de diferentes culturas (celta, egípcia, grega, indiana etc.) – todas elas representando “diferentes faces da Deusa”, pois “a Deusa é uma só”, de acordo com a wiccaniana F. (diário de campo, 20/01/2018), e “a figura central do Santuário é a Grande Mãe, a Deusa como a totalidade do mundo, aquela que está além de todas as deusas e deuses do panteão”, nas palavras do wiccaniano F. L.<sup>69</sup> –, além de flores, velas, incensos, cálices, cristais e outros itens.

Em frente ao altar principal, havia um adesivo de labirinto no piso. Quando questionado se há um motivo especial para o labirinto estar próximo ao altar principal, o wiccaniano F. L. respondeu o seguinte: “o labirinto representa a jornada para o mundo

<sup>67</sup> PRIETO, Claudiney. **Wicca: a religião da deusa**. 53a ed. São Paulo: Alfabeto, 2017.

<sup>68</sup> Disponível em: <<http://www.santuariodagrandemae.com.br/>>. Acesso em: 18 set. 2020.

<sup>69</sup> Informação obtida através de troca privada de mensagens no Facebook com um dos principais wiccanianos do Santuário da Grande Mãe, em 25/10/2018.

interior, para nosso centro, onde a nossa consciência mundana se encontra com a centelha divina”; “passar pelo labirinto para chegar ao altar representa essa viagem interna para que possamos encontrar a grande mãe”<sup>70</sup>. Muitas atividades do Santuário aconteceram nessa área específica; a “Invocando Baubo para fertilidade e empoderamento feminino” foi uma das exceções (diário de campo, 19/08/2018). Nesse dia, o wiccaniano W. L. mostrou ao Claudiney Prieto alguns riscos presentes no adesivo do labirinto e, posteriormente, a wiccaniana F. F. comentou que era a terceira vez que ele seria trocado – na anterior havia sido manchado de cera de vela azul (diário de campo, 19/08/2018). Na página do evento do Dia Mundial da Deusa da Deusa em São Paulo, em 02/09/2018, no Santuário da Grande Mãe, constava, dentre outras informações sobre a programação, o seguinte a respeito da “jornada do labirinto”<sup>71</sup>:

O labirinto é um símbolo antigo concebido para o desenvolvimento espiritual e o crescimento interior. O labirinto representa a viagem para o nosso próprio centro e para trás novamente para o mundo, tanto literal como metaforicamente.

Ele está associado ao espiral da vida e da criação, bem como as [sic] quatro direções. Labirintos podem ser encontrados em muitas culturas, e remontando a tempos pré-históricos, hoje, eles continuam a servir como meditação poderosa, crescimento espiritual e ferramentas de cura.

Durante todo o Dia Mundial da Deusa os participantes poderão fazer a jornada do labirinto para retirar uma mensagem de evolução espiritual em seu interior.

---

<sup>70</sup> Informação obtida através de troca privada de mensagens no Facebook com um dos principais wiccanianos do Santuário da Grande Mãe, em 25/10/2018.

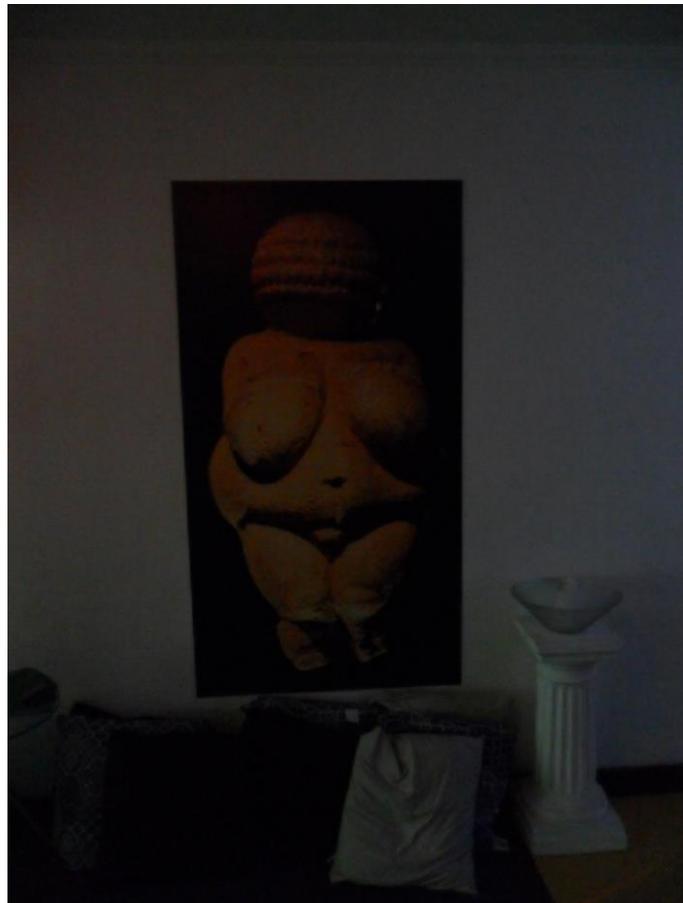
<sup>71</sup> Disponível em: < <https://www.facebook.com/events/677519015966308>>. Acesso em: 7 out. 2020.

Fotografia 4 – Ambiente mais próximo ao altar principal do Santuário da Grande Mãe



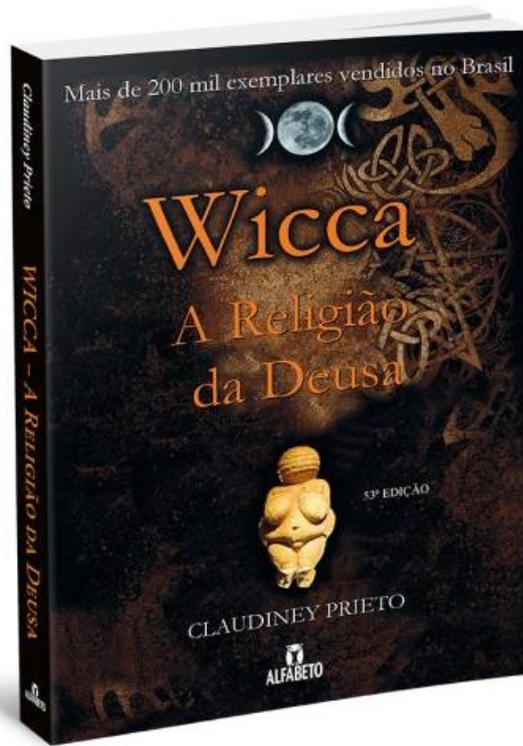
Fonte: autoria própria (14/10/2018).

Fotografia 5 – Imagem da Vênus de Willendorf na parede da principal sala do Santuário da Grande Mãe



Fonte: autoria própria (14/10/2018).

Figura 2 – Capa da 53ª edição do livro *Wicca: a religião da Deusa*, do Claudiney Prieto



Fonte: site da Editora Alfabeto (2020)<sup>72</sup>.

Fotografia 6 – Parte da principal sala do Santuário da Grande Mãe



Fonte: autoria própria (diário de campo, 01/04/2018).

<sup>72</sup> Disponível em: <<https://editoraalfabeto.com.br/shop/wicca-a-religiao-da-deusa/>>. Acesso em: 28 set. 2020.

Fotografia 7 – Canto do Santuário da Grande Mãe onde normalmente aconteciam os ERB-SP



Fonte: autoria própria (diário de campo, 01/04/2018).

É evidente o destaque do que se entende por “feminino” e “sagrado feminino” no Santuário da Grande Mãe, seja pelo próprio nome dado ao templo, às imagens e estatuetas nele presentes, ao predomínio da cor lilás/roxa e ao fato de as atividades estarem associadas a deusas de diferentes panteões. No universo neoesotérico, é marcante a presença da mulher, tanto pela proporção de sua participação quanto pela formação da sensibilidade dominante no meio – as justificativas para tal estão associadas a “[...] uma fundamentação cósmica, mitológica: são os temas da ‘Mãe Terra’, ‘O Princípio Divino Feminino’, ‘A Grande Deusa’, ‘Mãe Cósmica’, ‘Mãe Natureza’ e outros”; à “[...] entrada da Era de Aquário, citada como responsável pela atual onde mística”; ao “[...] resgate da figura da bruxa, considerada uma forma de poder tipicamente feminino” (MAGNANI, 1999, p.110 e 113). De qualquer modo, é inegável que o papel da mulher no universo neoesotérico difere radicalmente daquele ocupado nas religiões de base judaica, cristã ou islâmica, nas quais sua posição em termos institucionais e rituais sempre foi subordinada (MAGNANI, 1999, p.115). Assim,

Pode-se concluir que a participação da mulher no universo do neo-esoterismo constitui elemento determinante na constituição de um certo estilo de

comportamento: não se trata de um peso meramente quantitativo, pois traz consigo certas atribuições associadas a uma visão, uma estética e uma sensibilidade que se consideram, nesse meio, tipicamente femininas.

Tais qualidades – intuição, preponderância do “lado direito do cérebro”, ou alternativamente, melhor articulação entre os dois hemisférios com o consequente “pensamento em rede” – são reputadas fundamentais na formulação, por exemplo, de diagnósticos a partir de algum sistemas divinatórios; a sensibilidade, a espontaneidade, o senso estético são considerados determinantes na condução de algumas terapias corporais, danças etc. (MAGNANI, 1999, p.115-116).

Entre as bruxas e bruxos contemporâneos pesquisados, a presença e a participação das mulheres não superaram as dos homens: no geral, ambos estiveram presentes na mesma proporção, e as atividades, encontros e rituais foram conduzidos ora por um, ora por outro, ou por ambos os gêneros. A única situação mais curiosa ocorreu justamente na minha última ida a campo, no já mencionado ERB-SP sobre sagrado feminino: eu era a única mulher entre as seis pessoas que participaram do encontro, que aconteceu no Santuário da Grande Mãe como os anteriores (diário de campo, 08/12/2019). Ao final, os wiccanianos que conduziram o ERB em questão disseram que no mês seguinte alguns encontros seriam no Parque Ibirapuera (diário de campo, 08/12/2019) – local dos rituais públicos organizados pelos wiccanianos no final da década de 90/início dos anos 2000 (diário de campo, 18/03/2018) e do 23º ERB-SP no dia mundial da Deusa, em 03/09/2017, antes da inauguração do Santuário.

Próximo ao altar principal havia instrumentos musicais como chocalho, pandeireta, pau de chuva e tambores xamânicos, sendo que estes são sempre utilizados nos rituais públicos e meditações conduzidas pelas sacerdotisas ou sacerdotes wiccanianos. Nos outros locais que estive, os referidos tambores também estavam presentes. De acordo com a wiccaniana R. H., o instrumento percussivo em questão é o mais utilizado pelos pagãos (diário de campo, 02/09/2018)<sup>73</sup>. Segundo o wiccaniano F. L., a conexão da wicca com o xamanismo se tornou mais explícita nos Estados Unidos, pela influência das tradições

---

<sup>73</sup> Diário referente ao trabalho de campo realizado no Santuário da Grande Mãe, na atividade “Tamboreiros da Deusa”, no dia mundial da deusa em São Paulo, das 10h às 12h, num domingo.

nativas<sup>74</sup>, e é importante lembrar que a wicca desenvolvida no Brasil foi justamente influenciada pelas tradições norte-americanas da religião (TERZETTI FILHO, 2016, p.12).

Fotografia 8 – Instrumentos musicais dispostos próximos ao altar principal do Santuário da Grande Mãe



Fonte: autoria própria (14/10/2018).

É importante comentar que, na época das eleições para presidente, governadores, senadores, deputados federais, estaduais e distritais em 2018, foi discretamente incorporado numa imagem na parede próxima ao altar principal do Santuário da Grande Mãe e oposta à da Vênus de Willendorf o posicionamento político dos wiccanianos e wiccanianas do templo, o qual foi contrário ao então candidato e atual presidente Jair Bolsonaro. Foram colocados logo acima das mãos das esculturas da imagem papéis escritos “ele”, “não”, “nunca”, “jamais”.

---

<sup>74</sup> Informação obtida em 07/11/2017, em uma conversa com o F. L. no grupo de Whatsapp do Encontro Regional de Bruxos de São Paulo (ERB-SP).

Fotografia 9 – Parte da iconografia do Santuário da Grande Mãe temporariamente modificada em função das eleições presidenciais de 2018



Fonte: autoria própria (14/10/2018).

Como já mencionado, os dois ERB-SP que participei antes da inauguração do Santuário da Grande Mãe aconteceram em parques: o primeiro, no Parque Trianon, na Av. Paulista (diário de campo, 06/08/2017)<sup>75</sup>, e o segundo, no Parque Ibirapuera (diário de campo, 03/09/2017)<sup>76</sup>. Em ambos os encontros, foram trazidas comidas e bebidas para compartilhar, conforme sugerido nas próprias páginas de divulgação dos eventos<sup>77</sup> (diários de campo, 06/08/2017 e 03/09/2017). No mesmo dia do referido ERB no Parque Trianon, foi disponibilizado no Facebook<sup>78</sup> um link para quem quisesse participar do grupo de Whatsapp do ERB-SP. Entrei no grupo e passei a acompanhar algumas discussões dos bruxos e bruxas

<sup>75</sup> Diário referente ao trabalho de campo no 22º ERB-SP, cujo tema foi mitologia nórdica. O encontro foi divulgado no Facebook, onde 1.100 pessoas manifestaram interesse e 158 confirmaram presença, aconteceu numa tarde de domingo e contou com cerca de 30 participantes. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/107241386601653/>>. Acesso em: 29 set. 2020.

<sup>76</sup> Diário referente ao trabalho de campo no 23º ERB-SP, que coincidiu com a comemoração do dia mundial da deusa. Cheguei no Parque Ibirapuera por volta das 10h30 e saí três horas depois. Havia atividades programadas das 10h às 19h e o evento foi divulgado no Facebook, onde mil pessoas manifestaram interesse e 209 confirmaram presença. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1695616017151409/>>. Acesso em: 29 set. 2020.

<sup>77</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/107241386601653/>> e <<https://www.facebook.com/events/1695616017151409/>>. Acesso em: 29 set. 2020.

<sup>78</sup> Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/107241386601653/>>. Acesso em: 06 ago. 2017.

pelo Whatsapp, onde também foi divulgado o ERB-SP seguinte. Como já mencionado, após a inauguração do Santuário da Grande Mãe, os ERB-SP e a própria comemoração do dia mundial da deusa passaram a acontecer nesse templo de wicca.

Antes da inauguração do Santuário da Grande Mãe, era comum conversarem no grupo de Whatsapp sobre quais comidas e bebidas levariam aos encontros e a mesma discussão surgiu no mês seguinte ao da inauguração, em 02/02/2018. Nesse dia, duas mulheres se manifestaram no sentido de levarem pavê de limão e bolo de chocolate e os (as) integrantes do grupo ficaram animados (as) com a ideia. No entanto, dois wiccanianos dos Santuário da Grande Mãe desencorajaram-nas, pois poderia sujar o espaço, e num primeiro momento isso gerou um certo desconforto e insatisfação dos (as) demais, que no geral demonstraram apreço pela tradição dos piqueniques que acompanhavam os encontros de bruxos.

Outro local de encontro já mencionado dos wiccanianos e wiccanianas que frequentaram o Santuário da Grande Mãe, próximo a este, foi o espaço “Gaia – Centro de Saúde Integral”, onde aconteceu o “jantar mágico de samhain” – evento privado que tomei conhecimento conversando com o wiccaniano W. L. no ERB-SP sobre bruxaria no dia a dia, em 07/04/2019. Na Vila Mariana, também ocorreram as duas celebrações do dia do orgulho pagão das quais participei, em 2017 e 2019, na Associação Beneficente Provincianos Osaka Naniwa Kai (Rua Domingos de Morais, 1581). Em ambas me deparei com diversos bruxos e bruxas que havia encontrado anteriormente em campo.

A edição de 2017 da celebração do dia do orgulho pagão, por exemplo, contou com o apoio da “Comunidade Wicca Sampa”, da qual tive contato com um membro (o R. G.) – o principal –, responsável por organizar encontros mensais de sábado à tarde no Parque da Juventude, na Zona Norte de São Paulo. Destes, participei do 30º (tema: “a magia dos quatro elementos”), em foi recomendado levar comida e/ou bebida para compartilhar<sup>79</sup> e, contando

---

<sup>79</sup> Conforme consta na descrição do evento no Facebook. Disponível em: <[https://www.facebook.com/events/1165308810279668/?active\\_tab=about](https://www.facebook.com/events/1165308810279668/?active_tab=about)>. Acesso em: 2 out. 2020.

comigo, havia apenas cinco pessoas presentes (diário de campo, 26/08/2017). Com exceção do “jantar mágico”, as celebrações do dia do orgulho pagão e o encontro wicca sampa foram todos divulgados no Facebook.

Principalmente o Facebook – com seus espaços de discussão em eventos, grupos, possibilidade de interagir em postagens, mensagens privadas etc. –, mas também o Whatsapp, por exemplo, aparecem como verdadeiros locais de encontro virtual das bruxas e bruxos contemporâneos pesquisados, onde mantêm contato enquanto não se reúnem pessoalmente. O fato é que, de um modo geral (não particular/exclusivo das bruxas e bruxos), “as pessoas se reúnem de tempos em tempos, ocupando juntas um lugar compartilhado”<sup>80</sup> e “espaços virtuais parecem depender de momentos de copresença cara a cara para desenvolver relacionamentos confiáveis”<sup>81</sup> (URRY, 2015, p.164, tradução nossa).

No entanto, essa questão dos encontros presenciais foi profundamente afetada e modificada com a pandemia de coronavírus/COVID-19<sup>82</sup>. No Estado de São Paulo, por exemplo, foi decretada quarentena no final de março de 2020, ficando suspensas as atividades consideradas “não essenciais” nos estabelecimentos e restrita a circulação de pessoas, a fim de evitar a contaminação e propagação do vírus (SÃO PAULO. Decreto nº 64.881, 2020). Considerando o novo contexto pandêmico, os rituais no Santuário da Grande Mãe foram cancelados em março de 2020 e passaram a ser realizados online nos finais de semana, sendo transmitidos na própria página do Santuário no Facebook<sup>83</sup>.

---

<sup>80</sup> People meet up from time to time, dwelling together in a shared place.

<sup>81</sup> Virtual spaces seems to depend upon moments of face-to-face co-presence for developing trustful relationships.

<sup>82</sup> De acordo com o site da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), “desde o início de fevereiro [de 2020], a Organização Mundial da Saúde (OMS) passou a chamar oficialmente a doença causada pelo novo coronavírus de Covid-19. COVID significa COrona VIRus Disease (Doença do Coronavírus), enquanto ‘19’ se refere a 2019, quando os primeiros casos em Wuhan, na China, foram divulgados publicamente pelo governo chinês no final de dezembro. A denominação é importante para evitar casos de xenofobia e preconceito, além de confusões com outras doenças”. Disponível em: <[<sup>83</sup> Conforme esclarecimento feito na legenda de um vídeo publicado em 21/03/2020. Disponível em: <](https://portal.fiocruz.br/pergunta/por-que-doenca-causada-pelo-novo-virus-recebeu-o-nome-de-covid-19#:~:text=COVID%20significa%20COrona%20Virus%20Disease.chin%C3%AAs%20no%20final%20de%20dezembro.>”. Acesso em: 5 out. 2020.</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

Figura 3 – Aviso de cancelamento dos rituais no Santuário da Grande Mãe devido à pandemia de COVID-19

**POR MOTIVO  
DE SEGURANÇA,  
DEVIDO AOS CASOS  
DE CORONAVÍRUS  
TEREM AUMENTANDO  
EM NOSSA CIDADE,  
OS RITUAIS DESTE  
MÊS FORAM  
CANCELADOS!**



**SANTUÁRIO DA GRANDE MÃE**  
Templo Sagrado da Religião Wicca

**ATENÇÃO**

 **Evento Cancelado**

Ritual GRATUITO

Av. Conselheiro Rodrigues Alves  
nº 96, Vila Mariana  
AO LADO DO METRÔ  
ANA ROSA

Fonte: página do Santuário da Grande Mãe no Facebook (2020)<sup>84</sup>.

### 3.2 (AUTO)CUIDADO, CURA E SUSTENTABILIDADE NOS DISCURSOS E PRÁTICAS RITUAIS

Entre os termos “autocuidado”, “cura” e “sustentabilidade”, o que mais apareceu entre as bruxas e bruxos contemporâneos pesquisados foi “cura”, o qual foi mencionado com uma frequência considerável. A palavra “sustentabilidade” foi empregada apenas algumas vezes e

<sup>84</sup> Texto/imagem publicada (o) em 14/03/2020. Disponível em: <https://www.facebook.com/santuariodagrandemae>. Acesso em: 23 mar. 2020.

o termo “autocuidado” foi pouco utilizado: suas ideias e práticas é que estiveram mais presentes. Ao comentar com um wiccaniano (W. L.) no Santuário da Grande Mãe a respeito do meu tema de pesquisa, ele disse que a sustentabilidade tem “tudo a ver” com a wicca, com a bruxaria, embora não fosse tão comum ouvir o termo, que não é “natural” como “Terra”, “natureza” e “ambiente” (diário de campo, 07/04/2019). Embora “autocuidado” quase não tenha sido pronunciado, o substantivo “cuidado” e até mesmo o verbo “cuidar” ocuparam um lugar de destaque nos discursos, principalmente quando se refere a uma cautela ao lidar com a natureza, a um cuidado com o planeta. De qualquer forma, como já ficou claro nesta tese, as três palavras e seus sentidos estão interligados, especialmente quando abordados no meio da bruxaria contemporânea e de seus praticantes. Elas só são tratadas separadamente em alguns momentos para facilitar a análise de seus significados e sua contextualização.

A autora wiccaniana Arin Murphy-Hiscock (2018, p.19-23) elenca “visualização criativa”<sup>85</sup>, meditação, exercícios de respiração e magia de ervas, velas e cristais como “técnicas mágicas” para praticar autocuidado. Nos diferentes encontros, atividades e rituais públicos que participei, mesmo fora do Santuário da Grande Mãe, a meditação – normalmente guiada por sacerdotes/sacerdotisas wiccanianos (as) – apareceu como uma das principais práticas de autocuidado e cura entre os bruxos e bruxas. E, nas meditações, muitas vezes são utilizados cristais, ervas, óleos, velas, incensos e outros itens associados aos objetivos da atividade proposta, além de todas terem sido conduzidas ao som de tambor(es) xamânico(s). Pode-se dizer que as sacerdotisas e sacerdotes wiccanianos responsáveis pela condução dos rituais, atividades, encontros e meditações, para além do autocuidado e da cura de si, assumem a função de cuidar e curar (d)o outro/coletivo e (d)a Terra com suas práticas dentro da wicca.

---

<sup>85</sup> Na visualização criativa, são utilizadas as próprias habilidades de imaginação e concentração para se criar uma imagem da realidade que se está buscando (MURPHY-HISCOCK, 2018, p.19).

No ERB-SP sobre meditação e bruxaria, a wiccaniana C. I. perguntou às pessoas presentes quem meditava: algumas levantaram a mão e todas sinalizaram que tiveram algum contato com a prática (diário de campo, 14/10/2018)<sup>86</sup>. Indicou o livro *O poder da bruxa*, da norte-americana Laurie Cabot, a qual, segundo a C. I., aborda a meditação “quase de modo científico” (diário de campo, 14/10/2018). É importante mencionar que nos ERB-SP é comum o (a) wiccaniano (a) responsável por conduzi-lo citar algum livro utilizado como base para a conversa tida ao longo do encontro.

Conforme explicado pela wiccaniana C. I., naquele momento (do ERB-SP sobre meditação e bruxaria), estávamos em beta (onda cerebral); dormindo, entramos em alfa; e a ideia é entrar em alfa com a prática meditativa, para transformar nossa vida e realidade – a prática constante da meditação faz com que entremos em alfa quando quisermos, de acordo com estudos (diário de campo, 14/10/2018). Uma mulher perguntou se realmente era possível retardar o envelhecimento com a prática meditativa, considerando uma pesquisa que tinha visto – a C. I. respondeu que sim, pois a meditação afeta a oxidação das células (diário de campo, 14/10/2018).

Um sacerdote de uma tradição nórdica afirmou que muitas pessoas associam a meditação ao Oriente, mas hoje há provas dessa prática na região nórdica; até citou nomes específicos e diversos indícios, e disse usar a prática aprendida com a religião nórdica no seu trabalho em escritório, o que melhorou muito a sua postura (diário de campo, 14/10/2018). A C. I. mencionou que os gregos usavam ervas para entrar em estado meditativo e que várias culturas trabalham a meditação de diferentes modos, mas todas se convergem (diário de campo, 14/10/2018). De acordo com a C. I., podemos fazer tudo através da meditação: nem precisa da bruxaria, das ervas, dos ingredientes para os feitiços etc.; além disso, o princípio da

---

<sup>86</sup> Diário referente ao trabalho de campo realizado no Santuário da Grande Mãe, numa tarde de domingo. 15 pessoas participaram do encontro, que foi divulgado no Facebook. Neste, 106 pessoas manifestaram interesse e 19 confirmaram presença. Disponível em: < <https://www.facebook.com/events/986446371559239/>>. Acesso em: 7 out. 2020.

*wicca/wicca* é alterar/moldar nossa própria realidade, o que também pode ser feito com a meditação (diário de campo, 14/10/2018). Nas suas palavras, “bruxaria nada mais é do que a ciência de amanhã” e a ciência é uma das “fontes” que a bruxaria “bebe” (diário de campo, 14/10/2018).

Não é rara a menção à ciência entre as bruxas e bruxos pesquisados, principalmente quando a intenção é trazer um maior respaldo ou seriedade a determinadas práticas. Ocasionalmente, também estabelecem relações mais diretas entre bruxaria e ciência, como a C. I. o fez no ERB-SP sobre bruxaria e meditação (diário de campo, 14/10/2018). De modo ainda mais explícito, o wiccaniano F. L. afirmou, no 29º ERB-SP sobre estrutura de rituais, que “magia e ciência são a mesma coisa” e que “magia é o que a ciência não consegue explicar” (diário de campo, 01/04/2018). Com as devidas diferenças de contextos entre a Nova Era (especialmente a dos anos 90) e a bruxaria contemporânea, mas com algumas inegáveis semelhanças, cabe citar a seguinte conclusão feita por Magnani (1999, p.86):

Não se trata, portanto, de escolher entre Tradição e Ciência: o homem da Nova Era não opta pelo irracionalismo, pois não rejeita os incontestáveis avanços científicos ou seus métodos de trabalho. Diante dessa dicotomia, fica com os dois termos, definindo-os a seu modo e hierarquizando-os, pois à ciência cabe um papel subordinado. Se a tendência é valorizar as terapias *soft*, o hemisfério direito do cérebro, o contato com o “eu superior”, isso se faz em nome de uma visão holística, integradora, em conformidade com as leis cósmicas, já antevistas nas antigas tradições e que agora a ciência começaria a comprovar.

Ainda no ERB-SP sobre meditação e bruxaria, a wiccaniana C. I. perguntou aos participantes o que gostariam de trabalhar na meditação do encontro e uma moça escolheu a ansiedade (diário de campo, 14/10/2018). Assim, a C. I. conduziu, ao som ao pau de chuva – uma espécie de tubo decorado que produz um ruído parecido com o da chuva –, uma meditação guiada para lidar com a ansiedade, envolvendo, dentre outros elementos, a visualização mental de uma floresta e um lago (diário de campo, 14/10/2018). Além de dar dicas de postura, respiração, visualizações mentais e conexão com determinados elementos da natureza (por exemplo o fogo, se estivermos nos sentindo muito apáticos) para se atingir e manter um estado meditativo, a wiccaniana disse que poderíamos usar a visualização sugerida

na meditação guiada do encontro sempre que nos sentíssemos ansiosos (diário de campo, 14/10/2018). Dessa forma, vê-se que a meditação é encarada como uma prática de autocuidado e cura (no caso, de estados mentais e emocionais) na qual a natureza e seus elementos (água, ar, fogo e terra) fazem parte, ainda que somente no campo da imaginação.

Na “contemplação de cura com Sekhmet” no Santuário da Grande Mãe, o W. L., wiccaniano responsável por conduzir a atividade/meditação, após se apresentar, falou sobre o mito envolvendo a deusa egípcia com cabeça de leoa – que as pessoas só costumam associar com fúria, ira, com o lado guerreiro e vingativo dessa divindade, mas esquecem que também é Sekhmet quem aplaca a fúria, esquecem do seu “poder de cura” – lado/potencial que seria explorado na contemplação (diário de campo, 18/03/2018). Achou interessante o fato de ter aparecido em um dos capítulos da novela da Record “Dez Mandamentos” os personagens recorrendo à Sekhmet para pôr fim à uma praga que estava atormentando o povo (diário de campo, 18/03/2018). O W. L. mencionou que *os bruxos eram conhecidos como curandeiros antigamente, e que essa cura se referia ao físico, ao espiritual, ao outro, ao planeta* (diário de campo, 18/03/2018).

Na contemplação/meditação guiada propriamente dita, o W. L. pediu para relaxarmos, ficando confortáveis em nossas posições, e imaginarmos determinados cenários (gruta, deserto, oásis), divindades (Sekhmet e Bastet, deusa egípcia com cabeça de gata), um símbolo egípcio (*ankh/cruz ansata*) e o sol, além de ter mencionado um *chakra* que seria trabalhado: o plexo solar, localizado na região do estômago (diário de campo, 18/03/2018). Parte da visualização envolvia imaginar Sekhmet saindo do sol e colocando a mão no nosso plexo solar e, nesse momento, conversaríamos com a deusa, pedindo-lhe o que precisávamos curar/superar em nós, em nossas vidas (diário de campo, 18/03/2018). A meditação foi conduzida ao som do tambor tocado por outro wiccaniano, o F. L., que foi diminuindo o ritmo ao final (diário de campo, 18/03/2018).

Após a meditação, o W. L. chamou quem quisesse para se dirigir a ele para receber a unção do óleo e beber o chá de hibisco – feitos por ele especialmente para a ocasião (diário de campo, 18/03/2018). Considerando que parte do mito envolve Sekhmet ingerindo uma bebida que imitava sangue, à base de cerveja e uma pedra vermelha, preparada pelo deus Rá para acalmá-la/controlar sua fúria e “sede de sangue”, o wiccaniano optou por oferecer chá de hibisco – o qual era ingerido pelos egípcios –, e não cerveja, pelo fato de o alcoolismo ser “um problema sério” (diário de campo, 18/03/2018). O chá estava em uma garrafa plástica de água mineral e foi servido em uma taça vermelha, da qual poderíamos tomar um gole (diário de campo, 18/03/2018). Formamos uma fila, o F. L. voltou a tocar o tambor, outra pessoa usou o chocalho e o Claudiney Priteto, que estava presente, começou a entoar um cântico sobre cura do coração, de doenças etc. (diário de campo, 18/03/2018).

O W. L. untou as palmas das mãos e a região entre as sobrancelhas de cerca de 20 pessoas presentes, ofereceu a taça com o chá de hibisco e, ao retornarmos aos nossos lugares e sentarmos, sugeriu que passássemos o óleo na parte do corpo que achávamos que precisava de *cura* (diário de campo, 18/03/2018), como se o óleo fosse uma espécie de *remédio* para algum mal físico. Pelo cheiro suave e aspecto do óleo, ele pareceu ter sido confeccionado apenas com ingredientes naturais (diário de campo, 18/03/2018). Nessa segunda parte da atividade, a intenção de cura foi mais diretamente relacionada a aspectos físicos da nossa saúde, do nosso próprio corpo, não somente à superação de questões mais “abstratas” em nós e em nossas vidas.

Foi inevitável comparar a opção pelo chá de hibisco ao invés da cerveja e o cheiro suave e aspecto natural do óleo na contemplação acima mencionada com o “esbá em honra às forças primordiais da água” que eu havia participado no mês anterior, no Templo de Wicca Eleusiana. Neste, para nos prepararmos para a meditação de conexão com o deus grego Oceano, eu e as outras dez pessoas presentes ingerimos um elixir elaborado por uma

wiccaniana da tradição eleusiana, contendo Artemísia, mel, anis e absinto, tendo somente sido feita a ressalva de que aqueles que não pudessem beber álcool deveriam “apenas molhar a boca” (diário de campo, 01/02/2018). O elixir foi servido em copos descartáveis enchidos até a metade e a wiccaniana responsável por produzi-lo comentou que a bebida havia sido energizada com alguns cristais de lápis-lazúli, os quais ficaram do lado de fora, cercando a jarra e não dentro desta, por serem tóxicos (diário de campo, 01/02/2018). No último ritual do esbá, fomos orientados a untar uma vela com um óleo contendo essência artificial de algas marinhas e borrifarmos um papel (no qual escrevemos o que gostaríamos de “manifestar” em nossas vidas) com um spray de ambiente com o mesmo aroma forte do óleo (diário de campo, 01/02/2018).

No “esbá em honra às forças primordiais da água” também teve um momento mais explícito de “conscientização ambiental”, que seria mais reconhecido como referente à sustentabilidade: após o sacerdote a sacerdotisa wiccanianos contarem o mito envolvendo as divindades masculina e feminina gregas associadas ao mar, a wiccaniana L. falou sobre o quanto o oceano ainda é desconhecido por nós, especialmente em suas partes mais profundas, e o quanto e como o negligenciamos, poluindo-o – por isso pediu para nos comprometermos em conscientizar as pessoas ao nosso redor sobre a *importância de cuidar do oceano* (diário de campo, 01/02/2018). Segundo a L., quando vamos à praia, usamos plástico e o descartamos indevidamente: ele vai parar no mar e os animais marinhos não sabem distinguir seus alimentos habituais dos plásticos, acabaram ingerindo estes e morrendo; e as divindades que habitam o oceano também sofrem muito com todo esse descaso – o qual se estende ao elemento água como um todo: aos rios, lagos, à água que está presente em nossas torneiras e chuveiro, aquela que usamos para lavar os alimentos e inclusive a que está presente no nosso corpo; é um elemento desprezado, embora tenha uma importância fundamental para a vida do planeta e para a nossa (diário de campo, 01/02/2018).

Na mesma linha de um discurso que, teoricamente, aborda a sustentabilidade de modo mais evidente/explicito/direto/reconhecido como sendo referente ao tema, foi acrescentada (portanto não estava prevista inicialmente) à programação do dia mundial da deusa de 2017 a atividade “A Deusa como um paradigma ecológico e social”, graças à iniciativa do então bruxo/wiccaniano solitário S. L.<sup>87</sup>, com o seguinte texto acompanhando<sup>88</sup>:

É preciso resgatar a importância do ativismo ecológico e social dentro da Arte, tendo na Deusa a força motivadora para a transformação dos paradigmas patriarcais, que tem deixado como legado opressão e violência ecológica e social. O debate guiado pelo facilitador da atividade terá como objetivo central promover a importância de um Ativismo na Bruxaria, colocando como questão: se antes para tornar-se bruxo era necessário aprender a trabalhar técnicas e rituais, hoje tornar-se um é ir além disso, pois uma Bruxaria realmente profunda nos motiva a atuar no mundo e pelo mundo/a Deusa Manifesta. O debate procura trazer a reflexão que viver uma Arte alienada das questões ecológicas e sociais dos dias atuais é vivê-la pela metade, desse modo entendendo que o Círculo Mágico da Bruxaria está além do entalhe de um Athame, e sim compreende as esferas ambientais e sociais. Desse modo poderemos olhar sobre a questão da Amazônia com atenção e intenção! Haverá uma atividade prática ao fim da discussão.  
#BruxaseBruxosPelaAmazônia

No dia mundial da deusa de 2017, no Parque Ibirapuera, o S. L. deu início à sua fala mencionando a necessidade de se resgatar a origem da wicca, com Gerald Gardner: pensando no contexto da época (década de 1950 na Inglaterra), Gardner foi um ativista, e “a bruxaria é um ativismo por si mesma”, principalmente considerando o protagonismo da mulher (diário de campo, 03/09/2017). De acordo com o bruxo, o ativismo na wicca foi maior nas décadas de 70 e 80, tendo a norte-americana Starhawk – autora do livro *A dança cósmica das feiticeiras* – como figura de destaque (diário de campo, 03/09/2017). Nas suas palavras, a religião em questão tem uma origem acadêmica, por isso é importante estudar outras áreas (antropologia e arqueologia, por exemplo): assim, desenvolve-se um senso crítico maior, considerando que a wicca também pode ser alienante (diário de campo, 03/09/2017).

<sup>87</sup> Inicialmente, fiquei sabendo dessa inserção a partir das conversas que observei no grupo de Whatsapp do ERB-SP. Quatro dias antes do evento de celebração do dia mundial da deusa, o bruxo S. L. havia enviado uma mensagem no grupo fazendo um apelo aos “administradores do evento”, considerando a situação política precária do país e seu reflexo na devastação da Amazônia. Cerca de uma hora depois, o wiccaniano F. L., que era um dos organizadores do ERB-SP, respondeu que ele e o Claudiney Prieto adoraram a ideia e perguntou se poderiam juntos organizar a atividade no dia mundial da deusa, no Parque Ibirapuera.

<sup>88</sup> O texto foi publicado no espaço de discussão do evento no Facebook. Disponível em: <<https://www.facebook.com/events/1695616017151409/>>. Acesso em: 16 out. 2020.

De acordo com o bruxo S. L., tendo em vista o contexto global, não tem como a wicca ser descolada do social: a deusa – que vai além da wicca, pode ser acessada de outras formas – deve ser vista como um paradigma social, de coletivismo, diversidade, *sustentabilidade* (diário de campo, 03/09/2017). Ele afirmou que a magia não resolve tudo, que temos que ser mais realistas, pensar na causa/raiz dos problemas sociais, e fez o convite: “vamos trazer o sacerdócio para a questão social e ecológica” (diário de campo, 03/09/2017). O bruxo mora no interior e mencionou o seguinte exemplo pessoal de ação na qual demonstrou respeito à natureza: antes de fazer um ritual feito na mata, limpou o local, retirando o lixo que estava lá (diário de campo, 03/09/2017).

Para a atividade propriamente dita, o S. L. pediu para ficarmos de pé, darmos as mãos, respirarmos fundo e cantarmos algo do tipo “eu sou a deusa/ a deusa é a Terra” – indicando que a intenção era sentirmos que somos todos um, estamos interconectados –; andamos em círculo de mãos dadas e ele parou em cada ponto cardeal para saudar e invocar os poderes dos respectivos guardiões (diário de campo, 03/09/2017). Em seguida, pediu que tocássemos a terra, visualizássemos uma luz verde saindo do chão e sendo absorvida pelo nosso corpo, e emanássemos essa energia para todos os militantes nas causas ambientais e sociais (diário de campo, 03/09/2017). Por fim, o wiccaniano F. L. e a wiccaniana C. C. falaram a respeito das ameaças à Amazônia, do decreto<sup>89</sup> que teve seus efeitos suspensos e de outro projeto que estava fora do foco da mídia e das pessoas de um modo geral, mas que também representava uma ameaça à região (diário de campo, 03/09/2017).

No evento de comemoração de 20 anos de Bruxaria no Brasil, na mesa “Bruxos e a terra: nossa responsabilidade e o nosso legado”, a bruxa M. B. expôs sua crença segundo a qual o ser humano tem ligação com a natureza desde os primórdios e, com a evolução, ele passou a se achar superior – e isso provavelmente teve origem nos povos patriarcais da

---

<sup>89</sup> A referência foi ao Decreto nº 9.147, de 28 de agosto de 2017, que acabou sendo revogado cerca de um mês depois.

Europa anteriores ao cristianismo, o qual propagou essa ideologia e a Revolução Industrial piorou todo o cenário (diário de campo, 18/11/2018). *Para a bruxa, retrocedemos espiritualmente por termos nos desconectado da natureza e os praticantes de magia têm a responsabilidade e o dever de resgatar essa conexão, de consumir com consciência, de consumir o suficiente e respeitar todos os seres* (diário de campo, 18/11/2018). De acordo com a bruxa C. R., que veio de Curitiba para o evento em São Paulo, *o legado da bruxaria é uma questão de responsabilidade, a qual é ambiental e social*, e cada pequeno ato de amor é um ato da deusa: seja uma palavra de afeto, um lixo descartado no local certo, qualquer boa ação – doação de roupas e alimentos, por exemplo (diário de campo, 18/11/2018).

Segundo o wiccaniano R. C., é muito importante termos consciência do que retiramos da Terra: “não dá pra ser wiccaniano e não ter responsabilidade com a Terra” (diário de campo, 18/11/2018). Ele nos fez questionar a origem dos produtos que consumimos; afirmou ser vegetariano há 10 anos; disse que precisamos saber da onde vem os nossos alimentos, pensando especialmente naqueles de origem animal; e indicou o filme “Terráqueos” (diário de campo, 18/11/2018). Indagou quando foi a última vez que trocamos o celular, referindo-se à questão das baterias; citou o problema dos plásticos e sua presença no oceano; perguntou à plateia quem tinha canudo de metal, poucas pessoas se manifestaram e ele se mostrou indignado, afirmando que *estamos perdendo tempo se só cultuarmos sem agirmos* (diário de campo, 18/11/2018). Na sua visão, estamos vivendo um momento “muito sombrio” no Brasil e não se posicionar significa escolher o “lado sombrio”; todos os bruxos são ativistas, já dizia Starhawk; e o fundamentalismo religioso ataca tudo o que é sagrado para nós, inclusive a natureza (diário de campo, 18/11/2018).

No mesmo evento, como já mencionado nesta tese, a wiccaniana T. disse ter mudado de discurso ao longo das duas décadas de bruxaria no país: atualmente está mais introspectiva e considera que *a responsabilidade pela Terra começa em nós*; viu pessoas levantando

bandeiras e fazendo o oposto do que defendiam – por isso, *devemos nos conhecer, colocar a mão na consciência e viver o que acreditamos e defendemos, ter coerência* (diário de campo, 18/11/2018). *Questionou se estamos cuidando de nós mesmos, afirmou que não precisamos de feitiço para cuidar da Terra e que bruxaria é autoconhecimento, é respeitar nós mesmos e o outro (pessoa, animal, árvore) como ele quer ser respeitado – se não temos responsabilidade conosco, não teremos com nada nem ninguém, por isso considera fundamental o autoconhecimento* (diário de campo, 18/11/2018). Ou seja, no seu discurso, a wiccaniana T. relaciona a bruxaria com autoconhecimento, autocuidado, respeito pelo próximo – seja ele humano, animal ou planta –, e responsabilidade com a Terra, nessa ordem.

Na mesma linha, a wiccaniana J. J., enfatizou que é muito sério o nosso compromisso conosco, de consumo e de reuso; que temos que manter a coerência: se não temos responsabilidade conosco, não teremos com nada nem ninguém – por isso autoconhecimento é fundamental (diário de campo, 18/11/2018). Por fim, defendeu a importância de “*pensar global, agir local*” e *cuidar do nosso espaço sagrado* (diário de campo, 18/11/2018). A moderadora P. R. comentou que havia quatro copos descartáveis na mesa; afirmou que temos que pensar no dia a dia, em todos os nossos afazeres, além entrar na natureza com reverência; e mencionou que é do Rio de Janeiro e lá eles são “bruxos de asfalto”, mas tudo é matéria-prima transformada, tudo é natureza (diário de campo, 18/11/2018). A última parte dessa fala da bruxa P. R. lembra a ideia transmitida no seguinte trecho do livro *Ecologia urbana e poder local*, escrito pelo seu conterrâneo Alfredo Sirkis (2010, p.15-16):

Acostumamo-nos a pensar na cidade como criação humana totalmente separada do ambiente natural [...].

[...]. No entanto, se conseguirmos refletir melhor, percebemos que a cidade não constitui algo tão separado da natureza. A criação do homem interage incessantemente, para bem ou para o mal, com o ambiente natural que a rodeia e a envolve.

No ambiente construído, a natureza não chega a desaparecer; permanece à vista e não está apenas nas árvores e áreas verdes das ruas, das praças, dos parques, dos jardins e até mesmo dos terrenos baldios. Está no ar, nas águas dos rios, canais e lagoas; está na fauna, nos insetos e nos microrganismos que convivem conosco no ambiente urbano. As nossas construções são assentadas sobre uma geologia específica, que tem influência sobre tudo o que vai acontecer com elas e os seres

humanos que as habitam. Os materiais utilizados nelas (areia, terra, rocha, pedras, mármore, concreto, asfalto) pertencem ao entorno natural.

Alguns discursos presentes especialmente na atividade “A Deusa como um paradigma ecológico e social”, na celebração do dia mundial da deusa, em 03/09/2017, e na mesa “Bruxos e a terra: nossa responsabilidade e nosso legado”, no evento de comemoração dos 20 anos de bruxaria no Brasil, em 18/11/2018, transmitem claramente a ideia de que praticar a bruxaria é insuficiente se não houver ativismo, engajamento dos bruxos e bruxas, especialmente nas esferas ambiental e social. Os (as) bruxos (as) que se manifestaram nesse sentido não estão sozinhos/isolados (as) no meio do paganismo contemporâneo: este, segundo a Olsen (2015, p.48), diz respeito muito mais a atitudes do que a crenças. Tornar-se pagão envolve aceitar e assumir responsabilidade pelas crenças e ética adotadas, e isso é refletido no comportamento (HIGGINBOTHAM, J.; HIGGINBOTHAM, R., 2016).

Se a religião for encarada como uma reação ao atual sistema, o ativismo é necessário para que essa mudança ocorra, e este pode assumir diversas formas: mais diretas (ambientalismo, por exemplo) ou indiretas (como o consumo consciente), violentas ou pacíficas etc. (OLSEN, 2015, p.63). Em um contexto ocidental urbano, considerando que os pagãos também vivem num sistema capitalista e, portanto, são parte de uma sociedade de consumo, *uma das formas sustentáveis de se viver é através do consumo consciente* (OLSEN, 2015, p.48). Para Olsen (2015, p.63), a religião – a qual é, por si própria, uma visão de mundo – não pode ser separada da vida cotidiana: ações na vida política e social serão um reflexo do que a religião dá atenção.

Há quem recorra à bruxaria contemporânea ou ao neopaganismo pela ligação que ambos têm com a natureza, como é o caso de uma mulher de 26 anos que foi com sua mãe ao ERB-SP sobre animais de poder, no qual também mencionaram, na etapa de apresentação, seu amor pelos animais (diário de campo, 03/06/2018). Outras pessoas buscam a bruxaria ou o paganismo contemporâneo por entenderem que esse caminho religioso e/ou espiritual poderia

se adequar melhor à visão de mundo, comportamento e estilo de vida adotados. Nesse sentido, cabe mencionar uma mulher que, no momento inicial de apresentação dos participantes do 22º ERB-SP, disse ser vegana e estar buscando uma religião que se adequasse mais ao veganismo (diário de campo, 06/08/2017). A respeito da questão do vegetarianismo ou veganismo, que também apareceu na fala do bruxo R. C., na mesa “Bruxos e a terra: nossa responsabilidade e o nosso legado”, do evento de comemoração dos 20 anos de bruxaria no Brasil (diário de campo, 18/11/2018), é oportuno citar Brandão (1999, p.132-133, grifo do autor):

Assim é que hoje, como ontem, pode-se ser *vegetariano* por uma razão pessoal, associada eugenicamente à saúde do corpo [...]. Pode-se ser vegetariano em nome de alguma sensibilidade igualitária, entre homens e animais, sem que isso implique qualquer adesão a algum credo espiritualista de tipo neopanteísta, e onde uma espécie de “ideologia vegetariana” basta. Finalmente, pode-se aderir ao vegetarianismo por uma adesão antecedente a um sistema de sentido, onde, revista a lógica antropocêntrica e repensada em seus fundamentos uma ética dos relacionamentos homem/natureza, uma dieta vegetal se impõe. Essa última tem sido uma tendência bastante crescente aqui mesmo no Brasil.

Quando se ouve as pessoas das duas últimas alternativas acima, não é difícil perceber que, em boa medida, o centro de suas ideias, qualquer que seja o seu sistema de crenças de opção, está nesse reconhecimento de que o homem não é o senhor do mundo (e aqui as críticas ao cristianismo tradicional e à ferocidade *anti-cosmicizadora* do capitalismo e seus derivados simbólicos, econômicos e políticos, são lembradas com frequência), mas deve ser e considerar-se, ao contrário, um guardião do universo (e aqui imaginários religiosos, espiritualistas ou filosóficos de real ou suposta origem oriental são lembrados, com igual frequência).

A wiccaniana C. I., responsável por organizar o já mencionado “Jantar mágico de Samhain”, me disse no Whatsapp, em 09/04/2018, que, além de levar uma comida e bebida para compartilhar, eu deveria trazer comigo a travessa e a colher para servir o meu prato, talheres (garfo, faca, colher de sopa e sobremesa), cumbuca para sopa e sobremesa, copo e o prato que eu utilizaria para comer, pois no evento se buscava produzir a menor quantidade possível de lixo. Na época eu era vegetariana e levei um prato vegano – abóbora (em pedaços) assada com alho e sálvia. Também havia outros pratos vegetarianos (uma torta de legumes, por exemplo) e veganos (como uma moqueca de frutas) no jantar, além daqueles com carne (quibe e enroladinhos de salsicha em formato de dedo, por exemplo) (diário de campo, 27/04/2019). De acordo com o wiccaniano W. L., não é um consenso entre os wiccanianos e wiccanianas a questão de comer ou não carne: o que não é tolerado dentro da religião, por não

fazer sentido para esta, é o sacrifício animal, embora eles respeitem que faça sentido para outras religiões (diário de campo, 07/04/2019).

O “Jantar mágico de Samhain” aconteceu na Vila Mariana, no “Gaia – Centro de Saúde Integral” – definido em sua página no Facebook como “[...] um espaço de cura e saúde que integra profissionais das mais diversas áreas interessados no desenvolvimento positivo de todos que chegam até aqui”; aberto desde 16/11/18; que oferece, por exemplo, atendimentos terapêuticos e cursos<sup>90</sup>. Wiccaniano há anos, o dono do centro (D. S.) expressou sua concordância com a teoria de Gaia, do inglês James Lovelock, por isso o espaço tinha esse nome (diário de campo, 27/04/2019). O D. S. comentou que lá procuravam evitar ao máximo o uso de descartáveis e, por ele, também não seriam servidos refrigerantes, mas muitos levaram Coca-cola, e também havia bebida alcoólica (vinho e cerveja) no jantar (diário de campo, 27/04/2019).

Uma mulher, que chegou ao “jantar mágico” com sua filha criança e companheiro, trouxe descartáveis, avisando as pessoas ao redor enquanto os retirava da sacola plástica (diário de campo, 27/04/2019). Próximo a ela estava o wiccaniano D. S., o qual lhe disse (de modo sério e amigável ao mesmo tempo) que não era pra trazer descartáveis, que era pra cada um levar seu próprio prato etc. e ela respondeu, rindo, algo do gênero: “o planeta vai acabar antes que a gente acabe com ele” (diário de campo, 27/04/2019). Além dessa mulher, não vi outra pessoa se comportar da mesma maneira: todos pareceram estar com seus próprios utensílios (diário de campo, 27/04/2019).

Com relação à teoria de Gaia, James Lovelock (2006, p.12, 25 e 57) esclareceu que, apesar de o nome que deu à Terra ter relação com a divindade grega, ele não tinha em mente uma deusa ou “ser sensível” quando se refere à Gaia como um superorganismo, “[...] um sistema fisiológico único, uma entidade que é viva pelo menos até o ponto em que, assim

---

<sup>90</sup> Disponível em: < [https://www.facebook.com/pg/gaiasaudeintegral/about/?ref=page\\_internal](https://www.facebook.com/pg/gaiasaudeintegral/about/?ref=page_internal)>. Acesso em: 30 abr. 2019.

como outros organismos vivos, os seus processos químicos e a sua temperatura regulam-se automaticamente em um estado favorável aos seus habitantes”. Em suma,

Gaia é o nome com que os antigos gregos se referiam à deusa da Terra. Essa deusa, em comum com as divindades femininas de outras religiões antigas, era ao mesmo tempo gentil, feminina e nutriz, mas também impiedosamente cruel com qualquer um que malograsse em viver em harmonia com o planeta.

Esse nome parecia particularmente adequado para a nova hipótese, que tomou forma no final da década de 1960. [...]. Agora temos a teoria de Gaia, a qual reconhece que a evolução dos organismos se encontra tão intimamente articulada com a evolução do seu ambiente físico e químico que, juntas, constituem um único processo evolutivo, que é auto-regulador. Desse modo, o clima, a composição das rochas, o ar e os oceanos não são exclusivamente resultantes da geologia; são também as consequências da presença da vida. Por intermédio da atividade incessante dos organismos vivos, as condições sobre o planeta têm-se mantido favoráveis à sua ocupação pela vida durante os últimos 3,8 bilhões de anos. Qualquer espécie que afete adversamente o meio ambiente, tornando-o menos favorável para a sua progênie, acabará sendo banida, exatamente quando acontece com os membros mais fracos de uma espécie, que não conseguem passar pelo teste da aptidão evolutiva (LOVELOCK, 2006, p.25).

Antes de começar o ERB-SP sobre bruxaria no dia a dia, ao comentar com o wiccaniano (W.L.) responsável por conduzir o encontro a respeito do meu tema de pesquisa, ele fez questão de mencionar que evita ao máximo usar plástico: é a “rainha das ecobags”, sempre carrega uma; como bruxo, não usa nenhum instrumento feito de plástico, por razões “energéticas” e ambientais; prefere comprar garrafas retornáveis; reaproveita materiais etc. (diário de campo, 07/04/2019). Segundo o W. L., ele e outros bruxos convencionaram que em seus encontros não levam mais descartáveis: cada um leva seu prato, copo e talher, além de usarem canudo de inox – *quem não faz nada nesse sentido (da sustentabilidade) é visto com maus olhos dentro da comunidade* (diário de campo, 07/04/2019). O wiccaniano W. L. citou ainda seu interesse em trabalhar futuramente com filantropia, especialmente envolvendo idosos, animais, presidiárias e pessoas com AIDS, considerando que ele tem presenciado diversos amigos seus que estão lidando com a doença (diário de campo, 07/04/2019).

No ERB-SP sobre bruxaria no dia a dia, o wiccaniano W. L. – que é “bruxo o tempo todo, não tem como separar” – disse que, para ele, wicca significa equilíbrio, *a busca por equilíbrio sintetiza a bruxaria*, e é isso que ele busca no dia a dia, sem negar o caos: o caminho do meio, da justiça, da bondade (diário de campo, 07/04/2019). De acordo com o W.

L., *o bruxo é responsável por seu meio, por tudo: tem que fazer sua parte* – com relação a jogar uma latinha na rua ou ferir outra pessoa, por exemplo, o wiccaniano alertou: “olha o impacto que isso tá gerando” (diário de campo, 07/04/2019). Por causa da bruxaria, ele pensa muito nos outros, “até demais”: “tem que pensar antes de agir”, nas suas palavras (diário de campo, 07/04/2019). Também levantou “a questão da sustentabilidade”, olhando para mim e mencionando nossa conversa sobre o assunto, e disse: “tudo está interligado, tudo é o corpo da Deusa” (diário de campo, 07/04/2019).

Falando sobre o tema da sustentabilidade na visão do wiccaniano W. L., ele disse ser fumante e admitiu jogar bituca de cigarro no chão às vezes, mas evita ao máximo fazer isso (diário de campo, 07/04/2019). Segundo o bruxo, devemos tentar diminuir a quantidade de lixo que geramos; ele não utiliza plástico na sua prática de bruxaria e sempre usa *ecobags* (diário de campo, 07/04/2019). Em seguida, afirmou que há muitas pessoas doentes no mundo, com problemas psicológicos, e “o bruxo é um manipulador de energias, dos elementos”: se está em um local e percebe que “a energia está pesada”, pode fazer algo a respeito (diário de campo, 07/04/2019). Ou seja, ao lidarem com o que os bruxos e bruxas chamam de “elementos da natureza” (água, ar, fogo e terra), eles (as) podem ajudar a melhorar a “energia” de um local, que em tese teria influência sobre a saúde mental dos indivíduos presentes.

No papel de sacerdote, o wiccaniano W. L. aconselhou os participantes do encontro a evitarem ser nocivos a outras pessoas; a darem *atenção aos alimentos ingeridos*, ressaltando a importância da cozinha para as bruxas e citando o uso de temperos como canela e manjeriço; e fez outras recomendações, esclarecendo que não queria ser mestre de ninguém, tampouco era um exemplo/modelo a ser seguido (diário de campo, 07/04/2019). *O bruxo disse que medita enquanto está fazendo algo com as mãos – cozinhando, trocando roupa de cama, defumando o ambiente –, que sua meditação é muito mecânica* (diário de campo,

07/04/2019). Sobre o uso de ervas na bruxaria, comentou o seguinte: se não as tivermos, podemos usar óleos essenciais – ele usa muito e cita os de patchouli e de bergamota; os bruxos vivem em loja de artesanato e ervas; tudo o que formos fazer, devemos estudar antes, inclusive a respeito do uso de ervas; a queima da casca de alho é ótima para banimento<sup>91</sup>, mas deve ser feita com *cuidado*, pois a fumaça é *tóxica*; banho de canela com esta em excesso pode nos deixar “em carne viva” (diário de campo, 07/04/2019).

Nas palavras do wiccaniano W. L., “tem muito essa questão hollywoodiana da bruxaria, então as pessoas fantasiam algo que é muito simples”; a verdadeira magia é observar as pequenas coisas do cotidiano: lua, céu estrelado, pássaros, sol, cachoeira – lembrando que é o corpo da Deusa –, o sorriso de uma criança, vendo a divindade nele (diário de campo, 07/04/2019). Aconselhou a ajudar os outros com a própria arte, magia, poder – se alguém estiver precisando de *cura*, por exemplo, podemos nos dispor a ajudar com nosso “*poder de cura* –; a “viver a magia daquele momento”, tentar trazê-la para todos os momentos, fazendo *pequenos rituais, como pingar óleo essencial de lavanda no travesseiro para dormir bem*; a “*tentar minimizar os atos*”, *viver com equilíbrio, se preocupar com o mundo – tudo isso é bruxaria no dia a dia* (diário de campo, 07/04/2019). É possível observar que nesse encontro de bruxos falou-se em cura e práticas de (auto)cuidado e sustentabilidade como questões inseridas no cotidiano da bruxaria, dos seus adeptos.

No ERB-SP sobre estruturas de rituais, cujo foco, segundo o sacerdote (F. L.) que o conduziu, era a estrutura de rituais praticados solitariamente, o wiccaniano F. L. afirmou que *a ideia da prática do ritual é vivermos uma “consciência ritual” no cotidiano, vivermos o sagrado o tempo todo – a relação com o sol, com o nosso lixo, comida e família como sagrada –, pois não é assim no normal, e, quando atingirmos esse nível máximo, o ritual não será mais necessário* (diário de campo, 01/04/2018). Ele citou os *sabás como um dos tipos de*

---

<sup>91</sup> Segundo Prieto (2009, p.374), banimento tem o sentido de “expulsar ou neutralizar as energias negativas”.

*rituais que podemos celebrar por sermos partes da natureza: as mudanças na Terra (nas estações do ano) provocam mudanças em nós, por isso é importante sintonizar com essas “forças”, com esses ciclos* (diário de campo, 01/04/2018). De acordo com o bruxo F. L., os rituais são encenações de mitos e é importante compreender como cada mitologia de sabá pode ensinar uma lição; todo ritual deve gerar uma transformação interior: o problema é que as pessoas querem resultados rápidos; e o ritual vai sendo aperfeiçoado com o tempo: “a prática do ritual é uma arte” (diário de campo, 01/04/2018).

Com relação às etapas dos rituais, o wiccaniano F. L. explicou que o espaço deve ser carinhosamente preparado, *cuidando da beleza e harmonia do local*; deve ser feita uma purificação energética e mental, a qual tem o propósito de tirar as energias desarmônicas para nos aproximar dos deuses – nessa linha, pode ser feita uma limpeza pessoal (com banho de ervas, por exemplo) e do espaço (com incenso, spray aromático, sons/mantras, sinos tocados nas quatro direções cardeais etc.) (diário de campo, 01/04/2018). Segundo o bruxo, é importante que a área do ritual também esteja fisicamente limpa, lembrando que não há distinção entre o físico e o energético: “tudo é energia” (diário de campo, 01/04/2018). De fato, muitas das vezes nas quais estive no Santuário da Grande Mãe para fazer trabalho de campo, por exemplo, era comum ter alguém borrifando – com a intenção de purificar – um spray aromático ao redor de quem entrava na sala principal do templo. Antes de começar o ERB-SP sobre animais de poder, por exemplo, o wiccaniano A., que *“cuida do Santuário”* (suas palavras), explicou que iria nos purificar com um spray contendo água e alecrim para que todos entrássemos na “mesma sintonia”, e pediu para inspirarmos e expirarmos três vezes, deixando os problemas e ansiedades do lado de fora (diário de campo, 03/06/2018).

Ainda no tocante às etapas dos rituais, o wiccaniano F. L. disse que devemos criar/preparar um espaço sagrado por meio do “círculo mágico”, o qual representa a totalidade do mundo, do tempo, do espaço, do universo, do nosso ser; estar em um círculo é estar “entre

os mundos” (diário de campo, 01/04/2018). De acordo com o bruxo, o círculo é dividido em quatro direções (norte, sul, leste e oeste), as quais têm correspondência com os quatro elementos da natureza (água, ar, fogo e terra) – essa divisão e correspondência criam uma linguagem comum simbólica, permitindo que a wicca seja identificada, mas não se trata de um “espelho da natureza” (diário de campo, 01/04/2018). Nas suas palavras, devemos nos conectar com essa “unidade sagrada”, traçar o círculo três vezes (sendo 3 um número sagrado na wicca) e invocar os “poderes” de cada direção, visualizando/imaginando (relação entre imaginar e magia) que tudo isso está acontecendo (diário de campo, 01/04/2018).

Segundo o wiccaniano F. L., os deuses são invocados no norte, que é o reino do desconhecido, do mistério, a direção da Terra, da “grande mãe”, do feminino; na wicca, as invocações começam e terminam no norte (diário de campo, 01/04/2018). Quanto ao círculo, o sacerdote disse que é geralmente traçado com o athame – um punhal de fio duplo e cabo preto (PRIETO, 2002, p.37) –, mas pode ser traçado com o nosso dedo: os instrumentos representam uma parcela de nós que será usada no ritual, no entanto *podemos fazer um ritual só com o nosso corpo, porque temos os quatro elementos em nós – “nosso corpo é nosso templo”* (diário de campo, 01/04/2018). Ainda de acordo com o bruxo F. L., Gerald Gardner era totalmente contra sacrifícios, contra o uso do sangue para consagrar instrumentos, porque a wicca é focada/baseada na vida, não na morte (diário de campo, 01/04/2018).

No tocante ao círculo, o wiccaniano F. L. acrescentou que ele não é uma criação da wicca, é uma estrutura herdada de outras tradições mágicas mais antigas (diário de campo, 01/04/2018). Quando os praticantes de magia falam em “traçar o círculo” e “invocar os elementos”, por exemplo, eles estão criando um espaço sagrado, demarcando o mundo ordinário do mundo mágico, onde alteram seu estado de consciência (GREENWOOD, 2000, p.36). Na 12ª Conferência de Wicca & Espiritualidade da Deusa, na palestra “Introdução à criação de espaços sagrados”, com o Claudiney Prieto, o autor wiccaniano disse que espaço

sagrado significa a preparação de um espaço para torná-lo melhor/mais digno para a prática ritual; e, na wicca, começa-se lançando um círculo (diário de campo, 09/06/2018).

Nas palavras do Claudiney Prieto, quando criamos um espaço sagrado, é como se estivéssemos reencenando um mito de criação do nosso próprio mundo, criamos um microcosmo; nós também somos um microcosmo do macrocosmo: temos os quatro elementos da natureza em nós; e, ao chamarmos/invocarmos os elementos, juntamos a força que há dentro de nós com a que está fora (diário de campo, 09/06/2018). Conforme o autor wiccaniano, na tradição diânica nemorensis (TDN), uma vertente de wicca criada por ele, coloca-se água e sal no centro do círculo para representar o oceano primordial (sendo nosso primeiro “oceano” o útero da nossa mãe); e *“todo ritual é um momento de renascimento”, é uma possibilidade de cura* (diário de campo, 09/06/2018). Em seguida, ele começou a entoar na palestra um cântico pagão e diversas pessoas o acompanharam – em um trecho, ele dizia “eu sou o círculo e nele você me cura...” (diário de campo, 09/06/2018).

No início do ERB-SP sobre estrutura de rituais, o wiccaniano F. L. comentou o seguinte a respeito destes: “não existem observadores na Wicca”, isto é, todos participam, ajudam a “elevar a energia”; todos ficam em círculo, são iguais (diário de campo, 01/04/2018). Evidentemente, isso também se aplicou a mim como pesquisadora: para desenvolver esta tese da forma como eu desejava, foi fundamental participar dos rituais públicos junto com as bruxas e bruxos. Voltando ao encontro de bruxos, o sacerdote F. L. disse que se o ritual culminar com uma libação – ato de despejar um pouco de água ou vinho no chão como oferenda aos deuses (PRIETO, 2009, p.67) –, por exemplo, pode ser usado um cálice com vinho ou suco de uva, mas o mais comum é a libação de água na terra; *no caso do vinho, devemos ter cuidado com a natureza, diluindo o álcool na água* (diário de campo, 01/04/2018).

O wiccaniano F. L. também alertou que não devemos colocar sal na terra – e, nesse momento, a wiccaniana O. P. comentou que, na época em que ela havia morado em chácara, usava fubá para demarcar o círculo, pois o sal queima a grama (diário de campo, 01/04/2018). De acordo com o sacerdote F. L., no final do ritual devemos nos despedir das energias e deuses de cada direção, destravar o círculo e *compartilhar os elementos do ritual com a natureza – e, nesse último caso, cuidados ecológicos são importantes* – uma bruxa (que havia se apresentado como) solitária citou o *cuidado com o descarte da vela* e a wiccaniana O. P. mencionou que guarda as velas usadas no ritual (geralmente uma para cada direção) e as utiliza novamente só para esse propósito, até acabarem (diário de campo, 01/04/2018). *Aqui, assim como em outros momentos do trabalho de campo, “cuidado” apareceu praticamente como sinônimo de sustentabilidade.*

Na 12ª Conferência de Wicca & Espiritualidade da Deusa, na palestra “Introdução à criação de espaços sagrados”, ao responder a pergunta de um homem sobre a aquisição de objetos mágicos, o Claudiney Prieto *alertou sobre a questão da responsabilidade da comunidade (pagã) na compra de objetos para uso mágico, questionando por quem ele foi feito, se há trabalho escravo envolvido; e disse para se tomar cuidado com os materiais utilizados, pois alguns não conduzem energia, citando o plástico como exemplo* (diário de campo, 09/06/2018), que pode ser visto aqui também como uma espécie de “vilão” da sustentabilidade, mas numa perspectiva diferente, mais associada a uma suposta dimensão espiritual ou “energética” da referida noção. *Nesse caso, assim como em outros que presenciei no trabalho de campo, “cuidado” e “responsabilidade” com a Terra parecem sintetizar a noção de sustentabilidade.*

Terminada a discussão sobre o tema do 29º ERB-SP (estrutura de rituais), o wiccaniano F. L. pegou um tambor xamânico e começou ao tocá-lo conforme conduzia uma meditação para focarmos no presente e nos tornarmos inteiros, integrando todos os nossos

aspectos (intelectuais, emocionais, intuitivos e outros) (diário de campo, 01/04/2018). Na parte expositiva da atividade “Tamboreiros da Deusa”, na comemoração do dia mundial da deusa no Santuário da Grande Mãe, a sacerdotisa wiccaniana R. H. disse o seguinte a respeito do tambor: ele estende a vibração do corpo, o qual funciona a pulso; serve para *cura*, por exemplo; como um instrumento para uso sagrado, especialmente por ser percussivo, induz a estado alterado de consciência, *relaxa e nos ajuda a mergulhar dentro de nós*; e muitos reforçam a questão de a percussão ser um instrumento da terra, pelo uso da força e gravidade, mas quem leva o som até nós é o elemento ar, e a percussão toca o espírito (associado ao fogo) e pode tocar nossas emoções (relacionadas à água) (diário de campo, 02/09/2018). Na atividade propriamente dita, é importante mencionar que tinha uma mulher que havia confeccionado seu próprio tambor *reaproveitando materiais recicláveis* (diário de campo, 02/09/2018).

Na parte expositiva do ritual “Encontrando nosso lugar na Terra com Wakanee”, realizado pelo Claudiney Prieto, o autor comentou a respeito da *wicca americana*, na qual ocorreu fusão com as práticas nativas, ser “*muito mais feminista e ambientalista que a inglesa*” – “muito cerimonial” –; de sua primeira base como wiccaniano ter sido a wicca diânica, que é xamânica; da deusa Wakanee pertencer ao xamanismo norte-americano, sendo celebrada na região do Noroeste Pacífico; dos deuses norte-americanos serem espíritos/forças nativas divinas, não exatamente deuses, e *se conectar com eles ajuda a curar nossa alma*; e do mito de Wakanee ensinar que *nosso contato com o sagrado pode se dar no nível individual, não sendo necessário pertencer a uma tradição, e que o ato de uma pessoa se reflete na vida de muitos – poder da conexão/unidade/imanência –*, por isso o mito fala sobre a *responsabilidade em cada ato e a necessidade de nos conectarmos à natureza* (diário de campo, 17/03/2019)<sup>92</sup>. No mito, Wakanee se torna a primeira xamã do mundo e, segundo o

---

<sup>92</sup> Diário referente ao trabalho de campo realizado no Santuário da Grande Mãe, das 17h45 às 20h, num domingo. 25 pessoas (mais ou menos a mesma proporção de homens e mulheres e a maioria aparentava ter mais

Claudiney Prieto, xamãs são todos aqueles que “transitam entre os mundos”: portanto, os bruxos também são (diário de campo, 17/03/2019).

A partir do que o autor wiccaniano contou sobre o mito de Wakanee, consegui registrar no diário de campo basicamente o seguinte: o mito começa com uma mudança das estações do ano, com um inverno muito longo, e os sábios da tribo disseram que isso estava acontecendo porque alguém havia infringido as leis da natureza. Descobriram que Wakanee, em suas brincadeiras, havia matado sem querer um pássaro – uma espécie de corvo, o animal totêmico da tribo – com uma pedra. Como nas tribos não existe essa noção de individualidade, o que ela fez reverberou em toda a tribo e a primavera não chegava. Os pais de Wakanee pediram para ela vestir sua roupa mais bela para um ritual, andaram juntos por um bom tempo em meio à neve até uma lagoa congelada e disseram para ela caminhar até o centro do lago. Quando ela alcançou o centro, a primavera chegou instantaneamente, o lago descongelou, ela afundou e desapareceu. Um ano depois, na primavera seguinte, crianças da tribo brincando no lago encontraram uma pedra de gelo e descobriram que Wakanee estava lá dentro. Quando descongelou, ela estava viva, lembrava de tudo como se fosse um sonho e contou o que se passou em “outro mundo” enquanto estava congelada. Ela se torna a primeira xamã do mundo e passa a ensinar a todos rituais de conexão com a natureza que não precisam ser tão penosos como o que ela tinha passado (diário de campo, 17/03/2019).

Com base no que o Claudiney Prieto contou a respeito do *mito de Wakanee* e dos seus ensinamentos, pode-se concluir que este *dá importância tanto à conexão estabelecida intencionalmente pelo indivíduo com a natureza (considerada sagrada) através de rituais quanto à conexão existente independentemente do ritual, na qual as ações de cada um se refletem no todo, no coletivo, na natureza, por isso exige responsabilidade, cautela, cuidado.*

No tocante a essa outra conexão, o autor explica que para os (as) wiccanianos (as)

---

de 20 anos e alguns, mais de 40) participaram do ritual, que foi divulgado no site do Santuário e no Facebook. Disponível em: < <http://www.santuariodagrandemae.com.br/>> e < [https://www.facebook.com/santuariodagrandemae/?ref=br\\_tf&pa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/santuariodagrandemae/?ref=br_tf&pa=SEARCH_BOX)>. Acesso em: 18 mar. 2019.

O Divino não é algo transcendente e nem separado da humanidade. Ele está dentro, fora e ao nosso redor. Acreditamos que todas as coisas que existem são diferentes manifestações da Deusa, pois por Ela foram criadas. Isto desenvolve a ideia de que tudo está interconectado, como os fios de uma mesma teia que forma o grande todo. Se um de seus fios for danificado, toda a teia também será. Assim, prejuízos individuais são encarados de maneira coletiva e o dano de um é prejudicial para o todo. A isso damos o nome de imanência.

Este conceito é muito antigo e podemos encontrar referências a ele em diversas culturas centradas na Terra. [...]. Este é o ponto de partida para entendimento da conduta e ética de um Bruxo (PRIETO, 2009, p.18).

Essa crença, visão de mundo e discurso dos bruxos e bruxas contemporâneos segundo a qual indivíduo, coletivo e natureza estão interligados lembra uma matriz que embasa o discurso mais geral do universo neoesotérico estudado por Magnani (1999, 2005) nos anos 90 em São Paulo: um modelo de triângulo em cujas pontas estão a Totalidade/Natureza/Mãe-Terra/o Planeta, o Indivíduo e a Comunidade. “O modelo ideal [...] supõe o indivíduo, tomado em sua integralidade (corpo/mente/espírito), que pertence ao seio de uma comunidade considerada harmônica e se aperfeiçoa nele; ambos imersos e integrados numa realidade mais inclusiva e total, da qual é preciso tomar consciência” (MAGNANI, 1999, p.90). Além disso, esse modelo de triângulo que dá suporte ao discurso mais geral de quem está de algum modo inserido no universo neoesotérico e/ou da bruxaria contemporânea também parece estar presente no modelo de análise da Roberts (2011) no qual três níveis de cura se inter-relacionam: a cura de si; dos outros/da comunidade e da Terra/planetária. E, a partir do que observei em campo esses dois modelos (seriam o mesmo?), poderiam ser aplicados ao cuidado de si, do outro/coletivo e da Terra.

No caso da Terra, não se trata propriamente de cuidar *dela*, mas sim de um cuidado *com ela*, na relação estabelecida com ela, a qual demanda *responsabilidade* – e pode-se dizer que aqui a noção de sustentabilidade estaria, de certo modo, ainda mais explícita, por envolver práticas socialmente reconhecidas como sustentáveis. O cuidado (ou conselhos sobre cuidado) e a cura do outro/coletivo parecem ser assumidos pelas bruxas e bruxos contemporâneos – os quais, nesta pesquisa, em geral são sacerdotisas e sacerdotes pertencentes a tradições de wicca – que conduzem encontros, atividades, meditações (muitas delas visando ao cuidado e à cura

de si) e rituais públicos (alguns deles voltados à cura da Terra, considerada doente por causa dos danos causados pelo homem à natureza). No ERB-SP sobre bruxaria no dia a dia, por exemplo, após dar diversas dicas de práticas de cuidado de si e com relação ao outro e ao planeta, além de aconselhar os participantes do encontro a se disporem a ajudar com seus “poderes de cura” alguém que estiver precisando, o wiccaniano W. L. disse: “tentem fazer essas coisas, vai ser benéfico pra vocês” (diário de campo, 07/04/2019).

No ERB-SP sobre animais de poder a L. L., wiccaniana que o conduziu, disse o seguinte: ela encontrou a wicca pesquisando a respeito de animais de poder; era ateia, *sofria com problemas de saúde e percebeu uma mudança de vida, de consciência, quando participou do primeiro ritual*, o qual foi relacionado ao tema; *tudo o que temos para aprender é só observar na natureza*; cada animal tem uma sabedoria muito própria e devemos pesquisar sobre as características específicas do animal de poder – “o nosso grande guardião, a nossa essência bruta”, representa grandes lições a serem aprendidas, as nossas buscas, qualidades e defeitos etc., “é como se fosse o nosso anjo da guarda”: nascemos com ele e ele nos protege – nesse ponto, fez uma comparação com o catolicismo e a julgou útil por ser uma referência conhecida por todos nós; *para os xamãs, líderes espirituais de um povo, os animais podem trazer a cura* (diário de campo, 03/06/2018). E, segundo o Claudiney Prieto, temos não só um animal de poder, mas também uma erva de poder, um cristal de poder e assim por diante, todos representando parte da nossa essência; portanto, *conectar-se com a natureza é se conectar com partes de nós mesmos que estão fragmentadas* (diário de campo, 17/03/2019).

Na etapa ritualística do ERB-SP sobre animais de poder, o wiccaniano (A.) que auxiliou a wiccaniana L. L. no encontro colocou uma bacia de madeira com milho e outros grãos e sementes no centro do círculo onde estávamos sentados, fazendo uma “oferenda coletiva” – a qual seria posteriormente depositada nos “pés de uma árvore” – à “Pachamama”/ “Mãe Terra” para que a nossa jornada xamânica fosse segura (diário de

campo, 03/06/2018). Ao final do ritual, o wiccaniano A. pediu para levantarmos os braços e trazermos a “energia movimentada” para o nosso coração, deixando o excesso de energia fluir para a terra, para a “Mãe Terra”, *curando o planeta* (diário de campo, 03/06/2018). No único encontro que participei da comunidade Wicca Sampa, no Parque da Juventude, o wiccaniano (R. G.) que o conduziu disse ter um “trabalho mágico” com o referido parque para trazer uma “energia de alegria” para o local, considerando o massacre do Carandiru, e para nos conectarmos com o elemento terra (diário de campo, 26/08/2017). O bruxo R. G. trouxe um pequeno pote com grãos de arroz, milho e lentilha e pediu para cada um dos cinco participantes pegar um punhado e colocar em outro recipiente, oferecendo aos espíritos guardiões de lá, e jogou tudo em volta de um arbusto próximo (diário de campo, 26/08/2017).

O wiccaniano R. G. também ensinou alguns cânticos pagãos que invocam os quatro elementos da natureza e, ao final do encontro, conduziu uma *meditação para o nosso equilíbrio e maior conexão com a Terra* (diário de campo, 26/08/2017). Quando disse ao R. G. que estava fazendo doutorado na área de sustentabilidade, ele se colocou à disposição e comentou que conhece wiccanianos que lidam com sustentabilidade (diário de campo, 26/08/2017), me apresentando a uma delas na celebração do orgulho pagão daquele ano (diário de campo, 21/10/2017). Sacerdotisa da mesma tradição que o R. G., a wiccaniana J. F. é formada em gestão ambiental (diário de campo, 21/10/2017) e, numa conversa privada que tivemos por Facebook e Whatsapp em 30/09, 05/10 e 07/10 de 2019 sobre a relação entre sua religião e seu trabalho na área de meio ambiente, ela disse o seguinte: *a bruxaria, “não com o nome wicca”, “e toda essa relação com a sacralidade da natureza” tem sido uma verdade para ela desde a adolescência; “a questão da natureza, mais do que a sustentabilidade, mais do que a bruxaria, a natureza em si sempre foi uma verdade” para ela; “a religião está associada ao trabalho, assim como o trabalho está associado à religião, mas uma coisa não foi decorrente da outra: foram escolhas simultâneas por uma verdade pessoal”*.

*A fala da wiccaniana J. F. é muito significativa por ter atribuído uma espécie de hierarquia de crenças e valores pessoais na qual a natureza está no topo, a sacralidade da natureza vem em seguida, depois a bruxaria e, no mesmo patamar, a religião wicca e seu trabalho na área de meio ambiente/sustentabilidade. Parte dessas conexões estabelecidas pela bruxa e por outras bruxas e bruxos contemporâneos em suas crenças e práticas pode ser entendida a partir da leitura do trecho a seguir, no qual Magnani (2000, p.37-39), ao analisar o fenômeno da Nova Era nos anos 90 no Brasil, relaciona ideia de imanência, perspectiva holística, xamanismo, valorização da natureza (sacralizada) e propostas ecológicas:*

Diferentemente da crença judaico-cristã ocidental em um Deus pessoal e transcendente, a Nova Era recupera a visão de um princípio superior ou divino, mas não separado do mundo e do homem. Esta escolha tem como consequência a perspectiva holística, segundo a qual o todo e as partes se integram. Isso implica a não divisão entre corpo, mente e espírito, a substituição das ideias de pecado e culpa pela busca do auto-aprimoramento e uma importância dada mais ao conhecimento interior do que a verdades reveladas. [...].

[...]

De cosmologias indígenas e sistemas xamânicos tradicionais a Nova Era retira a ideia de uma valorização da natureza que, sacralizada, conjuga-se com a perspectiva imanentista descrita mais acima: todos os seres participam de um mesmo movimento cósmico. Essa vertente combina-se com algumas propostas ecológicas que, longe de considerarem a natureza como objeto de dominação, por parte do homem, fundem-nos num mesmo processo mais amplo e que, no limite, em suas versões mais espiritualizadas, não se distingue do próprio princípio divino.

Com relação a essa fonte, cabe assinalar que as referências são geralmente aos povos andinos, a índios do território norte-americano e ao xamanismo “clássico” do norte da Ásia.

Antes de começar a roda de conversa “A importância do trabalho com o nosso folclore para a cura da nossa Terra – Reclaiming Brasil”, na celebração do dia do orgulho pagão de 2019, conversei com dois bruxos (D. K. e L. A.) da tradição californiana *reclaiming* e, ao comentar sobre a minha pesquisa, um deles (o L. A.) disse não saber se o tema da roda de conversa, relacionado à *cura da Terra*, tinha “tanto a ver” com *sustentabilidade* e que ele poderia pensar em pessoas que me ajudariam melhor (diário de campo, 26/10/2019) – outra fala significativa. Esta, assim como outras, revelam *que certas bruxas e bruxos contemporâneos enxergam a sustentabilidade como uma área específica na qual alguns deles estudam, trabalham e/ou como uma ideia incorporada em seus cotidianos, discursos e*

*encontros através de determinadas práticas socialmente reconhecidas como sustentáveis, tais como consumo consciente; uso de ecobags ao invés de sacolas plásticas, de canudo de metal no lugar do canudo plástico, de utensílios pessoais de cozinha ao invés de descartáveis; alimentação sem carne; posicionamentos políticos relacionados ao meio ambiente, dentre outras.*

Na roda de conversa “A importância do trabalho com o nosso folclore para a cura da nossa Terra – Reclaiming Brasil”, como já foi mencionado, o bruxo L. A. afirmou que “há uma conexão muito grande entre a terra que aquela bruxa vive e ela”; temos que “sair do antropocentrismo”; e *a cura da Terra tem a ver com o contato que estabelecemos com o nosso local, não só com os trabalhos mágicos para curar a Terra*, “que já é bem velhinha e sabe se cuidar” (diário de campo, 26/10/2016). Nenhum dos bruxos que conduziu a roda de conversa era de São Paulo – dois eram do Rio de Janeiro e outro, de Campinas – (diário de campo, 26/10/2016), e essa foi a única vez que presenciei em campo uma ênfase maior ao local, ao Brasil, às particularidades de onde nascemos e vivemos. Estariam as bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo tão imersos na cultura de fora que se desconectaram da local?

Ao final da roda de conversa, fomos convidados a fazer o breve “feitiço das águas de todo mundo”: o bruxo D. K. mencionou que a jarra (prateada disposta no meio do altar montado no centro da sala para a ocasião) continha um pouco da água de diversos locais do mundo e que poderíamos colocar um pouco da nossa (garrafa) se desejássemos; durante o feitiço, repetimos algumas vezes a frase “que as águas de todo mundo corram limpas e puras” (diário de campo, 26/10/2019). Conforme consta no site da tradição<sup>93</sup>, trata-se de “um trabalho de cura, transformação e proteção para as águas do nosso planeta”, ficando o seguinte convite à comunidade pagã brasileira: “vamos enfeitiçar nosso Brasil e dissolver o

---

<sup>93</sup> Disponível em: < <https://reclaimingbrasil.com/2018/12/05/feitico-das-aguas-de-todo-mundo/>>. Acesso em: 11 nov. 2020.

ódio e o fascismo em tempos tão obscuros”. No site<sup>94</sup> também fica evidente a centralidade, para a *reclaiming*, do *ativismo por meio da cura de si, do coletivo e da Terra* e de como tudo isso está interligado:

Nossa Tradição nasceu e se sustenta tendo o ativismo como prática diária e de suma importância. Entendemos que, se a Terra está doente, precisamos agir para curá-la. Se nós, enquanto sociedade, estamos doentes, precisamos curar a nós mesmos. Somos completamente contra qualquer forma de opressão e apoiamos as minorias, empoderando e crescendo juntos, por acreditar que cada um de nós é o que é porque nós somos juntos. A Reclaiming Brasil está constantemente trabalhando magicamente para curar nossa terra e proteger as nossas minorias.

Convidamos a quem sentir este chamado para também trabalhar mágico-politicamente conosco.

---

<sup>94</sup> Idem.

## 4 CONCLUSÃO

No primeiro capítulo, procurei esclarecer o caminho percorrido para a escolha do tema, desenvolvimento da pesquisa e sua finalidade. Logo no início, é possível verificar que meu contato com a etnografia como um método no campo da pesquisa social foi fundamental nesse processo. Embora praticantes de diferentes caminhos religiosos e espirituais ao redor do mundo tenham incorporado e lidado às suas maneiras com a sustentabilidade e outras questões atuais relevantes, optei por realizar meu trabalho de campo junto às bruxas e bruxos contemporâneos (wiccanianas, wiccanianos, bruxas e bruxos de outras tradições de bruxaria e as/os que a praticam individualmente) em São Paulo, especialmente, mas não de modo exclusivo, os que frequentaram o Santuário da Grande Mãe – templo da religião de origem inglesa wicca inaugurado em janeiro de 2018 e situado na Vila Mariana, bairro da zona centro-sul da cidade –, em razão da maior visibilidade dos wiccanianos e wiccanianas que organizaram os encontros, rituais e atividades lá, da regularidade destes e do número de participantes.

A figura da bruxa ainda está presente e até mesmo em evidência na sociedade, sendo muitas vezes uma espécie de símbolo de rebeldia contra o machismo, homofobia, racismo, preconceito religioso, degradação ambiental etc. Não é à toa que a wicca – a qual integra a bruxaria contemporânea – e outras religiões e espiritualidades inseridas no neopaganismo, incluindo a relação intrínseca que (em tese e em suas práticas rituais) possuem com a natureza, têm sido objeto de estudo no Brasil e fora, em diversas áreas de conhecimento, especialmente no campo da antropologia e ciências da religião.

O Facebook foi a principal plataforma utilizada para descobrir grupos, pessoas e eventos associados à bruxaria, e o trabalho de campo começou (em agosto de 2017) e

terminou (em dezembro de 2019) com o Encontro Regional de Bruxos (ERB) – idealizado, assim como o Santuário da Grande Mãe, pelo autor wiccaniano Claudiney Prieto. Considerando a combinação do trabalho de campo com a bibliografia interdisciplinar para viabilizar a construção da tese, esta pesquisa pode ser caracterizada como transdisciplinar.

O norte da pesquisa é a relação das bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo com a sustentabilidade. Com o seu andamento, percebi que ligado a esta podem estar as questões do (auto)cuidado e da cura, significativamente presentes nos encontros, rituais públicos e discursos das bruxas e bruxos de hoje. O objetivo e a contribuição da pesquisa é mostrar que existem, além daquelas socialmente reconhecidas como tal, diferentes formas de expressão da ideia de sustentabilidade, tendo como base os discursos e práticas rituais de pessoas cuja religiosidade e espiritualidade estão, em tese, intrinsecamente ligadas à natureza e que à sua maneira se apropriam de e se identificam com a figura da bruxa.

No segundo capítulo, foi possível observar como wicca, movimento de contracultura, neopaganismo, neoxamanismo e fenômeno da Nova Era estão interligados de diversos modos e o fato de certas ideias relacionadas à sacralização do feminino e da natureza terem o poder de alimentar ações e discursos voltados, por exemplo, à defesa do meio ambiente. Também foi mostrado como a wicca – importante religião no âmbito da bruxaria contemporânea – se espalhou da Inglaterra e dos Estados Unidos para o restante do mundo, incluindo o Brasil, e a importância que internet tem tido na divulgação da religião, de eventos associados e de contato entre os (as) adeptos (as) e interessados (as).

Conceituei a bruxaria contemporânea como um caminho religioso e/ou espiritual, geralmente inserido no âmbito do neopaganismo, mas que também pode extrapolar seus limites ou estar fora deles, mesclando-se a diferentes religiões e espiritualidades; ligado à natureza e aos seus ciclos, celebrados através de rituais; cujas (os) praticantes se autodenominam bruxas (os); e no qual a cura – por meio de rituais e da natureza – ocupa um

lugar privilegiado. Antes da cura e/ou junto dela entra o (auto)cuidado, e ambos podem se relacionar à sustentabilidade, a qual também tem seu próprio lugar de destaque na bruxaria contemporânea.

Entendo que a bruxaria contemporânea e seus praticantes estão inseridos numa cultura de (auto)cuidado e cura, a qual é encarada de modo mais intenso e com um maior senso de responsabilidade por aqueles que assumem o papel de sacerdotes e sacerdotisas no âmbito de suas tradições. Tanto o cuidado quanto a cura se referem a aspectos físicos/do corpo, mentais, emocionais e espirituais nos âmbitos individual, coletivo e planetário/da Terra/da natureza, estando todos esses aspectos e âmbitos interligados – numa perspectiva que pode ser chamada de holística.

Reforcei que um assunto, ideia ou prática não estabelece uma relação direta com a sustentabilidade só quando esse substantivo – cuja origem, de acordo com a literatura, não é historicamente tão recente quanto à da expressão “desenvolvimento sustentável” – ou o seu adjetivo “sustentável” é utilizado. É significativo para esta tese o fato de a “Virada Sustentável” de 2019 em São Paulo, por exemplo, ter tido entre as atividades relacionadas ao tipo “saúde e bem-estar” – como referência ao 3º ODS – rituais, meditações e vivências terapêuticas e de cura envolvendo sagrado feminino, astrologia e práticas integrativas e complementares.

Defendo que, de modo geral, a ideia de sustentabilidade tem a ver com o tipo de relação que o ser humano estabelece com a natureza para que tanto a vida humana quanto outras deste planeta sejam preservadas. Para ser saudável, essa relação deve ser conduzida com cuidado e responsabilidade, e isso inclui o uso cuidadoso e responsável dos recursos naturais. No entanto, pela situação problemática do nosso planeta, sabemos que esse dever não tem sido cumprido. Pode-se dizer que a Terra está doente, portanto, precisa ser cuidada e curada.

No terceiro capítulo, defini as bruxas e bruxos contemporâneos como pessoas deste tempo social, de diversos graus de escolaridade, níveis de engajamento (em causas sociais, ambientais, feministas e outras), faixas etárias, etnias, classes sociais, profissões e orientação afetiva que praticam, individual ou coletivamente, a bruxaria contemporânea. Em campo me deparei com bruxas e bruxos jovens e alguns com idade mais avançada; que são mães, pais e avós; casados e solteiros; professores, pesquisadores, estudantes, psicólogos, artesões, terapeutas holísticos, tarólogos, astrólogos, escritores na área de bruxaria; e muitos são da comunidade LGBT.

Obviamente, esta pesquisa não abrangeu todos os bruxos e bruxas da cidade de São Paulo: como esclarecido no primeiro capítulo, optei por realizar a maior parte do meu trabalho de campo no Santuário da Grande Mãe, sem excluir outros eventos importantes que os referidos adeptos participaram e/ou organizaram. Tanto as atividades do Santuário quanto a maioria desses outros eventos aconteceram no bairro da Vila Mariana, próximos ao metrô. Compareceram bruxas (os) e simpatizantes de diversas regiões da cidade, inclusive da região metropolitana e de outras cidades do estado de São Paulo e de estados vizinhos. Devido ao atual contexto pandêmico, os rituais no Santuário foram cancelados em março de 2020 e passaram a ser realizados online nos finais de semana, sendo transmitidos na própria página do templo no Facebook.

Ficaram evidentes algumas influências do fenômeno da Nova Era sobre a bruxaria contemporânea e seus praticantes, assim como o desconforto de certos (as) bruxos (as) – no geral, os (as) que encaram e defendem a religião wicca numa perspectiva institucional – com relação a quem recorreu à wicca pelo destaque que ela ganhou no meio religioso e espiritual alternativo. Pela literatura e trabalho de campo, foi possível notar que ainda há resquícios da Nova Era dos anos 90 e 2000 no tocante àquelas pessoas que transitam entre religiões, espiritualidades, saberes, cursos, práticas e terapias, e algumas delas se autodenominam

bruxas (os), mas está longe de ser desprezível a quantidade de wiccanianos (os) com os quais estive em campo que encaram e/ou defendem a wicca de certa forma como instituição religiosa – a própria idealização e inauguração do Santuário da Grande Mãe parece ter relação com isso – e de modo que não seja possível nem faça sentido ser adepto (a) à ela e à outra religião ao mesmo tempo.

Entre as bruxas e bruxos contemporâneos, assim como entre neopagãos e pessoas imersas em religiões e espiritualidades da Nova Era, é comum haver referências a povos tradicionais e antigos que em tese tinham uma relação de respeito com a natureza, seus ciclos e a mulher, vistos como sagrados, divinos. Assim, ao entrarem, individual ou coletivamente, em contato com mitos desses povos em rituais, por exemplo, parecem de certo modo acreditar que estão resgatando ensinamentos para lidarem consigo mesmos, com os outros e com a natureza de forma mais integrada, harmoniosa, equilibrada, saudável, respeitosa, responsável.

Entre os termos “autocuidado”, “cura” e “sustentabilidade”, o que mais apareceu (com uma frequência considerável) entre as bruxas e bruxos pesquisados foi “cura”. A palavra “sustentabilidade” foi empregada apenas algumas vezes e o termo “autocuidado” foi pouco utilizado: suas ideias e práticas é que estiveram mais presentes. O substantivo “cuidado” e até mesmo o verbo “cuidar” ocuparam um lugar de destaque nos discursos, principalmente quando se refere a uma cautela ao lidar com a natureza, a um cuidado com o planeta. De qualquer forma, como deixei claro nesta tese, as três palavras e seus sentidos estão interligados, especialmente quando abordados no meio da bruxaria contemporânea e de seus praticantes.

Nos diferentes encontros, atividades e rituais públicos que participei, a meditação – normalmente guiada por sacerdotes/sacerdotisas wiccanianos (as) – apareceu como uma das principais práticas de autocuidado e cura (física, mental, emocional, espiritual e planetária) entre os bruxos e bruxas. E, nas meditações, muitas vezes são utilizados cristais, ervas, óleos,

velas, incensos e outros itens associados aos objetivos da atividade proposta, além de todas terem sido conduzidas ao som de tambor(es) xamânico(s) e muitas terem envolvido a visualização mental de cenários da natureza. Entendo que as sacerdotisas e sacerdotes wiccanianos responsáveis pela condução dos rituais, atividades, encontros e meditações, para além do autocuidado e da cura de si, assumem a função de cuidar e curar (d)o outro/coletivo e (d)a Terra com suas práticas dentro da wicca.

Alguns discursos presentes em campo transmitiram claramente a ideia de que praticar a bruxaria é insuficiente se não houver ativismo, engajamento dos bruxos e bruxas, especialmente nas esferas ambiental e social – e os (as) bruxos (as) que se manifestaram nesse sentido não estão isolados (as) no meio do paganismo contemporâneo. Há quem recorra a este ou à bruxaria contemporânea pela ligação que ambos têm com a natureza ou por entenderem que esse caminho religioso e/ou espiritual poderia se adequar melhor à visão de mundo, comportamento e estilo de vida adotados.

Cura, práticas de (auto)cuidado e sustentabilidade também foram abordadas como questões inseridas no cotidiano das bruxas e bruxos de hoje. Em diversos momentos durante o trabalho de campo, o tema do cuidado e responsabilidade com a Terra pareceram sintetizar a noção de sustentabilidade: a relação estabelecida com o nosso planeta demanda *responsabilidade* – e nesse caso pode-se dizer que a sustentabilidade estaria de certo modo ainda mais explícita, por envolver práticas socialmente reconhecidas como sustentáveis. O cuidado/conselhos sobre cuidado e a cura do outro/coletivo parecem ser assumidos pelas bruxas e bruxos contemporâneos que conduzem encontros, atividades, meditações (muitas delas visando ao cuidado e à cura de si) e rituais públicos (alguns deles voltados à cura da Terra, considerada doente por causa dos danos causados pelo homem à natureza).

Algumas falas citadas nesta pesquisa revelaram que certas bruxas e bruxos contemporâneos enxergam a sustentabilidade como uma área específica na qual alguns deles

estudam, trabalham e/ou como uma ideia incorporada em seus cotidianos, discursos e encontros através de determinadas práticas socialmente reconhecidas como sustentáveis, tais como consumo consciente; uso de ecobags ao invés de sacolas plásticas, de canudo de metal no lugar do canudo plástico, de utensílios pessoais de cozinha ao invés de descartáveis; alimentação sem carne; posicionamentos políticos relacionados ao meio ambiente, dentre outras.

A única vez que presenciei em campo uma ênfase maior ao local, ao Brasil, às particularidades de onde nascemos e vivemos, foi no evento de celebração do dia do orgulho pagão em 2019, mais especificamente numa roda de conversa da tradição *reclaiming* de bruxaria, na qual os adeptos que a conduziram eram de outras cidades brasileiras. Por isso, fiz o seguinte questionamento: estariam as bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo tão imersos na cultura de fora que se desconectaram da local? E termino esta tese com outro: se a sustentabilidade tem a ver com o tipo de relação que o ser humano estabelece com a natureza, não seria mais promissora uma relação de maior proximidade, em todos os sentidos? No meu caso, ao me aproximar de praticantes de um certo caminho religioso e/ou espiritual tão conectado (em tese) à natureza, consegui ampliar meu olhar sobre a sustentabilidade, trazendo nesta pesquisa diferentes formas de expressão da referida ideia.

## REFERÊNCIAS

ADLER, Margot. **Drawing down the moon: witches, druids, goddess-worshippers, and other pagans in America.** The classic study revised and updated with new resource guide: over 300 listings of groups, festivals, publications and web sites. New York: Penguin Books, 2006.

BENISTE, José. **Mitos Yorubás: o outro lado do conhecimento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

BOFF, Leonardo. **Sustentabilidade: o que é: o que não é.** 4a ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Somos as águas puras.** Campinas: Papirus, 1994.

CAPRA, Fritjof. **As conexões ocultas: ciência para uma vida sustentável.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. São Paulo: Cultrix, 2005.

CAPRA, Fritjof. **O ponto de mutação.** Tradução de Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARASCO, Daniela. Conheça as novas bruxas: elas são gatas e bombam nas redes sociais. **Universo Online**, São Paulo, 10 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/01/10/as-bruxas-influencers-conheca-as-feiticeiras-mais-bombadas-das-redes.htm>>. Acesso em: 2 jun. 2020.

CASTRO, Dannyel Teles de. A festa das almas: o culto aos ancestrais no neopaganismo. **Último Andar**, São Paulo, n. 28, p. 125-140, 2016.

CASTRO, Dannyel Teles de. **Neopagãos na cidade: sociabilidade e estilo de vida entre adeptos do neopaganismo.** 2017. 200 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Centro de Ciências Sociais e Educação, Universidade do Estado do Pará, Belém, 2017.

CORDOVIL, Daniela. O poder feminino nas práticas da Wicca: uma análise dos “Círculos de Mulheres”. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 431-449, maio-ago., 2015.

CORDOVIL, Daniela. Espiritualidades feministas: relações de gênero e padrões de família entre adeptos da wicca e do candomblé no Brasil. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, Coimbra, n. 110, p. 117-140, 2016.

CORDOVIL, Daniela. Sexualidade, espiritualidade e conjugalidades na Wicca Brasileira. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 37, n. 1, p. 85-103, 2017.

CORDOVIL, Daniela; CASTRO, Dannel Teles de. Espiritualidades holísticas na metrópole da Amazônia: presença e expansão de religiões de Nova Era em Belém, Pará. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 28, n. 2, p. 115-137, jul.- dez. 2014.

DUARTE, Janluis. **Os bruxos do século XX: neopaganismo e invenção de tradições na Inglaterra do Pós-Guerras**. 2008. 170 f. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

DUARTE, Janluis. **Reinventando tradições: representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil**. 2013. 231 f. Tese (Doutorado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Departamento de História, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

DRAPKIN, Jennifer et al. Spiritual development through the chakra progression: an explorative study of empirically-derived profiles of spiritual connection. **Open Theology**, Vienna, v. 2, p.605-620, 2016.

ELIADE, Mircea. **Mitos, sonhos e mistérios**. Tradução de Samuel Soares. Lisboa: Edições 70, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 3: o cuidado de si**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque. 6a ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2019.

GARDNER, Gerald B. **A bruxaria hoje**. Tradução de Julia Vidili. São Paulo: Madras, 2003.

GENNEP, Arnold Van. **Os ritos de passagem**. Tradução de Mariano Ferreira. Petrópolis: Vozes, 1978.

GUILOUSKI, Borres; COSTA, Diná Raquel D. da. Ritos e rituais. In: JORNADA INTERDISCIPLINAR DE PESQUISA EM TEOLOGIA E HUMANIDADES, 2., 2012, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Pontifícia Universidade Católica do Paraná. Escola de Educação e Humanidades, 2012.

GREENWOOD, Susan. **Magic, witchcraft and the otherworld: an anthropology**. Oxford: Berg, 2000.

HAMMERSLEY, Martyn; ATKINSON, Paul. **Ethnography: principles in practice**. 3rd ed. New York: Routledge, 2007.

HANEGRAAFF, Wouter J. Espiritualidades da Nova Era como uma religião secular: perspectiva de um historiador. Tradução de Fábio L. Stern. **Religare**, João Pessoa, v. 14, n.2, dez. 2017.

HIGGINBOTHAM, Joyce; HIGGINBOTHAM, River. **Paganism: an introduction to Earth-centered religions**. 15th. ed. Woodbury, Minnesota: Llewellyn Publications, 2016.

KOSMIN, Barry A.; MAYER, Egon; KEYSAR, Ariela. **American religious identification survey**. New York: City University of New York, 2001.

LOVELOCK, James. **Gaia: cura para um planeta doente**. Tradução de Apeph Teruya Eichemberg e Newton Roberval Eichemberg. São Paulo: Cultrix, 2006.

MAGNANI, José Guilherme C. **Mystica urbe: um estudo antropológico sobre o circuito neo-esotérico na metrópole**. Coleção cidade aberta. São Paulo: Studio Nobel, 1999.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **O Brasil da Nova Era**. Coleção Descobrindo o Brasil. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. Xamãs na cidade. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 218-227, set./nov. 2005.

MILARÉ, Édis. **Direito do ambiente**. 8a ed. São Paulo: Revista dos Tribunais, 2013.

MORENO, Renata (Org.). **Feminismo, economia e política: debates para a construção da igualdade e autonomia das mulheres**. São Paulo: SOF Sempreviva Organização Feminista, 2014.

MURPHY-HISCOCK, Arin. **The witch's book of self-care: magical ways to pamper, soothe, and care for your body and spirit**. Avon: Adams Media, 2018.

NIGHTMARE, M. Macha. **Bruxaria na internet**. Tradução de Claudiney Prieto. Rio de Janeiro: Nova Era, 2007.

OLSEN, Trine Fjelde. **New animism: new perspectives on contemporary religiosity and political ecology through activism rooted in a non-dual reality.** 2015. Thesis (Master in Global Studies) – School of Mission and Theology, Stavanger, May, 2015.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Transformando nosso mundo: a agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável.** Tradução do Centro de Informação das Nações Unidas para o Brasil (UNIC Rio). Brasília: ONU, 2015.

PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica *Laudato Si'*: sobre o cuidado da casa comum.** Roma: Tipografia Vaticana, 2015.

PRIETO, Claudiney. **ABC da bruxaria.** Coleção Gaia Alemdalenda. São Paulo: Gaia, 2002.

PRIETO, Claudiney. **Wicca para todos.** Distribuição gratuita pelo autor à comunidade pagã. Claudiney Prieto, 2009.

PRIETO, Claudiney. **Wicca: a religião da deusa.** 53a ed. São Paulo: Alfabeto, 2017.

ROBERTS, Rosemary. “Healing my body, healing the land”: healing as sociopolitical activism in Reclaiming Witchcraft. **Ethnologies**, Quebec, v. 33, n.1, p. 239-256, 2011.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. **História da bruxaria.** Tradução de Álvaro Cabral e William Lagos. 2a ed. São Paulo: Aleph, 2019.

SÃO PAULO (Estado). Lei nº 16.309, de 13 de setembro de 2016. Institui o “Dia Estadual dos Wiccanianos, Cultuadores do Sagrado Feminino, Pagãos e Praticantes das Artes Mágicas”. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 14 set. 2016.

SÃO PAULO (Estado). Decreto nº 64.881, de 22 de março de 2020. Decreta quarentena no Estado de São Paulo, no contexto da pandemia do COVID-19 (Novo Coronavírus), e dá providências complementares. **Diário Oficial do Estado de São Paulo**, São Paulo, SP, 23 mar. 2020.

SIRKIS, Alfredo. **Ecologia urbana e poder local.** 3a ed. adaptada. Rio de Janeiro: TIX, 2010.

STARHAWK. **A dança cósmica das feiticeiras: guia de rituais para celebrar a deusa.** Tradução de Ann Mary Fighiera Perpétuo. 5a ed. Rio de Janeiro: Nova Era, 2003.

STUCKRAD, Kocku von. Reenchanting nature: modern western shamanism and nineteenth-century thought. **The American Academy of Religion**, v. 70, n. 4, p.771-799, Dec. 2002.

TADDEI, Renzo. **Meteorologistas e profetas da chuva**: conhecimentos, práticas e políticas da atmosfera. São Paulo: Terceiro Nome, 2017.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. **Um bruxo e seu tempo**: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais. 2012. 178 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. **A Deusa não conhece fronteiras e fala todas as línguas**: um estudo sobre a religião Wicca nos Estados Unidos e no Brasil. 2016. 191 f. Tese (Doutorado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016.

URRY, John. **Mobilities**. Cambridge: Polity Press, 2015.

VALIENTE, Doreen. **The rebirth of witchcraft**. Ramsbury: Robert Hale, 2016.

VEIGA, José Eli da. **Desenvolvimento sustentável**: o desafio do século XXI. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.

VEIGA, José Eli da. **Para entender o desenvolvimento sustentável**. São Paulo: Editora 34, 2015.

WICKSON, F.; CAREW, A. L.; RUSSELL, A. W. Transdisciplinary research: characteristics, quandaries and quality. **Futures**, v. 38, n. 9, p.1046-1059, nov. 2006.

## **ANEXO – Manifesto da Fellowship of Isis**

Tradução de Eva Monteiro de Almeida<sup>95</sup>

(O Manifesto da FOI foi criado originalmente em 1976 e foi actualizado por Olivia Robertson muitas vezes ao longo dos anos. A mais recente revisão, de Julho de 2005, está exposta abaixo.)

Um número crescente de pessoas estão a redescobrir o amor deles/delas pela Deusa. A princípio, este amor pode parecer não mais que um sentimento interno. Mas depressa se desenvolve; torna-se um desejo para ajudar activamente a Deusa na manifestação do plano divino dela. Assim, a pessoa ouve tais perguntas como, "Como posso ser iniciado nos Mistérios da Deusa? Como posso experimentar uma comunhão mais íntima com ela? Onde estão os mais próximos templos e devotos? Como posso juntar-me ao sacerdócio da Deusa? ", e muitas outras perguntas.

O Fellowship of Isis (Irmandade de Isis) foi fundado para responder a estas necessidades. Esta Sociedade provê meios de promover uma comunhão mais íntima entre a Deusa e cada membro, ambos isoladamente e como parte de um grupo maior. Há centenas de Iseums e milhares de membros no mundo inteiro, desde que a Irmandade foi fundada em 1976 por Lawrence, Pamela e Olivia Durdin-Robertson. São expressados amor, Beleza e Verdade por uma Irmandade multi-religiosa, multi-cultural e multi-racial. O bem em todas as fés é honrado. O Fellowship of Isis não tem nenhuma afiliação particular.

A Irmandade é organizada numa base democrática. Todos os membros têm privilégios iguais, quer como membro solitário ou parte de um Iseum ou Lyceum. Este manifesto

---

<sup>95</sup> Disponível em: < [http://www.fellowshipofisis.com/man\\_portuguese.html](http://www.fellowshipofisis.com/man_portuguese.html)>. Acesso em: 7 set. 2020.

também se aplica às sociedades de filhas: a College of Isis, a Spiral of the Adepti, a Spiral of Alchemy, a Noble Order of Tara e o Druid Clan of Dana.

A Irmandade respeita a liberdade de consciência de cada membro. Não são requeridos votos ou compromissos de sigilo. Todas as atividades da Irmandade são opcionais e os membros são livres de resignar, sem que sejam feitas perguntas. A Irmandade é gratuita.

A Irmandade reverencia todas as manifestações de Vida. O Deus também é venerado. Os Ritos excluem qualquer forma de sacrifício, seja ele factual ou simbólico. A Natureza é venerada e conservada. O trabalho da Noble Order of Tara é o da a conservação da Natureza.

A Irmandade aceita a tolerância religiosa, e não é exclusivista. Os membros são livres para manter outras submissões religiosas. A Sociedade está aberta a todos de qualquer religião, tradição ou raça. São bem-vindas as crianças, listadas como "Crianças de Isis", sujeito a consentimento parental. O "Família Animal de Isis" aceita os membros animais e amigos de pássaro nos centros.

A Irmandade acredita na promoção de Amor, Beleza e Abundância. Nenhum encorajamento é dado ao asceticismo. A Irmandade busca desenvolver amizade, dons psíquicos, felicidade, e compaixão por toda a vida. O Druid Clan of Dana desenvolve os dons psíquicos da Natureza.

A College of Isis foi reavivada depois de sua supressão 1,500 anos atrás. Assim como Aset Shemsu, O F.O.I. ele mesmo, sempre esteve vivo nos Planos Internos. Foi nestes Planos Internos que o seu retorno se inspirou. Podem ser conferidos graus de Magi por Lyceums da College. São oferecidos cursos de correspondência. Não há nenhum voto nem segredo.

Os Iseums são os próprios Fornos da Deusa (Hearths of the Goddess), ou Deusa e Deus a Quem eles são dedicados. Estes são listados, juntamente com Lyceums, Groves e Pories no Diretório de Homepage do FOI. Todos estes centros são apenas para o membros do FOI.

O Sacerdício do Fellowship of Isis provém de uma linha hereditária de Robertson do Antigo Egípto. Sacerdotisas, sacerdotes, qualquer membro, tem igual valor. As sacerdotisas e sacerdotes trabalham com a Deusa - ou Deusa e Deus - da própria Fé. Todo o ser humano, animal, pássaro, árvore é uma descendência eterna da Família Divina da Vida, da Deusa Mãe.

# CURRÍCULO LATTES



## Naira Juliani Teixeira

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/5526627986529486>

ID Lattes: 5526627986529486

Última atualização do currículo em 24/06/2021

Bacharela em Direito pela Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP), Mestra em Ciências pelo Programa de Pós-Graduação em Ciência Ambiental (PROCAM) do Instituto de Energia e Ambiente (IEE) da USP e Doutora em Ciências pelo Programa de Saúde Global e Sustentabilidade da Faculdade de Saúde Pública da mesma Universidade. Estagiou na Procuradoria Federal Especializada do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA), no Gabinete do Departamento de Controle da Qualidade Ambiental (DECONT-G) da Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente (SVMA) e, como parte do Programa de Aperfeiçoamento de Ensino (PAE), na disciplina "Antropologia da Saúde", ministrada pelo Professor José Miguel Nieto Olivar. **(Texto informado pelo autor)**

## Identificação

<b>Nome</b>	Naira Juliani Teixeira
<b>Nome em citações bibliográficas</b>	TEIXEIRA, N. J.; TEIXEIRA, Naira Juliani; Naira Juliani Teixeira
<b>Lattes iD</b>	<a href="http://lattes.cnpq.br/5526627986529486">http://lattes.cnpq.br/5526627986529486</a>

## Endereço

## Formação acadêmica/titulação

<b>2017 - 2021</b>	Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade. Faculdade de Saúde Pública da USP, FSP/USP, Brasil. Título: (Auto)cuidado, cura e sustentabilidade entre bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo, Ano de obtenção: 2021. Orientador:  Maria da Penha Vasconcellos. Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Palavras-chave: Sustentabilidade; Autocuidado; Cura; Wicca; Neopaganismo.
<b>2015 - 2017</b>	Mestrado em Ciência Ambiental. Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, IEE/USP, Brasil. Título: Licenciamento ambiental portuário na Zona Costeira: a serviço do desenvolvimento sustentável?, Ano de Obtenção: 2017. Orientador:  Sônia Maria Flores Giancesella. Bolsista do(a): Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES, Brasil. Palavras-chave: Desenvolvimento sustentável; Licenciamento ambiental; Zona Costeira; Portos; Atividades portuárias. Grande área: Outros Grande Área: Outros / Área: Ciências Ambientais / Subárea: Sustentabilidade. Grande Área: Outros / Área: Ciências Ambientais / Subárea: DIREITO AMBIENTAL.
<b>2010 - 2014</b>	Graduação em Direito. Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: Competência executiva no licenciamento ambiental federal. Orientador: Ana Maria de Oliveira Nusdeo.

## Formação Complementar

<b>2019 - 2019</b>	Acupuntura. (Carga horária: 1200h). Centro de Estudos Shen Long, -, Brasil.
--------------------	--



## Maria da Penha Vasconcellos

Endereço para acessar este CV: <http://lattes.cnpq.br/3628660302048530>

ID Lattes: 3628660302048530

Última atualização do currículo em 25/02/2021

Professora Associada III da Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo. Graduada em Psicologia, mestrado em Psicologia Social, ambas pela PUC-SP e doutorado e livre docência pela Universidade de São Paulo. Orientadora dos Programas de Pós-Graduação em Saúde Pública, Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade e Mestrado em Ambiente, Saúde e Sustentabilidade, na Faculdade de Saúde Pública - USP. Pesquisadora e co-coordenadora do Núcleo interdisciplinar de estudos em Ciências Sociais e sustentabilidade - NIECSs. Membro da Associação Internacional de Ciências Sociais e Humanas em Língua Portuguesa- AILPCSH. Integrante do Programa Cidades Globais do Instituto de Estudos Avançados da USP. Áreas de interesse em pesquisa: políticas públicas, territórios e desigualdades sociais, pesquisa social, questões socioambientais, indicadores sociais e sustentabilidade ambiental. **(Texto informado pelo autor)**

### Identificação

<b>Nome</b>	Maria da Penha Vasconcellos
<b>Nome em citações bibliográficas</b>	VASCONCELLOS, M. P.; Vasconcellos, Maria da Penha Costa; VASCONCELLOS, MARIA DA PENHA; VASCONCELLOS, MARIA P.; DA PENHA VASCONCELLOS, MARIA
<b>Lattes iD</b>	<a href="http://lattes.cnpq.br/3628660302048530">http://lattes.cnpq.br/3628660302048530</a>
<b>Orcid iD</b>	<a href="https://orcid.org/0000-0003-2666-9485">https://orcid.org/0000-0003-2666-9485</a>

### Endereço

<b>Endereço Profissional</b>	Universidade de São Paulo, Faculdade de Saúde Pública. Avenida Dr. Arnaldo 715 Cerqueira César 01246904 - São Paulo, SP - Brasil Telefone: (11) 30667703 Fax: (11) 30850240 URL da Homepage: <a href="http://www.usp.br">http://www.usp.br</a>
------------------------------	--

### Formação acadêmica/titulação

<b>1995 - 2000</b>	Doutorado em Saúde Pública (Conceito CAPES 6). Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: Os (des)caminhos da formação sanitária e os direitos sociais: uma reflexão a partir da Escola de Saúde Pública de Minas Gerais, Ano de obtenção: 2000. Orientador:  Jair Lício Ferreira Santos. Palavras-chave: Formação Sanitária; políticas públicas; políticas sociais.
<b>1986 - 1992</b>	Mestrado em Psicologia (Psicologia Social) (Conceito CAPES 4). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil. Título: A doença mental acima de qualquer suspeita: Franco da Rocha e a prática psiquiátrica na cidade de SÃO Paulo - 1885 à 1923, Ano de Obtenção: 1992. Orientador:  Mary Jane Paris Spink. Bolsista do(a): Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, CNPQ, Brasil. Palavras-chave: políticas públicas; psiquiatria; psicologia social.
<b>1990 - 1991</b>	Especialização em Saúde Pública. (Carga Horária: 1092h). Universidade de São Paulo, USP, Brasil. Título: não se aplica.
<b>1974 - 1979</b>	Graduação em Psicologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, Brasil.

### Pós-doutorado e Livre-docência